

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

LEANDRO FREITAS OLIVEIRA

**ALVORECER DAS LÂMINAS:
O FORTALECIMENTO DO NACIONAL-SOCIALISMO NO BLACK METAL EM
SANTA CATARINA (2014 - 2022)**

**CHAPECÓ
2024**

LEANDRO FREITAS OLIVEIRA

**ALVORECER DAS LÂMINAS:
O FORTALECIMENTO DO NACIONAL-SOCIALISMO NO BLACK METAL EM
SANTA CATARINA (2014 - 2022)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Fronteira Sul — UFFS como requisito para obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Emerson Neves da Silva

CHAPECÓ

2024

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Oliveira, Leandro Freitas
ALVORECER DAS LÂMINAS:: O FORTALECIMENTO DO
NACIONAL-SOCIALISMO NO BLACK METAL EM SANTA CATARINA
(2014 - 2022) / Leandro Freitas Oliveira. -- 2024.
f.

Orientador: Emerson Neves da Silva

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da
Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em História,
Chapecó, SC, 2024.

I. Silva, Emerson Neves da, orient. II. Universidade
Federal da Fronteira Sul. III. Título.

LEANDRO FREITAS OLIVEIRA

**ALVORECER DAS LÂMINAS:
O FORTALECIMENTO DO NACIONAL-SOCIALISMO NO BLACK METAL
CATARINENSE (2014-2022)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 4/12/2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Emerson Neves da Silva – UFFS
Orientador

Prof. Dr. Francisco Canella – UDESC
Avaliador

Prof. Dr. José Radin – UFFS
Avaliador

Dedico este trabalho a minha filha Lorena
Wachholz Oliveira e ao saudoso
vô João.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu avô, João, que aos 105 anos desejava retornar aos estudos e discutir com seu neto (eu) muitas histórias. Ainda me lembro, como se fosse hoje, o instante que recebi seu telefonema numa quarta-feira de fevereiro de 2016. Com uma voz cansada, o senhor me disse: “Já comprei uma camisa nova e um caderno para voltar a estudar. Falei para a diretora que você irá lecionar História aqui. Agora poderemos conversar sobre a ditadura militar, que foi ótima para construir avenidas e até para a economia. Só não foi bom para as pessoas.” Pouco sabia o avô João, que no dia 21 de abril cumpriria sua última etapa da vida e que jamais teria seu neto, Leandro, como seu professor de História...

Tia Neuza, jamais irei esquecê-la. Não há palavras para agradecer todo carinho que teve comigo durante toda sua vida. Peço perdão por não conseguir visitá-la a tempo... Sinto muito. A Lorena guarda com muito carinho o desenho que fez da senhora. Esporadicamente ela me cobra: “Papai, quando iremos à São Paulo? Quero dar um abraço bem forte na tia Neuza e entregar o desenho que fiz para ela.” Não me vejo forte o suficiente e tão pouco encontro as palavras certas para dizer que esse dia nunca chegará.

Dani, você mora no meu coração! É minha melhor inspiração.

Agradeço de coração, meu grande mestre e nobre amigo: Prof. Carlos Queiroz. Este sempre me apoiou e incentivou. Nos momentos mais difíceis, quando pensei em desistir, nele encontrei palavras de apoio que foram determinantes para eu terminar esta pesquisa.

Agradeço ao meu Prof. Dr. Emerson Neves que acreditou na minha proposta de pesquisa. Como meus alunos dizem: Você é Top!

Não posso deixar de agradecer aos meus amigos de turma: Lucas Knapik e Ricardo Oberderfer. Vocês são muito legais! Obrigado pela parceria.

Minha amiga de todas as horas, Mariana, obrigado por todo apoio e confiança.

Ao meu nobre amigo Mauro, que sempre acreditou que tudo daria certo. Valeu.

Agradeço a UFFS pela oportunidade.

É importante ter em mente que para pensar soluções para uma realidade, devemos tirá-la da invisibilidade (RIBEIRO, D. 2019, p. 11).

RESUMO

O presente trabalho versa sobre o aumento de simpatizantes ao nazifascismo dentro do *black metal* catarinense. Visa compreender o contexto histórico, político e cultural que proporcionou o fortalecimento do nacional-socialista black metal (NSBM) em Santa Catarina e como os progressistas têm reagido diante desse fenômeno, tendo como recorte temporal 2014 a 2022. A partir da crise econômica estadunidense de 2008, uma onda de extrema-direita tem conquistado espaço em diferentes países, como Donald Trump nos EUA e Marine Le Pen na França. No Brasil tal sintoma pode ser sentido, principalmente, a partir das eleições presidenciais de 2014, com a união dos partidos de direita, da participação política das igrejas pentecostais e pelo movimento antipetismo provocado pela operação Lava a Jato. Neste contexto, representados politicamente pela extrema-direita no poder, inúmeros participantes da cena do Metal catarinense aderiram a essa vertente política e proliferaram seus ideais abertamente. A metodologia utilizada envolve pesquisa descritiva, exploratória, bibliográfica, documental e História Oral, por entrevistas com participantes e membros de bandas de alto prestígio da cena catarinense. Ao longo de três capítulos, é demonstrado que o apreço pelo nazifascismo por parte da cena do Metal catarinense está intrinsecamente associado ao seu passado conservador.

Palavras-chave: Black Metal; Santa Catarina; Extrema-direita; Bolsonaro; Fascismo.

ABSTRACT

The present work discusses the increase of sympathizers of Nazifascism within the black metal scene in Santa Catarina. Its objective is to understand the historical, political, and cultural context that allowed the strengthening of National Socialist Black Metal (NSBM) in Santa Catarina and how progressives have reacted to this phenomenon, focusing on the period from 2014 to 2022. Since the 2008 U.S. economic crisis, a wave of far-right movements has gained space in different countries, such as Donald Trump in the U.S. and Marine Le Pen in France. In Brazil, this trend has been particularly noticeable since the 2014 presidential elections, with the unification of right-wing parties, the political involvement of Pentecostal churches, and the anti-Workers' Party (PT) movement fueled by the Operation Car Wash investigation. In this context, politically represented by the far-right in power, numerous participants in the metal scene in Santa Catarina adhered to this political ideology and openly spread their ideals. The methodology used involves descriptive, exploratory, bibliographical and documentary research, as well as Oral History, through interviews with participants and members of high-profile bands in the Santa Catarina scene. Over the course of three chapters, it is demonstrated that the appreciation for Nazifascism within the Santa Catarina metal scene is intrinsically linked to its conservative past.

Keywords: Black Metal; Santa Catarina; Far-right; Bolsonaro; Fascism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|-----|
| Figura 1 - Reign in Blood | 45 |
| Figura 2 - Slaytanic Wehrmacht | 46 |
| Figura 3 - Integrantes do Placenta | 47 |
| Figura 4 - Cartaz: Show do Placenta | 48 |
| Figura 5 - Nergal combate os Antifa | 52 |
| Figura 6 - War Coalition | 54 |
| Figura 7 - Usando camiseta da Absurd | 63 |
| Figura 8 - Ridicularizando o combate ao racismo. | 65 |
| Figura 9 - Quarto de um comunista | 67 |
| Figura 10 - Necrobutcher (1988) | 73 |
| Figura 11 - 1° Show no Curupira Rock Club | 76 |
| Figura 12 - Show exclusivo de BM no Curupira (1992) | 77 |
| Figura 13 - <i>Black Metal</i> em Gaspar e Maravilha | 78 |
| Figura 14 - Materiais nazistas em SC | 89 |
| Figura 15 - Cartaz de Hitler em Itajaí–SC | 91 |
| Figura 16 - Goatpenis - Incinerando o símbolo da paz | 95 |
| Figura 17 - Goatpenis: “ <i>No remorse... Just push the buttom. Blessed up War.</i> ” | 96 |
| Figura 18 - Goatpenis - 3° Tape-demo - Jesus Covarde | 97 |
| Figura 19 - Goatpenis - Saudação nazista | 99 |
| Figura 20 - <i>Satanic Skinhead</i> - 2015 | 100 |
| Figura 21 - Black Metal Skinhead - 2019 | 100 |
| Figura 22 - Guitarrista da Goatpenis usando Absurd - 2020 | 101 |
| Figura 23 - Goatpenis - Armas | 102 |
| Figura 24 - Homofobia nas redes sociais | 117 |
| Figura 25 - Ato pró-Bolsonaro - 7 de setembro de 2021 - Salvador-BA | 125 |
| Figura 26 - Ato pró-Bolsonaro - 7 de setembro de 2021 - Florianópolis–SC | 126 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|------|------------------------------------|
| NS | Nacional-Socialista |
| BM | Black Metal |
| NSBM | Nacional Socialista Black Metal |
| MEC | Ministério da Educação |
| ESH | Escola sem Homofobia |
| PNDH | Plano Nacional de Direitos Humanos |

SUMÁRIO

| | | |
|----------|--|------------|
| | RESUMO | 08 |
| | LISTA DE ILUSTRAÇÕES | 10 |
| | LISTA DE ABREVIACÕES E SIGLAS | 11 |
| | INTRODUÇÃO | 12 |
| 1 | CAPÍTULO I — SANTA CATARINA. A HISTÓRIA DO ROCK | 22 |
| 1.1 | Santa Catarina e seu histórico conservador | 22 |
| 1.2 | A origem do rock como um movimento de contracultura | 31 |
| 1.3 | O Surgimento do Nacional-Socialismo no Black Metal | 40 |
| 1.4 | Varg Vikernes: o mentor do NSBM | 56 |
| 2 | CAPÍTULO II — BLACK METAL EM SANTA CATARINA (1988-2022) | 69 |
| 2.1 | A gênese e perfil do extremo rock catarinense | 71 |
| 2.2 | Ativismo dos nazifascistas na cena catarinense | 81 |
| 2.3 | Goatpenis: a banda de extrema-direita em Santa Catarina | 94 |
| 3 | CAPÍTULO III — DA CRISE ECONÔMICA MUNDIAL AO FASCISMO EM SANTA CATARINA | 104 |
| 3.1 | Santa Catarina: o estado que mais apoia o fascismo (bolsonarismo) | 103 |
| 3.2 | (Des) Messianismo de Bolsonaro | 118 |
| 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 133 |
| | REFERÊNCIAS | 137 |

INTRODUÇÃO

A partir do contato com diferentes eventos de *black metal* em Santa Catarina, ao longo dos últimos 12 anos (2010-2022), é perceptível um aumento significativo do discurso conservador de extrema-direita dentro dessa vertente musical. Algo que antes era velado agora se apresenta cada vez mais recorrente e aberto. Do mesmo modo, há um enfrentamento contra a postura nazifascista, defendendo uma perspectiva política progressista¹, que condiz com a motivação da origem do *rock n' roll*. Assim, uma nova relação social se inicia, e temas políticos como racismo, xenofobia, ódio às minorias e aos direitos humanos, são debatidos na cena musical.

O objetivo desta pesquisa é compreender o contexto histórico que proporcionou o fortalecimento do nacional-socialista no *black metal* em Santa Catarina (2014 - 2022) e como os progressistas têm reagido diante desse fenômeno.

Quanto ao marco temporal: Em 2014, uma onda de (extrema) direita tem conquistado espaço e notoriedade em diferentes países, como Donald Trump nos EUA, Marine Le Pen na França, Aécio Neves e Bolsonaro, no Brasil, como sintoma da crise econômica de 2008 (Borges, 2022). Nesse contexto, no Brasil, houve o aumento político da força da igreja pentecostal, somada com a Lava Jato - protagonizada pelo Judiciário e Polícia Federal - contribuiu para aumentar o antipetismo e a emergência da união das novas direitas (Galvão, 2019; Tatagiba, 2019). A ascensão da extrema-direita pelo mundo repercutiu no universo *underground*, houve o (re) surgimento de figuras como Varg Vikernes e a popularização de bandas declaradamente racistas, tanto no estrangeiro quanto no Brasil, em especial Santa Catarina. Nas eleições de 2022, marco final da pesquisa, apesar da derrota de Jair Bolsonaro, Santa Catarina permanece, assim como nas duas últimas eleições (2014 e 2018), entre os estados com maior índice de votos para a extrema-direita e o menor índice de votos para a esquerda². Mantendo-se fiel à parte histórica que corresponde ao conservadorismo,³ social, político e cultural,

¹ Entende-se por progressista aquele que respeita os Direitos Humanos, as liberdades individuais, é contra todo tipo de preconceito, defende as políticas sociais e o combate às desigualdades econômicas.

² Fonte: TSE.

³ O conservadorismo usado nesta pesquisa refere-se a uma perspectiva política e social que visa preservar valores, costumes e instituições tradicionais. De maneira geral, essa filosofia valoriza a continuidade, a hierarquia e a autoridade, resistindo às mudanças progressistas ou radicais. Portanto, uma pessoa conservadora é aquela que apoia a manutenção da situação atual ou o resgate de valores de tempos anteriores. Vale lembrar que Santa Catarina também foi palco de movimentos de

neste caso na cena do Metal.

O ensejo por esse tema de pesquisa surge a partir de uma realização pessoal. Em São Paulo, de onde sou natural, há uma infinidade de espaços que sempre proporcionaram eventos de todas as linhagens do *black metal*, satanismo, misantropia e até nacional-socialista. Durante minha adolescência, nos anos de 1990, minha paixão por música (*heavy metal*) aumentou. Ouvia principalmente os álbuns do Metallica, *Kill 'Em All* (1983), *Ride the Lightning* (1984) e *Master of Puppets* (1986). Não sei explicar, mas tem alguns sentimentos, percepções, que só consigo acessar através da música. Pouco antes do meu aniversário de 13 anos, em 1995, o Paulão, como era conhecido meu vizinho, bem mais velho, se aproximou de mim, estendeu a mão e me entregou uma fita k7, do Bathory, e disse: “É para você. Ouça tudo. Continue na ‘pegada’ de só usar a camiseta de bandas que realmente entenda e se identifique.” Desde então, deixei de ouvir Metallica e outras bandas de *heavy metal*. Quando me dei conta já tinha me tornado um colecionador de vinis e fitas k7 de *black metal*, as bandas Bathory, Venom e Sarcófago eram minhas preferidas. A partir dos dezoito anos passei a frequentar assiduamente alguns espaços *underground* na capital paulista. O Kabú, na zona norte, e o Madame Satã, no Bela Vista, eram meus espaços preferidos. Ouvia-se com frequência nesses ambientes que os noruegueses não apenas padronizaram a vertente mais extrema do rock como nos ensinaram a importância do ativismo contra o cristianismo e a não ter simpatia por pessoas de etnias “inferiores”, algo que Leonardo Campoy (2006) diagnosticaria nos anos vindouros. As brigas com *punks* eram relativamente comuns. O fato de eu ser branco, introvertido, usar calça camuflada, coturno, camiseta de bandas de *black metal*, era o suficiente para alguns me confundirem como um dos NSBM, vertente que nunca tive apreço. Tais características me renderam algumas reuniões secretas na Pinacoteca de São Paulo, onde consegui materiais sigilosos, tanto de sonoros, principalmente do Command e Burzum, como de fanzines, algumas edições do *Der Angriff*⁴. A xenofobia, o racismo, o machismo, por parte de algumas pessoas, me fez parar de frequentar alguns espaços e me afastar de algumas pessoas influentes da cena do Metal paulista. Em 2004 me

resistência à ditadura militar, como a Novembrada em 1979, e confiado mais de 49% dos votos ao Lula em 1989.

⁴ “O ataque” - tradução livre. Esse zine começou a circular nos anos de 1990 em várias regiões do Brasil. Em 2021 alguns exemplares chegaram em Santa Catarina destacando a arte no Terceiro Reich e conteúdos revisionistas, com base no escritor Siegfried Castan.

mudei para Santa Catarina, muitas coisas mudaram. Porém, a identificação com o *black metal* permaneceu.

O Curupira Rock Club⁵, situado em Guaramirim–SC, foi um dos principais espaços de sociabilidade do *underground* da região. Promoveu centenas de shows exclusivos de rock entre 1992 e 2014, com bandas nacionais e internacionais. Em 2015 sediou a oitava edição da Celebração nos Bosques de Satã, com 20 bandas de sete estados brasileiros, talvez o maior evento de *black metal* da região Sul do Brasil. Em Santa Catarina, praticamente, todos os festivais de rock que acontecem anualmente, como Laguna Rock Otacílio Rock Festival (Otacílio Costa), Rock In Santa Festival, entre tantos outros, sempre têm em sua agenda bandas de *black metal*.

Pesquisando sobre rock e *heavy metal* em Santa Catarina encontram-se trabalhos, como Arquivos Pessoais, História Oral, Blogs e Rock Alternativo de Ricardo Neumann (2018) e *We know you won't like it, but who cares?: impressões da cena de rock underground na Grande Florianópolis (1992-1999)*, de Gustavo Steinmacher (2018). Sobre o *black metal* catarinense, em específico, há uma pesquisa (minha) feita em caráter de conclusão de curso, realizada em 2016, na UDESC. Sobre o nazi-fascismo, imigração europeia, há uma quantidade maior de pesquisadores, como Marlene de Fáveri (2024) e Ana Maria Dietrich (2007), entre outros. Atualmente a relação entre cultura musical e a influência política de caráter fascista tem se manifestado fortemente em Santa Catarina, necessitando, assim, de uma pesquisa para preencher esta lacuna e, conseqüentemente, contribuir para o avanço da historiografia catarinense.

Pesquisar sobre o aumento de nazifascistas no BM catarinense é, de certa forma, dar continuidade a minha pesquisa da graduação. Assim, para além de apreciador e testemunha, tenho novamente a oportunidade de ser o historiador deste tema. Certamente, tais experiências poderão contribuir para esta pesquisa. Segundo Antoine Prost (2008)

O conhecimento íntimo fornecido por eles a respeito do objeto de estudo constitui um triunfo insubstituível: conhecer, a partir do interior, como as coisas podem passar-se no âmago do grupo que é objeto de análise, acaba

⁵ Para ver o histórico dos eventos: <http://historico-curupira.blogspot.com/p/historico-de-shows.html>. Acesso: 01/10/2024.

por sugerir hipóteses, orientar em direção de documentos e fatos que passariam despercebidos para o observador externo (p.79).

O pertencendo ao *underground* por longa data, propicia ao pesquisador visualizar diferentes perguntas que possam contribuir para suprir as lacunas e/ou aprimorar outras pesquisas. Também favorece a possibilidade de conseguir determinados materiais e entrevistas que, talvez, outro pesquisador poderia não obter ou ter mais dificuldade para consegui-las. Porém, toda análise deverá ser feita com atenção redobrada, pois

A paixão acaba por obcecar; ela inspira a disposição de comprovar tanto os erros, quanto os acertos (...). Por eximir-se de confessar sua vontade de proceder a um ajuste de contas ou de corrigir os erros, o historiador arrisca aceitar fatos precipitadamente, sem os construir com o devido cuidado, atribuindo-lhes uma importância exagerada (Prost, 2008, p. 89).

Se por um lado pertencer ao *underground* oferece ao historiador a possibilidade de avançar na pesquisa, a partir de questionamentos diferenciados, por outro pode se perder diante dos afetos e do recuo necessário para realizar tais análises.

O presente trabalho compreende os movimentos de nacional-socialismo que se formaram dentro do *black metal* em Santa Catarina. Nota-se que, nos últimos anos, uma onda de extrema-direita se espalhou pelo mundo, inclusive no Brasil. Após a eleição que declarou Donald Trump, presidente dos EUA, em 2016, e posteriormente Jair Bolsonaro, no Brasil, em 2018, os discursos de ódio e diferentes preconceitos, de ambos candidatos, serviram de estímulo para que seus eleitores se sintam representados e, assim, difundir tais ideais. Nesse contexto, Santa Catarina passa a ter um número considerável de adeptos do nacional-socialismo na cena do Metal.

O estado catarinense tem sua história marcada pelo conservadorismo. Entre os séculos XIX e XX, milhares de europeus brancos, mediante ao convite do governo brasileiro, imigraram para o Brasil, especialmente para a região Sul, onde era considerada um vazio demográfico. A escolha étnica não foi aleatória, nas teorias raciais do século XIX evidenciou que apenas a raça branca conseguiria chegar ao progresso (Schwarcz, 1996). Entre o final da década de 1920 e 1930 o Brasil teve milhares de filiados ao partido nazista, de Adolf Hitler, em especial o estado de Santa Catarina (Dietrich, 2007). Após a Segunda Guerra Mundial, as

oligarquias se estabeleceram de maneira intensa na política, alternando-se no controle do poder para favorecer uma elite econômica interessada em preservar seus benefícios por meio de associações e conexões fundamentadas no conservadorismo. Esse aspecto também contribuiu para o fortalecimento desses grupos com características de extrema-direita (Fáveri, 2024). Essas elites foram favoráveis ao Golpe de 1964 e realizaram campanhas de apoio, como Operação Barriga Verde (1975-1977) e Marcha da Família com Deus pela Liberdade, em 1964, (Fáveri, 2024). Esse conservadorismo tem se perpetuado no meio político no século XXI e refletido na esfera cultural, neste caso, na cena do Metal catarinense.

O *black metal* é um estilo musical derivado do *heavy metal*. Considerado mais pesado entre os demais estilos, tem como característica uma estética agressiva, com roupas pretas, tatuagens, e maquiagem denominada *corpse paint* (pintura cadavérica), bem como letras que tratam de temas de violência, guerras e lutas contra o cristianismo (Campoy, 2006; Oliveira, 2016). Porém, desde sua origem é observável a aproximação com ideais nazifascistas.

Há um consenso no meio acadêmico e entre os metaleiros que a banda inglesa Venom (1979) inaugurou o estilo do extremo rock. Seu primeiro álbum *Welcome to Hell* foi publicado em 1981, o segundo foi lançado em 1984, *Black Metal*, cujo nome serviu para marcar a nova vertente do *heavy metal*. Nesse período centenas e, talvez, até milhares de bandas surgiram pelo mundo, apresentando algumas características comuns: o vocal gutural; a velocidade rítmica; temas líricos voltados ao satanismo, misantropia e ao nacional-socialismo. A apresentação é composta por uma estética agressiva, teatralmente, se afastando completamente do *mainstream* (Oliveira, 2016). Neste contexto, várias bandas polemizaram fazendo apologia ao nazismo. A banda americana Slayer e Holocausto, brasileira, homenagearam lideranças nazistas, como o Josef Mengele, nas letras, e usaram símbolos nazistas. A ideia era somente “chocar a sociedade”, mas sem envolvimento com o nazismo, era a defesa dos membros das bandas (Maspero; Ribarick, 2015).

Nos anos de 1990, em Santa Catarina já tinha várias bandas e eventos exclusivos de *black metal*, quando os noruegueses entraram em cena. Envolvidos em casos de assassinato e queima de igrejas, os nórdicos tornaram-se famosos mundialmente. Para alguns pesquisadores, como Leonardo Campoy (2010) e Lucas Moraes (2014), esses noruegueses teriam padronizado o *black metal*, interpretação questionada por Oliveira (2016), e se tornariam maior referência musical, de ativismo

anticristão e nazista para os brasileiros. Apesar de Campoy (2010) e Moraes (2014) sempre se referirem “aos noruegueses”, no plural, o principal nome e sempre citado é Varg Vikernes, réu confesso do assassinato de seu amigo “Eurônimus”, guitarrista do Mayhem, e condenado por queimar algumas igrejas na Noruega. Durante o cumprimento de sua pena, Varg publicou alguns álbuns e desenvolveu suas ideias de supremacia branca. Ganhando vários adeptos do mundo, inclusive de brasileiros, de todas as etnias.

A ramificação nacional-socialista (NS) preza pelos valores raciais europeus, pelo conservadorismo, combate ao comunismo, ódio aos Direitos Humanos (Maspero; Ribarick, 2015). Essa vertente política no rock sempre existiu. Porém, entre as décadas de 1980 até meados de 2000, a defesa e propagação dos valores nazistas dentro do *black metal* aconteciam sutil e geralmente de forma anônima (Sena, 2019; Dias, 2009).

Com onda de extrema-direita, principalmente depois das eleições de Donald Trump nos EUA, em 2016, e de Jair Bolsonaro, em 2018, os conservadores na cena do Metal se sentiram representados e empoderados. Assim, os discursos de ódio às minorias, machismo, racismo, xenofobia começaram a ser feitos tanto nas ruas quanto publicamente no mundo virtual, nas mais diferentes redes sociais (Facebook, Telegram, Instagram, YouTube).

Em Santa Catarina, empiricamente, qualquer pessoa que tenha frequentado espaços *underground* nos últimos dez anos, certamente deverá ter percebido o aumento do número de bandas e de metaleiros que aderiram ao discurso bolsonarista. Nas redes sociais o posicionamento fascista é ainda mais intenso. Principalmente depois da eleição presidencial de 2018. Tal percepção poderia ser apenas uma sensação se não estivesse respaldada pelo diagnóstico de Sena (2019) sobre o aumento do nazifascismo dentro do *black metal* e da análise de Adriana Dias (2009), sinalizando que Santa Catarina contempla o segundo maior número de células neonazistas. Como eles se organizam? Como atuam nas redes sociais virtuais e pessoalmente? E qual a posição dos progressistas? Essas são algumas questões que serão respondidas ao longo do texto.

Para tanto, a literatura acadêmica interdisciplinar na área de Ciências Humanas foi essencial para a realização dessa pesquisa. Alguns dos principais teóricos são os integrantes da Escola de Frankfurt, Adorno e Horkheimer, descendentes judeus exilados nos Estados Unidos devido à Segunda Guerra

Mundial. Em solo norte-americano, desenvolveram o conceito de Indústria Cultural dentro de sua obra *A dialética do esclarecimento*, de 1947, por perceberem as proporções que o capitalismo já havia chegado em uma sociedade mais tecnológica e industrial. Em conversa com o presente trabalho, pode-se notar a dicotomia que existe no rock, tido como um estilo rebelde, mas que desde o início foi absorvido pela cultura de massas.

O antropólogo brasileiro Leonardo Campoy (2010), em sua pesquisa “Trevas sobre a luz — o *underground* do *heavy metal* extremo no Brasil”, analisa os movimentos artísticos do *rock*, do qual o *black metal* faz parte. Nessa obra, Campoy mostra como as diferentes vertentes do rock se relacionam no *underground*. Sinaliza que uma das características fundamentais do *black metal* é de não fazer parte da Indústria Cultural. Assim, para os roqueiros do extremo rock, essa é a “forma mais verdadeira de produzir sua música”, refletindo em um sentimento de ser o real e o autêntico diante do *mainstream*. A parte que corresponde diretamente a cena do Metal catarinense, destacando as proximidades e diferenças com o *black metal* norueguês, tem como referência a pesquisa feita por Leandro Freitas Oliveira (2016).

Para compreender a inserção do nacional-socialismo no *black metal*, tanto em um contexto mundial quanto nacional, foi utilizada a obra “*Wolves among Sheep — History and Ideology of Nacional Socialist Black Metal*”⁶, de Davide Maspero e Max Ribaric, ainda sem tradução para o português. Nesta obra, os autores narram como a ideologia do nacional-socialismo sempre foi utilizada na esfera artística. Pois, a música possui uma forma de ser que acaba por tocar o emocional de um povo, assim, o *black metal* acaba sendo um fio condutor para difundir diferentes ideologias. Seus apreciadores compartilham a perspectiva de viver uma verdade, se distanciando de outros estilos musicais considerados mais comerciais.

O conceito de colonialidade do poder, de Aníbal Quijano (2005), no que tange a subjetividade, demonstrou que, apesar do *black metal* catarinense acreditar agir subversivamente ao sistema capitalista e aos valores conservadores, na verdade, permanece colonizado tendo os europeus como principais referências. Contribui para analisar o *underground* brasileiro, em especial o catarinense, que, em alguns momentos, tem a necessidade de se igualar a imagem de uma padronização europeia branca, tanto musical quanto de ativismo político e racial, desprezando sua

⁶ Lobos entre ovelhas - História e Ideologia do Nacional Socialista Black Metal - em tradução livre.

própria cultura local. Ao encontro de Quijano (2005) o conceito de tradição inventada, de Eric Hobsbawm (2000), permite analisar como os grupos nazistas criam e manipulam elementos do passado para legitimar a crença na superioridade racial e cultural em relação aos demais, promovendo o desprezo e o ódio aos demais.

Já Adriana Dias (2009) e Raffael Sena (2019) contribuíram para o entendimento de como grupos ligados ao nazismo se articulam no universo virtual, como nos blogs, sites e redes sociais, e se inserem dentro do *black metal*, espalhando a cultura do ódio e combate aos Direitos Humanos. E Ana Maria Dietrich, em seu texto “Nazismo Tropical? O Partido Nazista no Brasil”, identifica que, entre os de 1928 e 1938, dos 83 países que tiveram grupos nazistas alinhados com as diretrizes do III Reich, o Brasil foi que teve maior número de integrantes, principalmente no estado de Santa Catarina. Essa tríade de pesquisadores oferta uma gama de informações para analisar as bases ideológicas que inspiram os atuais grupos nazistas, que têm se fortalecido e adentrado no *black metal* catarinense nos últimos anos.

Os pesquisadores Marcio Pochmann (2009) e Levin-Borges (2022) são fundamentais para a compreensão da crise econômica estadunidense e a proliferação do fascismo no mundo e no Brasil. Os pesquisadores D. Cioccarri e S. Persichetti (2019) demonstrando a ascensão, atuação e os descompassos de Jair Bolsonaro na política.

Para sustentação desta pesquisa acadêmica, na esfera cultural, qualitativa, de natureza sociocultural, descritiva e exploratória, na linha de pesquisa História dos Movimentos e das Relações Sociais, tem por objetivo coletar diferentes evidências voltada à preservação da memória e o levantamento de dados que permitam a análise do *black metal*. Entrevistas semi-estruturadas, analisadas pela ótica da análise de conteúdo (Cardoso; Ghelli; Oliveira, 2021), com oito agentes da cena do Metal catarinense (progressistas e de extrema-direita) que participam do movimento há pelo menos dez anos. Pois, dentro desse período, todos vivenciaram as últimas três eleições, acompanhando o descrédito pela esquerda e a ascensão da extrema-direita. O material publicado pelas bandas e por seus apreciadores nas redes sociais e mídias eletrônicas irá contribuir para a compreensão de seus valores

e posicionamento político. O movimento NSBM tem ciência que atuam fora da lei, por isso, procuram evitar deixar evidências de suas atitudes, assim, a busca pela diversidade de fontes faz-se necessário para compreender como se organizam, agem e propagam suas ideias. Os participantes convidados conhecem a história dessa esfera musical na região, e declaram abertamente suas perspectivas políticas, tanto virtual quanto pessoalmente. A entrevista com aqueles que se identificam com o nacional-socialismo permitirá conhecer, ainda que parcialmente, sobre a visão que tem sobre política brasileira, como difundem suas ideias. Em contrapartida, a entrevista com aqueles que defendem a democracia, alinhados ao lado progressista, tem o objetivo de buscar elementos sobre a percepção do aumento de simpatizantes e adeptos do NSBM e o posicionamento do movimento diante das atitudes fascistas no *underground*.

Ao encontro dessas informações, será analisado o material produzido e/ ou publicado pelas bandas catarinenses e seus apreciadores (tanto física como virtuais), para compor o entendimento de suas perspectivas políticas e de conduta. Para tanto, será usado o método de análise, a pré-iconografia, iconografia e a iconologia, de Erwin Panofsky. Este ponto refere-se à produção de encartes, imagens, entrevistas já concedidas e publicadas em zines. Essas informações irão ajudar a compreender o crescimento do conservadorismo e nazifascismo no *black metal* catarinense.

A dissertação está dividida em três capítulos. O primeiro é composto por quatro partes. A primeira parte é apresentada a história do estado de Santa Catarina. A vinda de imigrantes germânicos promovidos pelo governo brasileiro devido à crença das teorias raciais do século XIX, que difundiram a crença na supremacia racial. A participação de parcela desses imigrantes ao partido nazista entre os anos de 1920 e 1930, e ao apoio da elite política e econômica catarinense ao Golpe de 1964. A permanência desse conservadorismo pode ser documentada nas eleições presidenciais do século XXI através da preferência de candidatos da extrema-direita, cujos sintomas adentram a esfera cultural, no caso desta pesquisa o *black metal*. Os dois subtópicos subsequentes retratam o nascimento do rock como um movimento de contracultura e seus desdobramentos. Diante da apropriação do *heavy metal* pela indústria cultural nasce, como resistência ao *mainstream*, o *black metal*. E, por fim, é demonstrando como foi feita a construção do imaginário coletivo que os noruegueses padronizaram o *black metal* mundial e a personificação de Varg

Vikernes na difusão do racismo dentro dessa vertente e sua influência no *underground* brasileiro.

O segundo capítulo refere-se ao surgimento do *black metal* no estado de Santa Catarina, em 1988, que, apesar de ter se originado em Florianópolis, diferentemente dos outros estados do Brasil, se desenvolveu no interior. Num segundo momento, é dissertado o contexto histórico ao qual favoreceu o fortalecimento de ideais nazifascistas no *underground* e como esses integrantes se articulam/difundem tais ideais nas redes sociais, tanto virtualmente (Facebook, Instagram e Telegram) como pessoalmente. É observado que o NSBM catarinense, mantendo-se conectado a história conservadora do teu estado, tem os europeus como referência racial, e politicamente encontram na figura de Jair Bolsonaro um representante legítimo de suas ideias. E, por fim, é analisado o surgimento de uma das bandas mais antigas e respeitadas de Santa Catarina, Goatpenis, cuja característica de seus integrantes flertam com o nazifascismo, produzindo fotos, usando suástica e proferindo discursos de ódio.

No terceiro capítulo é apresentado como a crise do neoliberalismo estadunidense de 2008 desencadeou uma onda de lideranças de extrema-direita pelo mundo, inclusive no Brasil. Os problemas econômicos, como o desemprego, inflação, serviu de base para diferentes partidos de direita realizarem uma coalizão entre militares, igrejas pentecostais, empresariados, para combaterem as políticas públicas que proporcionaram a ascensão social e econômica da classe trabalhadora (ações afirmativas, demarcação de terras indígenas, união de pessoas do mesmo sexo). Nesse contexto, parte da sociedade catarinense, incluindo os roqueiros, sem perspectiva significativa de melhora num futuro próximo, demonstra a simpatia pela ditadura, como na década de 1970, como uma possível solução para tais problemas. O cristianismo deixa de ser o principal inimigo do *black metal*, como em sua origem nos anos de 1980, e se une ao passado fascista na luta contra a pluralidade política, contra os direitos progressistas conquistados (casamento entre as pessoas do mesmo sexo, pela democracia, ações afirmativas), e, principalmente, ao combate ao comunismo. Mediante a onda antipetismo e a crise econômica é construída a figura de Jair Bolsonaro como um herói nacional, a partir de elementos fascistas, conquistando um exército de seguidores prontos para potencializar seus valores e propostas políticas. Por fim, é apresentado como os participantes da cena do Metal catarinense tem reagido diante desse fenômeno de extrema-direita.

O resultado da pesquisa irá contribuir para compreender como a raiz conservadora, que se perpetua por uma tradição eurocêntrica de superioridade racial, numa lógica de poder, hierarquizando diferentes culturas, que caracteriza a sociedade catarinense desde os anos de 1930, hoje alimenta grupos de cultura neonazista e bolsonaristas. E, assim, a sociedade poderá tecer meios para impedir que se proliferem.

1. CAPÍTULO I — HISTÓRIA DE SANTA CATARINA. HISTÓRIA DO ROCK

1.1 SANTA CATARINA E SEU HISTÓRICO CONSERVADOR

Entre a segunda metade do século XIX e início do século XX, o Brasil recebeu milhares de imigrantes europeus, motivados por questões econômicas, políticas e sociais. Os alemães, por exemplo, devido às diferentes crises internas e conflitos geopolíticos, como a Grande Guerra e a ascensão do nazismo, procuravam novas oportunidades em outros países da América. Na América do Sul, esse movimento migratório foi expressivo e marcante em quase todos os países, dentre eles, Argentina, Chile e o Brasil, que estavam no período em processo de industrialização e expansão econômica. A imigração europeia, incentivada por políticas de colonização pelo governo brasileiro, visavam atrair essas pessoas para ocupar terras e desenvolver economicamente as diferentes regiões do país, especialmente no Sul. Esses imigrantes tiveram apoio financeiro e material, como ferramentas e sementes, além de isenções fiscais e outras vantagens para atrair e manter os imigrantes (Dietrich, 2007).

Segundo Ana Maria Dietrich (2007), entre os séculos XIX e XX o estado de Santa Catarina era tido como um “vazio demográfico”, se comparado com outras regiões do Brasil. A densidade demográfica era baixa e havia grande potencial agrícola a ser explorado, pois a terra era considerada fértil e promissora para a agricultura. Este cenário impulsionou o interesse de imigrantes que buscavam oportunidades de cultivo e prosperidade econômica, com conseqüente incremento na economia da região. As organizações e associações de imigrantes, como a Sociedade Colonizadora de Santa Catarina, foram fundamentais para a facilitação da imigração alemã, ajudando a organizar e integrar os recém-chegados às novas comunidades. Os alemães eram reconhecidos por sua habilidade técnica e

conhecimentos agrícolas, posicionando-os como mão de obra atraentes para os projetos relacionados ao campo.

A escolha pela mão de obra branca não foi aleatória, as Teorias Raciais do século XIX foram essenciais para a percepção e a política de imigração. Entre 1870 e 1930, o Brasil estava passando por diversas transformações políticas e sociais. Ainda no início do século XIX, com a chegada da família real no Brasil (1808), se iniciou uma nova era para as instituições educacionais, permitindo uma maior influência europeia. A década de 1870 foi um período de desenvolvimento intelectual no Brasil, a partir da perspectiva positivista, evolucionista e determinista, inventadas na Europa, que contribuíram para moldar o pensamento científico e social no país (Schwarcz, 1993). A sociedade brasileira estava marcada por desigualdades sociais e essas teorias tinham a premissa de naturalizar as diferenças entre as raças que a formavam. Assim, os “homens de ciência” encontraram terreno fértil para suas pesquisas em um país que ainda lidava com as consequências da escravidão e a miscigenação (Schwarcz, 1993).

A pesquisadora Lilia Schwarcz, em seu livro *O Espetáculo das Raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870–1930)*, publicado em 1993, aponta três instituições que marcaram esse período: os museus, os Institutos Histórico e Geográfico Brasileiro e as faculdades de Direito e Medicina. Todas essas instituições eram vistas como centros de ciência e conhecimento, cujas produções impactavam na formação do pensamento social e racial no Brasil. Entre as principais influências europeias, Lilia Schwarcz (1993) apresenta Francis Galton e Cesare Lombroso. O primeiro realizou extensas medições de características físicas humanas, como altura, peso e força. Acreditava que essas medições poderiam ser usadas para inferir características mentais e comportamentais. Foi o responsável por criar o conceito “eugenia” e propôs melhoria da raça humana através da seleção de características hereditárias desejáveis, como, por exemplo, a inteligência. Acreditava que essa característica era hereditária e, por isso, pessoas consideradas com alto nível de inteligência deveriam ser incentivadas a ter mais filhos (Schwarcz, 1993). O segundo, Cesare Lombroso, foi um criminologista e médico italiano do século XIX, conhecido por suas teorias sobre a criminalidade e a antropologia criminal. Desenvolveu o conceito de atavismo, sugerindo que criminosos eram uma regressão a um estágio anterior da evolução humana. Ou seja, esses indivíduos apresentavam traços físicos e comportamentais primitivos, semelhantes aos de ancestrais

humanos mais antigos. Assim, acreditou ter identificado várias características físicas que eram indicativas de uma predisposição criminosa. Essas características incluíam mandíbulas proeminentes, arcos superciliares salientes, braços longos, orelhas grandes e assimetrias faciais. A partir dessa pesquisa criou a tipologia criminal, classificando os criminosos em diferentes categorias, como criminosos natos, criminosos ocasionais, criminosos por paixão e criminosos loucos. Cada um com suas próprias características e causas subjacentes (Schwarcz, 1993).

Tanto Francis Galton quanto Cesare Lombroso, entre outros pesquisadores, defenderam o determinismo biológico, isso significa que fatores genéticos e hereditários desempenham um papel crucial na determinação do comportamento humano. Importante destacar que essas premissas defendidas pelos dois pesquisadores desconsideravam os fatores sociais e ambientais que o indivíduo estava inserido. Assim, a intervenção social poderia aumentar a prevalência de traços positivos na população. Tais resultados contribuíram para naturalizar as diferenças entre as raças, muitas vezes utilizando a miscigenação como um argumento para justificar a hierarquia racial e a inferioridade de qualquer raça que não fosse branca europeia. Assim, foi construído o conceito de darwinismo social, o que legitimava o imperialismo europeu nos demais continentes (Schwarcz, 1993).

Neste contexto, nas três últimas décadas do século XIX e, principalmente, a partir da Proclamação da República (1889), intelectuais e políticos, como Oliveira Vianna, Nina Rodrigues e Sílvio Romero, dedicaram-se à questão da formação da identidade nacional brasileira (Dietrich, 2007, p. 131). A partir da crença da supremacia branca, do desejo do branqueamento da população brasileira, as pessoas europeias de “raça ariana”, tidas como “elementos civilizados”, contribuiriam para a construção de uma sociedade mais “pura” e “avançada” (Schwarcz, 1993). Assim, tais teorias não apenas moldaram as políticas de imigração, mas também influenciaram como os imigrantes eram percebidos e integrados na sociedade brasileira.

Acriticava-se que a partir de características exteriores — como a cor, o tamanho do cérebro, o tipo de cabelo — poder-se-ia chegar a conclusões sobre aspectos morais das diferentes raças. (...) O terceiro pressuposto indicava que o indivíduo, mais do que a soma do seu “grupo “raciocultural” — já que, como concluíam esses cientistas, não adiantava ver o indivíduo, era muito melhor observar o grupo ao qual pertencia (Schwarcz, 1996, p. 169).

As teorias raciais chegaram a influenciar os três ministros da Educação no governo de Vargas, Francisco Campos (1891–1968), Belisário Penna (1868–1939) e Gustavo Capanema (1900–1985) que apoiavam abertamente o ideal racista (Filho, 2012). Na Constituição de 1934, em seu artigo 138, consta: “Incube a União, aos estados e aos municípios, nos termos da lei respectivas: b) estimular a educação eugênica. Perpetuando a discriminação institucionalmente os negros, mestiços, caboclos e indígenas⁷.”

Durante o período do governo de Getúlio Vargas, nos anos de 1930, como afirma Ana Maria Dietrich (2007) — em sua tese de doutorado, intitulada “Nazismo Tropical? O Partido Nazista no Brasil” — houve o fenômeno do nazismo e do partido nazista alemão no estrangeiro, entre os anos de 1928 e 1938, presente em vários países do mundo e comandadas pela Organização do Partido Nazista no Exterior, com sede em Berlim. No Brasil implementaram o projeto “*Auslands-Organisation der NSDAP*”⁸, cujo objetivo era manter uma rede de apoio e propaganda ideológica entre os alemães e seus descendentes que viviam fora da Alemanha. Isso significava difundir os princípios e ideais do nazismo, promover a lealdade ao regime de Hitler e fortalecer a identidade alemã entre as comunidades no exterior. Na prática, a A.O., conforme explica Ana Maria Dietrich (2007), buscava estabelecer conexões que pudessem favorecer transações comerciais favoráveis ao III Reich, buscando consolidar o poder e os interesses do regime de Hitler em escala internacional.

O Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP)⁹, liderado por Adolf Hitler, na Alemanha, tem como características: ideologia racial, baseado na crença da superioridade da “raça ariana”, inferiorizando as demais. Essa perspectiva induziu às políticas de discriminação a grupos minoritários como ciganos e homossexuais, além de genocídio contra judeus (antisemitismo) e práticas de totalitarismo. Assim, o governo nazista procurava controlar todos os aspectos da vida pública e privada, reprimindo violentamente seus opositores; nacionalismo extremo, com objetivo de expandir seu território e influência através do projeto *Lebensraum* (Espaço-Vital). O discurso discriminatório e o uso da propaganda extensivamente para moldar a opinião pública e promover suas ideologias, bem

⁷ Para se aprofundar no assunto ler a tese “Educação, Autoritarismo e Eugenia: Exploração do trabalho e violência à infância desamparada no Brasil”, de Sidney Aguiar Filho - Unicamp - 2012.

⁸ Organização no Exterior do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães. Tradução livre.

⁹ As letras NS, referente ao Nacional-Socialismo, será incorporada a uma ramificação do black metal, ficando NSBM. Essa ramificação do rock prega a supremacia branca, ódio aos Direitos Humanos, às minorias, a xenofobia.

como as práticas de violência contra os opositores do regime nazista, colaboraram para a agressão militar contra outros países. A educação, a mídia e a cultura foram controladas para garantir que a ideologia nazista fosse disseminada e aceita pela população, tendo Joseph Goebbels como ministro da propaganda. Embora o regime nazista permitisse a propriedade privada, ela era fortemente controlada pelo Estado. Assim, o militarismo, através da glorificação da guerra, corrobora para o controle da economia, instrumentalizando o governo para intervenções em setores estratégicos para promover a autossuficiência e a preparação para a guerra Dietrich (2007).

Através da criação de células do partido nazista e da propaganda ideológica, esperavam formar um contingente de cidadãos do *Reich* que poderiam servir como reserva militar em caso de alistamento. A primeira célula formada no Brasil foi feita em São Paulo, um dos principais centros do partido nazista no Brasil, por Hans Henning von Cossel, em 1931, que no mesmo ano assumiu a diretoria nacional do partido. Em 1934, tornou-se o chefe nacional do partido nazista do Brasil, sucedendo a Guss (Dietrich, 2017). A cidade do Rio de Janeiro, a então capital federal, tinha uma expressiva colônia alemã e o terceiro maior grupo do partido nazista no Brasil. Santa Catarina tinha o segundo maior núcleo regional do partido, especialmente com membros nas cidades de Blumenau e Joinville. Assim, o Brasil tinha no total “o maior grupo de partidários dos 83 países do mundo, fora da Alemanha”. (Dietrich, 2017).

Em 1939, foram contabilizados 87.024 imigrantes alemães no Brasil, que tinha uma população na época de 30 milhões de pessoas. Segundo o censo de 1940, estes alemães concentravam-se em São Paulo e nos estados do Sul, sendo 33.397 (São Paulo), 15.279 (Rio Grande do Sul), 12.343 (Paraná), 11.293 (Santa Catarina). O número de alemães nos estados é proporcional aos germânicos filiados ao partido nazista. São Paulo, estado que possuía mais alemães natos em 1940 (105), foi também o de maior número de adeptos (785 filiados). Em seguida, vieram os estados do Sul e o Rio de Janeiro, sendo que este último mostrou-se em terceiro lugar. Santa Catarina apareceu com 528 filiados, Rio de Janeiro com 447, Rio Grande do Sul com 439 e Paraná com 185, seguido por outros grupos menores (Dietrich, 2017, p.156).

No Brasil, entre 1928 a 1938, o *Landesgruppe* do NSDAP (grupo Nacional do Partido Nacional-Socialista) manteve suas atividades na lei, apoiando-se ao discurso nazista nas eleições de 1933 e combatendo o comunismo. “Não importaria o lugar onde os alemães morassem, mas sim os laços de sangue. Eles tinham o dever de prestar fidelidade à sua Pátria Mãe.” (Dietrich, 2017, p.152). Para tanto, a propaganda nazista do exterior enfatizou a necessidade do comprometimento que

os alemães deveriam ter para com sua pátria: “Este ideário foi divulgado com recorrência nos discursos de Hitler e demais partidários no Brasil e na Alemanha que enfatizavam a manutenção da raça e do sangue, sendo publicados nos periódicos de linha nacional-socialista no Brasil.” (Dietrich, 2017, p.152).

Em setembro de 1935 foram decretadas Lei de Cidadania do Reich, a Lei de Proteção do Sangue e da Honra Alemã e dois meses depois, em novembro, o Primeiro Regulamento para a Lei de Cidadania do Reich, essas três leis ficaram conhecidas como as Leis de Nuremberg (Milman, 2004), cuja “a condição judaica foi transformada numa sub-condição humana na Alemanha e os judeus foram desprovidos de qualquer vestígio de direitos civis.”(Milman, 2004, p. 6).

Esse antissemitismo também teve reflexo no Brasil, “o boicote às lojas judias e condenou o convívio e a miscigenação com judeus.” (Dietrich, 2007, p.154). Porém, se na Alemanha o principal inimigo do nazismo era o povo judeu, no Brasil, apesar essa etnia representar certo temor, para os nazistas catarinenses não tinham tanta importância. Diante de sua tropicalização, como afirmou Ana Dietrich (2007), se desenvolveu “outro alvo de racismo: os negros. Registram-se diversas queixas dos partidários pelo fato de o Brasil tropical ser habitado por negros e mestiços, e eles eram sempre tratados com desprezo, sendo até denominados como ‘macacos’”. (p. 154).

Apesar da imagem de homogeneidade que o partido nazista tentava passar, havia rivalidade entre alemães (*Reichsdeutsche*) e os nativos, ou teuto-brasileiros (*Volksdeutsche*), alemães nascidos no Brasil. Esse foi um fenômeno significativo nas comunidades de imigrantes no Brasil, especialmente durante o período entre as duas guerras mundiais e a ascensão do nazismo na Alemanha. Os *Reichsdeutsche*, que eram os recém-chegados da Alemanha, muitas vezes se viam como portadores de uma identidade alemã “pura” e superior, enquanto os *Volksdeutsche*, já estabelecidos no Brasil, tinham uma identidade mais mesclada, influenciada pela cultura brasileira. Essa diferença de identidade gerou tensões, pois os recém-chegados frequentemente olhavam para os nativos com desdém, considerando-os menos “genuínos” em sua germanidade (Dietrich, 2007).

Os *Volksdeutsche* haviam construído suas vidas e comunidades no Brasil e, em muitos casos, estavam integrados à sociedade local, o que acabou desencadeando uma série de conflitos com a chegada dos *Reichsdeutsche*, que traziam ideais nazistas e buscavam estabelecer uma nova ordem social e política, e

muitas vezes eram vistos como uma ameaça por aqueles que já estavam estabelecidos (Dietrich, 2007). Essas tensões contribuíram para um embate entre os dois grupos, com os nativos resistindo à imposição de ideais que não refletiam suas realidades. Entre os descompassos havia a ideologia que enfatizava a pureza racial e a superioridade ariana, que não se alinhava com a realidade da miscigenação e da diversidade cultural, característica da vida dos teuto-brasileiros (Dietrich, 2007). Esse descompasso de inserção, condição sociocultural, colaborou para um distanciamento e a uma falta de confiança entre os dois grupos, com os *Volksdeutsche* muitas vezes se sentindo alienados em relação aos ideais radicais dos recém-chegados. Essa rivalidade ficava exacerbada nas disputas por recursos, como terras e oportunidades de emprego. Os *Reichsdeutsche*, ao chegarem com o apoio do governo nazista, muitas vezes tinham acesso a recursos que os *Volksdeutsche* não tinham. Apesar das tensões, muitos *Volksdeutsche* tentaram encontrar uma posição intermediária, adaptando-se às novas circunstâncias e, em alguns casos, até mesmo se envolvendo com o partido nazista, embora isso não tenha sido uma prática universal. A resistência à ideologia nazista e a busca por manter suas tradições e identidade cultural foram comuns entre os teuto-brasileiros (Dietrich, 2007).

A cidade de Timbó-SC teve o maior número de associados ao partido nazista fora da Alemanha, com 2900 participantes (Fáveri, 2024), cujos integrantes “faziam passeatas, ostentavam seus símbolos e conviviam na sociedade entre seus pares”. O partido nazista termina quando Getúlio Vargas decreta o Golpe do Estado Novo, em novembro de 1937, coloca todos os partidos e / ou agremiações na ilegalidade (Fáveri, 2024).

Porém, não é possível atribuir a existência desses neonazistas somente a imigração alemã, como afirmou Marlene de Fáveri (2024)

Santa Catarina é um dos estados onde as oligarquias inseriram-se fortemente na esfera política, revezando-se no poder em benefício de uma elite econômica ávida na manutenção de seus privilégios através de laços e redes pautadas no conservadorismo, e este é outro fator a considerar para o alargamento destes grupos com características de extrema-direita.

Com o fim da Era Vargas e da Segunda Guerra Mundial, as elites catarinenses econômica e política procuraram por meio de um “pacto de silêncio” superar as brigas e perseguições durante a guerra. Este “apagamento” da memória era necessário para a convivência e o retorno das elites políticas e econômicas, às

esferas de comando do estado catarinense” (Fáveri, 2024). Nos anos subsequentes essas elites voltariam “às hostes da esfera política” (Fáveri, 2024), observado pelo apoio ao golpe militar de 1964, criando “governos municipais com apoiadores do regime com participação ativa na Operação Barriga Verde” (Fáveri, 2024). No dia 17 de abril de 1964, em comemoração do golpe militar, Florianópolis sediou a “Marcha da Família com Deus pela Liberdade”, cuja primeira dama do estado, Edith Gama Ramos, se orgulhava de ser “mãe cristã e esposa do governador do estado”. Elogiava o então presidente Castelo Branco pela “segurança da Pátria livre” e destacando como o guardião “das tradições cristãs e democráticas”.¹⁰

Atualmente é o estado com maior apoio eleitoral da (extrema) direita, tendo desde 2014 uma expressiva porcentagem a candidatos à presidência, como Aécio Neves (PSDB) em 2014 e Jair Bolsonaro (PSL), em 2018, e chegando a cifra de quase 70% dos votos em 2022¹¹.

Para além do meio político também é possível observar a naturalização dos valores da extrema-direita no meio social. Um exemplo é o que ocorreu na pequena cidade de Pomerode, com um pouco mais de 30 mil habitantes, 170 quilômetros de Florianópolis, cuja origem se remete à segunda metade do século XIX, de colonização germânica. O professor de História, Wandercy Antônio Pugliesi, Wander, como era chamado, popular na região, ficou nacionalmente conhecido, em 2014, por construir uma piscina com o desenho de uma suástica no fundo. O apreço pelo tema do nazismo é de longa data, segundo o jornalista Daniel Cassol¹². O professor já havia participado de uma reportagem do Fantástico, da TV GLOBO, em 1994, onde exibiu seu acerto sobre o nazismo, como revistas, livros revisionistas e até camisetas e quadros com o rosto de Adolf Hitler, repercutindo esse cenário em diferentes mídias. Em 1998, a mandado do Ministério Público Federal, teve seu material apreendido e mesmo alegando que sua finalidade era somente para pesquisa, tendo seu recurso negado pelo Tribunal Regional Federal, em 2001.

Ainda segundo as pesquisas e entrevistas feitas pelo jornalista Cassol, as pessoas que tiveram aulas com o professor Wander, no final dos anos de 1990, início dos anos 2000 até 2008, conservam um certo carinho e admiração por ele,

¹⁰ G. S, Michel. O golpe de 1964 e a atuação política da Campanha da Mulher pela Democracia em Santa Catarina. Revista espaço acadêmico — agosto de 2014. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/23519/13307>. Acesso: 01/07/2024.

¹¹ Informações do TSE. Disponível Acesso: 01/03/2024.

¹² Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/meu-professor-e-nazista>. Acesso: 25/02/2024.

destacaram o carisma e a arte de ensinar como principais qualidades. Mesmo estando numa lógica conteudista voltado ao vestibular, no colégio Energia, em Blumenau, Wander sempre encontrava um espaço para justificar, amenizar e legitimar as atitudes de Hitler em relação ao holocausto, “Estão tentando te enganar”, proporcionando um olhar revisionista de um episódio que mais de seis milhões de pessoas foram sumariamente assassinadas. Em 2002, “em uma formatura lembrada até hoje por ex-alunos do Energia, os alunos decidiram erguer a mão direita, reproduzindo a saudação nazista em ‘homenagem’ ao professor de História”. Essa atitude, além de demonstrar que a turma concluiu o curso com baixo conhecimento histórico sobre o nazismo, sem nenhuma reflexão crítica sobre o tema, conseguiu reproduzir um comportamento que jamais deveria ser repetido. Ou seja, é uma demonstração de forma irrefragável a naturalização dos valores nazistas que ainda permeiam o solo catarinense. A reportagem é finalizada com as seguintes informações: primeiramente que o professor Wander atua no colégio Acesso, em Blumenau, onde é tido como uma pessoa de “índole irrefutável” e “qualidade docente inquestionável”, segundo o diretor Felipe Grillo; e que o professor não aceitou os pedidos para conceder uma entrevista.

Atualmente, Santa Catarina, com 3% da população do Brasil, entre 2021 e 2022, segundo o portal da Justiça e do Direito em Santa Catarina¹³ foram registradas 320 células neonazistas ativas, tendo Blumenau, em 2023, a maior quantidade desses grupos, com pelo menos 63 células, média de 30% do total do estado “conforme relatório apresentado à Organização das Nações Unidas (ONU) pelo Conselho Nacional de Direitos Humanos (CNDH) no qual considera o cenário atual alarmante”. Ou seja, apesar do partido nazista ter deixado oficialmente de existir no Brasil em 1938 e definitivamente extinto em 1945, a partir da derrota alemã na Segunda Guerra Mundial, o interesse pelos valores nazistas atravessa as gerações.

Para além do meio político e social, esses grupos têm atuado ativamente no lado cultural de Santa Catarina. Como afirma Marlene de Fávero (2024): “é evidente que não se trata do mesmo nazismo de sua origem, mas vem se multiplicando para o aqui e agora imerso na ideologia racista, sexista, misógina, nacionalista, xenófoba,

13

belicista, homotransfóbica, anticomunista, armamentista, negacionista e, sobretudo, violenta.”¹⁴

1.2 A ORIGEM DO ROCK COMO UM MOVIMENTO DE CONTRACULTURA

O objetivo do presente subtópico é discutir e compreender a história do *black metal* a partir do *rock n’roll*, que surge a partir de contestações de adolescentes nos anos de 1950, nos EUA. Nos anos seguintes ele adentra no cenário de rebeldia dos jovens sendo utilizado como instrumento para a crítica social. Nesse cenário, vai surgindo diversas vertentes do *rock*, bem como sua popularização, que o transforma em um produto que o leva a ser foco da indústria cultural. Aqui surge no *rock* uma das suas vertentes mais *undergrounds*: o *black metal*. O *black metal* é um estilo musical que descende do *rock n’roll*, tratando-se de umas vertentes mais radicais do Metal. Assim, para compreender qual a relação do *black metal* com a contracultura e as críticas à sociedade cristã e conservadora, faz-se necessário compreender seu processo histórico a partir de quem o antecedeu.

Nascido na década de 1950, o *rock* é um ritmo musical que descende de uma fusão entre *blues*, *country* e *jazz*. Sua terra natal é o sul dos Estados Unidos, um lugar marcado pelo trabalho escravo, racismo e conservadorismo cristão. Inicia sua trajetória com letras escritas pelos negros, com teor político-social, bem como letras sexualizadas. O *rock* surge para confrontar e afrontar toda essa dominação ao qual os negros eram submetidos. Até mesmo o termo “*rock n’ roll*” era já uma contestação aos bons costumes, pois era empregado para se referir a sentimentos extremos, a flor da pele, ou mesmo a sexo (Anaz, 2013).

Os primeiros sucessos desse novo ritmo musical foram Chuck Berry e Little Richard, ambos negros que invadiram as rádios para o escândalo da sociedade da época. Suas letras falavam sobre suas inquietações, a vida adolescente, temas que interessavam a juventude da época. A dança era feita de forma frenética. Porém, não demorou muito para a mídia começar a dar notícias sobre comportamentos negativos e reprováveis de tais cantores:

O convívio racial em festas, salões de dança e shows foi sem dúvida uma vitória moral do Rock ‘n’ roll nos anos 50, já que havia quase um século que

¹⁴ Disponível em:

<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/639408-nazismo-e-neonazismo-em-santa-catarina>. Acesso: 05/08/2024.

os adultos se recusavam a tal convívio na sociedade. Entretanto, a quebra de tabus morais e raciais provocam nos setores conservadores uma reação: escândalos criados encerram carreiras, já desgastadas pelo sucesso relâmpago, e versões adocicadas do Rock 'n' roll (Platters) são cuidadosamente promovidas para ocupar o espaço de figuras desafiantes como Little Richard e Chuck Berry. Afinal, o mercado não podia parar (Almeida, ano?, p.6).

Além do grupo Platters, como citado acima, é nessa mesma época que a indústria lança a figura de Elvis Presley, moço branco do Sul, acaba sendo usado pela mídia para frear o som negro da época. Ainda assim, por sua forma controversa de dançar, Elvis também recebe críticas por seu comportamento e “A censura federal determinou que Elvis fosse filmado apenas da cintura para cima, para proteger os olhares de milhares de famílias americanas de seus rebolados indecentes” (Almeida, ano?, p.8).

Nessa mesma época em que os EUA lançam Elvis, o rock chega ao Brasil quando, em 1955, Nora Ney grava uma versão de Rock Around the Clock. Logo em seguida, surgem outros nomes como Celly Campelo, Wanderleya, Roberto Carlos e Erasmo Carlos, sendo esses três últimos o rosto oficial da Jovem Guarda, programa musical que levava o *rock n' roll* aos lares brasileiros (Almeida, ano?). Importante destacar que no Brasil, o rock chega já com sua aparência mais comportada e já absorvida pela indústria, ou seja, em versões para vender.

No final da década de 1950, inicia-se a Guerra do Vietnã, e, com ela, surge uma grande insatisfação por parte de uma geração que buscava não se conformar com o mundo em que viviam, ao mesmo tempo, em que estavam decididos a não cometer os mesmos erros que seus pais (Sarmiento, 2006). É diante de tal contexto que surgem os chamados movimentos de contracultura, sendo o movimento *hippie* um dos mais conhecidos até hoje. O *rock* continua sendo a música da geração, porém agora com temas sobre paz, amor e contestação sobre a guerra.

Os jovens da contracultura caracterizavam-se pelo inconformismo radical e pelo desejo de inovação cultural e, além disso, por estarem reunidos em grande número pelo mundo — em termos estatísticos. Parecia que pela primeira vez eles se davam conta do poder que tinham, principalmente pela concentração nas universidades, e do segmento que o mercado havia começado a direcionar especificamente para eles [...] (Sarmiento, 2006, p. 11).

Assim como seu início dos EUA, onde o *rock* teve uma grande participação e expressão da juventude, no Brasil não foi diferente. Porém, os jovens tinham seus próprios desafios. O cenário de uma guerra contra outro país, aqui, era substituído

pelo enfrentamento de brasileiros contra a ditadura militar que tomou o poder em 1964. A organização e articulação inicial de grupos de oposição à ditadura tinha como base as universidades, que tinham a maioria dos estudantes pertencentes a uma classe média e iniciaram um movimento estudantil para lutar contra a opressão (Valle, 2016, p.32). Em um primeiro momento, a luta estudantil une tanto defensores do liberalismo quanto os jovens de esquerda, que lutam em busca do ideal em comum de liberdade e contra a opressão:

Em 1965 há a primeira manifestação pública de repúdio ao regime, configurando-se como uma condenação liberal às políticas do governo militar, organizada pelos estudantes denominados “direitistas”, que rejeitam as posições radicais da UNE. Em contrapartida, a orientação liberal na universidade é rechaçada pelas correntes de esquerda. No entanto, o repúdio à política autoritária para a universidade é uma luta comum ao estudante (Valle, 2016, p. 33).

Para além das manifestações estudantis, nessa época é que também surgem os grandes festivais da música brasileira, sendo também fortemente marcados por músicas de protestos, assim como canções e artistas perseguidos pelo regime ditatorial. Essas músicas se tornaram uma via de mão dupla, ao possibilitar a influência mútua entre artistas e juventude estudantil. Mais precisamente no ano de 1968, surge um dos grupos que acaba por unir a vivacidade da juventude universitária com a crítica musical: o Tropicalismo. Inspirados por todo esse movimento jovem, não só no Brasil, mas mundialmente, acabam por unir influências musicais do rock aos ritmos brasileiros.

A Moderna Música Popular Brasileira, que depois excluiu o Moderna e entronizou a sigla MPB, se formou, portanto, no refluxo dissolvente das conquistas formais no refluxo dissolvente das conquistas formais da Bossa Nova, com sua desalienação protagonizada por Carlos Lira, um dos fundadores do CPC da UNE. Logo a seguir, a MPB alimentou-se da criativa produção da emergente geração universitária no pós-64: Edu Lobo, Milton Nascimento, Chico Buarque, Geraldo Vandré e os próprios Caetano Veloso e Gilberto Gil –estes, em início de carreira, ainda na fase pré-tropicalista, jovens promessas, alinhados ao nacional-popular (Oliveira, 2019, p. 26).

Ou seja, pelo exposto, nota-se que as origens do *rock*, tanto nos EUA, quanto a sua chegada ao Brasil, vêm marcadas por divergências de gerações, uma luta da juventude por seu espaço ao mesmo tempo, em que desafiam autoritarismos e não aceitam regras morais conservadoras. Tal fenômeno marca o rock como transgressor, questionador e contracultural, sendo essa ideia um alicerce que dará

suporte aos demais estilos derivados dele, como o *punk*, o *heavy* e também o *black metal*. Neste desenrolar, conforme o movimento de *rock* crescia mundo afora, suas representações chegavam também ao Brasil, em todas as suas vertentes.

Os meados da década de 1960 é também marcada pela chamada “invasão britânica” no rock, trazendo ao mundo bandas como Beatles, Rolling Stones e The Who, para citar algumas das primeiras. Numa rápida reação e recepção popular (juvenil) observou-se que esses modelos de inspiração para toda aquela geração, que parecia sempre receptiva por mudanças e que usava a música para expressar seus sentimentos, sonhos e os ideais que buscavam alcançar. Concomitantemente a esse momento surgem também outras vertentes do *rock*, sendo o *heavy metal* uma das mais conhecidas e popularizadas, principalmente a partir da década de 1970.

Até hoje, não há exatamente um consenso sobre qual a primeira banda de *heavy metal*, mas há quase uma concordância geral de que Led Zeppelin, Deep Purple e Black Sabbath foram as primeiras. Destas, o Black Sabbath é tido como uma das primeiras a não apenas usar as guitarras distorcidas como a também usar nas suas composições escalas pentatônicas menor e trítono¹⁵, ou seja, acordes dissonantes e mais tensos do que os usuais e, como aponta Comim (2023, p.12). Tais modulações haviam sido banidas das músicas durante a idade média, por serem considerados sons demoníacos (Comim, 2023). Nesse contexto, é que as críticas do rock começarão a voltar-se também contra a religião, principalmente contra o cristianismo, ao mesmo tempo, em que trazem temáticas envolvendo temas mais sombrios, como o satanismo. Cabe ressaltar que todos esses fenômenos musicais vêm fortemente marcados por uma rápida repercussão de mercado. Mesmo as bandas que no início não foram tão populares nas rádios, foram bem recebidas por jovens e, logo em seguida, começaram a ganhar um maior destaque em programas de rádio e na televisão. Isso explica-se pelo conceito de Indústria Cultural.

Antes de adentrar a questão da indústria cultural, é importante compreender as características dos jovens já citados, pois as mesmas décadas que foram marcadas pelo surgimento do *rock* foram também marcadas por mudanças

¹⁵ Para se aprofundar, ver: VANZELA, Alexander. EXPLORANDO AS ESCALAS PENTATÔNICAS NA GUITARRA ELÉTRICA. Revista da Universidade Vale do Rio Verde, Três Corações, v. 12, n. 2, p. 51-58, ago./dez. 2014.

econômicas que caracterizaram uma nova geração e um novo modo de pensar sobre si e a sociedade.

De acordo com Sarmiento (2006), as décadas de 1950 foram assinaladas pela retomada da economia após a Segunda Guerra Mundial. As crianças que tiveram sua adolescência em meados das décadas de 1950 e início de 1960, passaram a estudar mais do que seus pais haviam estudado, sendo comum irem para a universidade e iniciar suas carreiras de trabalho mais tarde do que seus pais haviam iniciado.

Foi comum também nessa época a admissão maior das mulheres no mercado de trabalho, bem como nos cursos de ensino superior, deixando o casamento para mais tarde. Assim, a indústria percebeu um mercado consumidor ativo nesses jovens e sedento por novidades. Além disso, estes jovens viam em seus pais um certo conformismo com a vida cotidiana e os achavam apáticos em relação à grande guerra e não queriam repetir os mesmos erros do passado. Desejavam viver todas as novidades trazidas pela economia estável e novidades nos produtos a serem consumidos, incluindo aí as mídias de rádio e televisão (Sarmiento, 2006). Assim, o rock foi absorvido facilmente pela chamada Indústria Cultural.

Indústria cultural é um conceito de dois grandes pensadores do século XX: Theodor Adorno e Max Horkheimer. O termo refere-se ao processo de transformação de arte em mercadoria. Em um mundo tomado pelo capitalismo, tudo vira produto e todo produto precisa ser vendido, porém, neste caso, é importante ainda salientar que para os autores a arte não é só mais um produto, mas é também um meio de propagar a ideologia dominante. Por isso, para poder vender, é necessário que essa música¹⁶ atendesse a alguns critérios básicos, como tempo de execução, ritmos simples e letras grudentas, não deixando espaço para as críticas sociais.

Não somente os tipos das canções de sucesso, os astros, as novelas ressurgem ciclicamente como invariantes fixos, mas o conteúdo específico do espetáculo é ele próprio derivado deles e só varia na aparência. Os detalhes tornam-se fungíveis. A breve sequência de intervalos, fácil de memorizar, como mostrou a canção de sucesso; o fracasso temporário do herói, que ele sabe suportar como good sport que é; a boa palmada que a namorada recebe da mão forte do astro; sua rude reserva em face da herdeira mimada são, como todos os detalhes, clichês prontos para serem empregados

¹⁶ Os filósofos não falam apenas da música, mas também da televisão e do cinema, porém, para fins do presente trabalho, nos deteremos nas características gerais da Indústria Cultural e sua aplicação na música.

arbitrariamente aqui e ali e completamente definidos pela finalidade que lhes cabe no esquema. (Adorno; Horkheimer, 1947, p. 59).

Diante disso, é importante compreender como o *rock*, surgido em movimentos sociais e sempre envolto por uma juventude com expectativas de mudanças, acaba se tornando um produto da Indústria Cultural, que não apenas o absorve como consegue transformá-lo em um grande comércio mundial. Hoje, as bandas de rock não apenas auferem lucros a partir de seus shows ou direitos autorais de suas músicas, mas também possuem grifes que vendem camisetas, botons, bonés, cintos, bolsas e todo o tipo de material que consigam produzir. No caso da banda britânica Iron Maiden, considerada uma das mais bem-sucedidas economicamente, possui até mesmo marca de cerveja, mostrando o quanto essa música acaba sendo incorporada pela indústria cultural.

Adorno e Horkheimer (1947) destacam ainda outras características da Indústria Cultural, como a diversão. Tendo como público alvo um trabalhador que chega em casa cansado, as músicas, os filmes, a programação em geral precisa gerar entretenimento, manter a todos coesos no sistema. A mesma música que fala criticamente da sociedade é também o tema das festas e tocadas em momentos de lazer com amigos e família, acaba virando um mero jogo de distração para os problemas cotidianos.

Todavia, a indústria cultural permanece a indústria da diversão. Seu controle sobre os consumidores é mediado pela diversão, e não é por um mero decreto que esta acaba por se destruir, mas pela hostilidade inerente ao princípio da diversão por tudo aquilo que seja mais do que ela própria. (Adorno; Horkheimer, 1947, p. 64).

A técnica, antes bem elaborada, agora precisa ser rápida, nada muito complexo e tudo em um ritmo frenético. O espectador precisa ter tudo pronto, sem ter necessidade de pensar demasiadamente sobre o que está consumindo: “Toda ligação lógica que pressuponha um esforço intelectual é escrupulosamente evitada. Os desenvolvimentos devem resultar tanto quanto possível da situação imediatamente anterior, e não da ideia do todo” (Adorno; Horkheimer, 1947, p. 65).

Importante aqui destacar que apesar de ser sempre crítico, o *rock* sempre foi alvo dessa indústria que transforma arte em mercadoria e que, talvez exatamente por isso, tenha tomado suas devidas proporções no cenário mundial, inclusive como manifestação juvenil. A própria figura de Elvis veio para ser posta em um lugar de destaque da música negra, para ser melhor absorvida e aceita pela sociedade

racista da época, o que já mostra que desde o início ele foi incorporado pelas campanhas publicitárias que transformam arte em mercadoria.

Desde o começo o Rock'n'roll sofreu influências de várias ordens, antes, durante e depois de seu surgimento, o que continua acontecendo em maior ou menor grau. Ao mesmo tempo, também estimulou acontecimentos ligados a muitos eventos, sejam de ordem cultural, econômica, social, política ou tecnológica, entre outras. Este fenômeno só foi possível porque desde o princípio a arte musical se desenvolveu com o mercado e atrelada à indústria cultural, englobando tudo que envolvia a organização e divulgação dos shows, dos discos e das marcas usadas em outras mercadorias, como produtos de grifes, cervejas, pôsteres e quase uma infinidade de itens ligados às bandas e aos artistas (Comim, 2023, p. 19).

Assim, mesmo que em um primeiro momento o *rock* não era para ser um produto cultural, nota-se que, enquanto ganhou sua popularidade, foi aspirado pelas grandes mídias e massificado. Além disso, o início do rock na década de 1960, foi também o momento de surgimento da Pop Art, que reivindicava um discurso sobre a arte fazer parte da vida cotidiana, sem a necessidade de transformar o mundo, muito usado também pelas grandes mídias (Sarmiento, 2006).

Como exposto, a geração das décadas de 1950 e 1960, iniciaram suas juventudes em um mundo mais confortável em sentido de economia. Além da massificação dos meios de comunicação e de um momento em que surgia um estilo musical totalmente voltado para seus gostos, expressava suas emoções de não conformidade em relação ao mundo e ao conservadorismo da geração passada.

O componente diferencial dos anos 60 — e também dos anos 50 — em relação aos anos seguintes, reside nos movimentos de contestação musical, sociocultural e até política surgidos no rock e na juventude. Os anos 60, em sua segunda metade, foram ricos em movimentos sociais e estéticos: contracultura, movimentos estudantis radicais, Maio de 68, passeatas contra a Guerra do Vietnã, Antiuniversidades, movimento hippie, comunidades livres, uso de drogas alucinógenas, adoção indiscriminada de exoterismos e exotismos, revistas underground, rock psicodélico, acid rock, art-rock, etc. Este aspecto essencial da realidade da década de 60 teve tamanho impacto no imaginário dos agentes envolvidos no rock que, até hoje, marca - autenticamente ou não - muito da produção roqueira e dos signos da juventude (Groppo, 2021, p. 9)

Conforme Groppo (2021), foi justamente essa mundialização da música de *rock*, somado aos fatores já mencionados acima, que transformaram os jovens em um mercado consumidor tão ativo. Pois, se identificavam com aqueles produtos -

tanto a música em si quanto às vestimentas usadas pelas bandas — e tornavam tais apetrechos em uma característica fundamental de sua própria personalidade.

Portanto, pode-se compreender que, apesar de nascer como protesto social, o *rock* desde o início foi transformado em produto e gerou diversos produtos para a indústria fonográfica. Além disso, as próprias bandas produziram seus materiais de vendas, com camisetas e até mesmo a estética diferente utilizada pelos integrantes da banda, que acabavam por virar elementos de moda entre seus fãs. Até mesmo as bandas mais controversas que utilizavam temáticas envolvendo o satanismo, como a banda Black Sabbath, acabaram se popularizando e divulgando até mesmo um estilo estético de vestimenta e acessório por parte dos fãs. Servindo, inclusive, de inspiração para as bandas com temáticas parecidas que surgiram após os anos de 1990. Mas, o mesmo não ocorreu com o *black metal*, pois diferente de outras vertentes do rock, ele não se faz presente na programação, não toca nas rádios brasileiras e os integrantes das bandas não possuem a fama como objetivo, como demonstra o estudo do antropólogo brasileiro Leonardo Campoy (2010).

De acordo com Campoy (2010), a cena do metal no Brasil é dividida entre o metal *mainstream* e o *underground*, sendo que o *black metal* faz parte do segundo grupo. O antropólogo afirma que os adeptos de um som *underground* rejeitam tudo aquilo que consideram *mainstream*, pois o som do *underground* não é somente um estilo musical, mas algo no qual o participante do movimento incorpora como estilo de vida, no qual ele adentra quase que como um chamado espiritual. Afirma ainda:

O underground é certamente um espaço organizado a partir da música. Compô-la, escutá-la, apresentá-la, em um termo, experienciar a música não é só a pulsão originária do underground como também, como acabamos de ver, é um modo específico de experienciar a música que opera a entrada da pessoa nesse espaço (Campoy, 2010, p. 41).

É importante compreender que essa divisão entre o metal *mainstream* e o *underground* não compreende um local físico e geográfico, mas caracteriza-se pela forma como tais bandas apresentam, gravam e distribuem suas músicas, camisetas, zines e demais materiais entre seus fãs ou interessados em conhecer seu trabalho (Campoy, 2010, p. 43). Além disso, é vale ressaltar o comprometimento dos apreciadores da cena *underground* com a formação de sua própria realidade e consolidação de seus destinos. Os integrantes do *underground* afirmam uma passividade e inatividade por aqueles que são fãs das chamadas bandas *mainstreams*, afinal, eles apenas consomem o que já está pronto, enquanto no

underground tudo precisa ser produzido pelos seus próprios adeptos. Ou seja, o fã não pode ser apenas um ouvinte, ele será também um personagem que lutará pelo espaço, indo a shows, apoiando, tendo banda, fazendo zine, comprando camisetas e materiais que ajudem a manter os eventos ativos, sem fins lucrativos. Não é apenas uma questão de gosto, pois entre os seus integrantes isso é visto, muitas vezes, como um destino a ser cumprido (Campoy, 2010, p. 47).

Neste contexto o *black metal* está inserido. É um estilo musical que descende do rock, mas não quer ser absorvido pela Indústria Cultural, não quer ser *mainstream* e tem apoiadores que querem lutar pelo seu espaço em um lugar oculto, no qual somente quem é destinado a apreciar é que estará por lá. Campoy (2010) ainda afirma que a relação que há entre essa postura *underground* e a Indústria Cultural torna-se um debate pertinente, pois assim ambos possuem em comum uma rejeição a tudo produzido para as grandes massas por meio de grandes distribuidoras e visibilidade em grandes mídias:

Toda a crítica que seus praticantes fazem ao “mercado” da música, condensada naquilo que denominam *mainstream*, toda essa postura contra qualquer meio massivo de produção e comunicação da música, de modo algum os coloca à margem destes mesmos meios. Pelo contrário, os coloca frente a frente, em disputa pelas formas com as quais irão utilizar esses meios. Contudo, nessa política das produções do som, são em alguma medida vitoriosos. Conseguem manter suas formas em operação, discretas, auto-sustentáveis e relativamente autônomas (Campoy, 2010, p. 123).

Essa distinção entre *underground* e *mainstream* coloca o primeiro em uma posição de viver sua verdade, os classifica como o real diante da falsidade do *mainstream* (Campoy, 2010, p. 124). Produzem arte somente para seus apreciadores fieis, que vivem sua verdade, vivem originalmente e não se confundem com aquilo que é somente uma moda passageira ou feito somente por diversão. É em meio a esse sentimento de originalidade e uma certa superioridade em postura artística - que não é somente um gosto, mas um modo de viver - que no cerne do *black metal* nascem sentimentos de superioridade que, muitas vezes, desembocam justamente na crença de fazer parte de um tipo de ser humano que é mais puro do que os demais. E, talvez, justamente por isso, é que muitos de seus apoiadores acabam por se curvar a ideias nazi-fascistas.

Adorno e Horkheimer (1947) chamavam a atenção para como a Indústria Cultural divulgava sua ideologia por meio da arte, mostrando inclusive como o partido nazista usou do cinema como uma forma de propaganda política, como

afirmam: “Nessa medida, a pretensão da arte é sempre ao mesmo tempo, ideologia” (p.61 e 62). O paradoxo aqui se torna evidente por termos no *black metal* um movimento anti Indústria Cultural, mas que muitas vezes prega suas ideologias nazi-fascistas por um meio *underground*, inclusive aqui no Brasil e em Santa Catarina.

1.3 O SURGIMENTO DO NACIONAL-SOCIALISMO NO BLACK METAL

O surgimento do *black metal* é atribuída a banda inglesa Venom (1979) como marco inicial do extremo rock, tendo seu primeiro álbum *Welcome to Hell* publicado em 1981, o segundo foi lançado em 1984, *Black Metal*, cujo nome serviu de inspiração para o nome da nova vertente do heavy metal. Entre o surgimento da banda Venom e início dos anos de 1990, centenas de bandas de extremo rock surgiram pelo mundo afora, apresentando algumas características comuns: o vocal gutural, a velocidade rítmica, temas líricos voltados ao satanismo e misantropia, nacionalismo, estética macabra e uma apresentação teatral.

O visual é agressivo, tanto roupas escuras quanto na produção artística: uso de correntes, *spikes*, coturnos, armas brancas, cintos com balas de armas de fogo, cruz católica invertida, pentagrama, *corpse paint* e uso de pseudônimos por membros de algumas bandas. Esses detalhes são “elementos que mais tarde serão reconhecidos como emblemas e características próprias do *black metal*” (Moraes. 2014, p.43), afastando-se definitivamente, assim, das demais vertentes do *rock*, como o *thrash* e *death metal*. Entre as mais conhecidas temos a Hellhammer (1982), Celtic Frost (1984), Mercyful Fate (1981), Bathory (1983), King Diamond (1985), Vulcano (1980), Sarcófago (1985), Samael (1987), Rotting Christ (1987). Segundo o antropólogo Leonardo C. Campoy (2010):

O *black metal* enquanto prática urbana formula, ao mesmo tempo, uma leitura do mal através de sua música e uma dramatização do mal através dos seus shows. Seus músicos e apreciadores são enfáticos quanto ao caráter blasfemador de suas músicas. E a blasfêmia está na oposição aos valores e princípios do que chamam “sociedade judaico-cristã(p.1).

Essa batalha transformada em arte não se enquadra nos padrões comerciais brasileiros, por isso não circula nas grandes mídias como TV, rádio, jornais e revistas (eletrônicas) de grande audiência e tão pouco possui algum tipo de investimento de grandes empresas para a realização de eventos e shows, restringe-se ao universo

underground (Oliveira, 2016). Além de consumirem os produtos relacionados ao gênero musical, passaram a produzir seu próprio Metal, organizando bandas, promovendo eventos, repassando materiais (CDs, camisetas), produzindo e divulgando ideias especializadas e entrevistas de bandas através dos fanzines. Tais materiais são compartilhados somente entre os praticantes “por meios de relações de troca”, sem necessariamente ter fins lucrativos (Campoy, 2010).

Forma-se então um novo e dinâmico espaço social de criação do *black metal*, tornando-se “um modo de inserção na cidade” de uma “prática social não profissional”, mas “dotada de forte relevância identitária para quem a exerce” (Campoy, 2010), desencadeando laços afetivos e percepções de mundo em comum.

O que rege a lógica de funcionamento do underground é o princípio da retribuição. Para as bandas que participam dos eventos no underground não há cachê, garantia de equipamentos de qualidade, hospedagem, alimentação, ou seja, não há espaço para as exigências das bandas profissionais. Contra a lógica mercadológica há o apoio mútuo, já que os organizadores e praticantes sempre dão uma força para compensar os gastos e o pouco retorno financeiro dos shows (Campoy, 2010, p.19).

O *black metal* é uma ramificação do *heavy metal* que, como documenta Campoy (2010), diferentemente de qualquer outra vertente musical, é uma arte que influencia diretamente a vida de seus apreciadores e que altera suas percepções de mundo. Por isso não se restringe a uma organização sonora e participação em shows, há uma ideologia intrínseca na música que tende a refletir no comportamento dos seus músicos e apreciadores. Seus valores são claros e definidos: combater a moral judaico-cristã e a tudo que dela deriva. Há diferentes ramificações dentro desta esfera, as principais são: satanismo, a misantropia e nacional-socialismo¹⁷, tendo esta última como o tema a ser pesquisado.

O extremo *rock* ultrapassa os limites do som “pesado” e estética fora do padrão para contestar valores morais promovidos pelos conservadores culturais, sociais e políticos, desde suas origens (Campoy, 2010; Sena; 2019). O *YouTube* Clinger Carlos, do canal *Heavy Metal Online*, ao encontro de Raffael Sena (2019), observa que, valores cristãos e posturas nazifascistas. Algo que aparecia timidamente nos anos de 1990 e início dos 2000, têm tomado forma e conquistado

¹⁷ Vertente que, para além da crença na supremacia branca, visa difundir o revisionismo histórico da Segunda Guerra Mundial, tentando desqualificar a veracidade do Holocausto.

espaço no universo *underground* em várias partes do mundo nos últimos anos, no Brasil, com participação de ativistas em Santa Catarina.

Nos EUA, a direita populista e conservadora vence a eleição em 2016 e dois anos depois, em 2018, o Brasil passa pela mesma experiência. Nos últimos anos surgem discursos moralistas, conservadores, meritocráticos, contra minorias (negros e LGBT) e contra os Direitos Humanos, bem como, apologias por regimes militares e legitimação da tortura. Essas práticas têm conquistado adeptos em várias esferas sociais, inclusive de parte do movimento de contracultura: *heavy metal* e suas ramificações (Sena, 2019). Cabe destacar que alguns flertes com a extrema-direita aconteceram entre as décadas de 1970 até o início dos anos 2000, porém sempre acompanhada de uma onda de protestos promovidos pelos progressistas nas mais diferentes regiões, como na Inglaterra, EUA e Brasil. Corroborando com esse quadro, Raffael Sena, (2019, p.19) afirma que atualmente “o culto aos padrões e às tradições branco-europeias e a adesão a uma crítica generalizada ao mundo contemporâneo, opondo-se aos projetos progressistas de transformação social e defendendo o resgate a um passado ultra romantizado, tido como uma época heroica, melhor e mais nobre” tem se intensificado e sido pauta daqueles que, até pouco tempo, representavam um movimento de contestação desses mesmos valores. Diante desse fenômeno, se faz necessário compreender como o *black metal* brasileiro, e em especial o catarinense, tem se curvado aos ideais de extrema-direita de bandas europeias, como a xenofobia, a crença na supremacia racial branca, combate ao comunismo e ao movimento anti-antifascistas.

A música, devido sua capacidade de afetar emocionalmente as pessoas, sempre foi usada para difundir crenças, ideias, unificar as pessoas, incitar multidões, desempenhando, assim, seu papel político durante toda história, como os hinos nacionais, as marchas militares e a música sacra. Apesar do nacional-socialismo *black metal* conseguir conquistar uma vasta descendência de seguidores, como nenhuma outra linhagem do metal, não foi a primeira linhagem a fazer isso (Maspero; Ribarick, 2015). Os pesquisadores Davide Maspero (2015) e Max Ribaric (2015), na obra *Wolves Among Sheep*, afirmam que o músico Wilhelm Richard Wagner (1813 - 1883) foi o pioneiro a ter sua obra associada a fins políticos, “pela intensidade totalmente absorvente do seu trabalho, juntamente com a sua capacidade de tocar acordes profundos e alcançar o subconsciente” (Maspero; Ribarick, 2015, p.24) chegando a conquistar, incondicionalmente, o líder alemão do

Terceiro Reich. Não apenas tinha suas obras tocadas durante as reuniões nazistas, como o próprio Hitler conclui que “Quem quiser entender a Alemanha Nacional Socialista deve conhecer Wagner” (Maspero; Ribarick, 2015, p. 24).

Na América, essas ideologias encontraram alta capacidade produtiva e se disseminaram por vários estilos, do pop até o extremo *rock*. A obra de Clifford Joseph Trahan, pseudônimo de Johnny Rebel, teve no final dos anos 60 suas músicas com títulos como *Who Likes A Nigger*¹⁸, *Some Niggers Never Die*¹⁹. O racismo estaria por conta da imigração, o desfecho da Guerra Civil e a luta pela compilação civil por direitos trazida pela minoria negra, ao contrário do que aconteceu na Europa, com as consequências políticas de um passado totalitário (Maspero; Ribarick, 2015). Aqui é possível observar como cada região cria seu próprio inimigo e a forma de combatê-lo.

Enquanto na Inglaterra o movimento *flower power* atuava diante dos problemas sociais, a banda Sex Pistols inovou através da violência de seus shows, somada à automutilação e cuspidas, recorrendo a qualquer artifício para chocar o público. A imagem de Sid Vicious andando pelo gueto judeu de Paris vestindo uma camiseta com uma suástica tornou-se o símbolo de uma época. (Maspero; Ribarick, 2015, p. 26). Nesse período surge Motörhead, cujo cantor e baixista Ian “Lemmy” Kilmister²⁰, colecionador de artigos originais do regime nazista, em “diversas ocasiões se apresentou ao vivo usando uma Cruz de Ferro no pescoço” (p.26), porém sempre negando as acusações de simpatias ao nazismo. Esse fenômeno global, como apontam Maspero (2015) e Ribarick (2015), refletiu no Extremo Oriente, onde na cena do Metal japonês, inúmeras bandas criaram uma imagem relacionada ao regime nazista, com objetivo de chocar a sociedade, colocando o nome de suas bandas como Mein Kampf, Rommel e Rosenfeld.

A relação direta do rock com a política de extrema-direita, ainda nos anos de 1970, teria começado no Reino Unido. O cantor Eric Clapton, durante um evento, motivou seus fãs a votarem em Enoch Powell, do partido Frente Nacional, um conservador que defendia a anti-imigração para evitar que a Inglaterra se tornasse uma colônia negra (Maspero; Ribarick, 2015, p.27). Na expectativa de que os jovens não aderissem à xenofobia e ao racismo, foi lançada a campanha Rock Contra o

¹⁸ “Quem gosta de negros” (tradução livre).

¹⁹ “Alguns negros nunca morrem” (tradução livre).

²⁰ Os diretores Greg Olliver e Wes Orshoski produziram um documentário sobre o Lemmy. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=xxPQq1x_2vw. Acesso: 07/07/2023.

Racismo, tentando garimpar apreciadores da música em geral, como do pop, *punk* e *reggae*. Como contra-ataque foi criado o de RAC (Rock Against Communism).

Neste contexto surge a Blood Honor, uma das pioneiras bandas de rock abertamente de direita, com objetivo de difundir o *White Power* através da música. A mesma organização criou uma revista, com o mesmo nome, para promover os ideais do Nacional-socialismo (NS), cuja ideia central foi absorvida por uma série de bandas e teve um “papel relevante no crescimento do submundo neonazi inglês, primeiro, e mais tarde ao nível mundial” (Maspero; Ribarick, 2015, p.28). A música deixa de ser apenas algo contemplativo, herdando do movimento *punk* a associação aos temas sociais. O extremo rock é incorporado como parte de uma propaganda de um sistema político, conduzindo a uma radicalização dos diferentes gêneros no rock.

Nos anos de 1980 inúmeras bandas surgem pelo mundo, como Metallica, Necrobutcher, Iron Maiden, Bathory, Anthrax, Megadeth, Sepultura, Vulcano e Slayer, tendo algumas delas acusadas de terem algum vínculo com o nazismo. Em 1981, na Califórnia, nasce o Slayer, após cinco anos de atividade lança seu terceiro e polêmico álbum: *Reign in Blood*. A primeira música chama-se *Angel Of Death* (Anjo da Morte), referência direta a Josef Mengele (1911–1979), um médico do Terceiro Reich apelidado de Anjo da Morte devido aos experimentos genéticos que realizou em prisioneiros dos campos de concentração. O público associou a letra da música, onde se encontram os versos “Anjo da morte, Monarca do reino dos mortos”, “Destruindo, sem piedade, Ao benefício da raça Ariana”, como uma forma de exaltação do nazismo. Tal associação acompanhou a banda por muitos anos, apesar dos músicos terem negado veementemente qualquer ligação com essa vertente política. Porém, engana-se quem acredita que, para amenizar o caso, evitaram em entrar em novas polêmicas: foi usada uma águia, inspirado na iconografia nazista, como símbolo da banda.

Figura 1 – Reign in Blood



Fonte: Domínio público.

Além disso, seu fã-clube se chama *Slaytanic Wehrmacht*, fazendo uma clara referência ao exército alemão, seu símbolo, uma caveira usando o capacete.

Figura 2 – *Slaytanic Wehrmacht*

Fonte: Domínio público.

Em 1994 lança o álbum *Divine Intervention*, com a música SS-3, fazendo uma referência ao Reinhard Heydrich (1904 - 1942), um dos redatores da solução final. Dois anos depois (1996) publicaram uma coletânea cover do *punk: Undisputed Attitude*. Desta vez a polêmica esteve por conta de uma alteração do último verso da música original da banda *Minor Threat, Guilty of Being White*, de “*Guilty of being white*”, para “*Guilty of being right*”²¹. Após homenagearem lideranças nazistas, uso de símbolo inspirado na iconografia nazista, tendo fã clube com o nome da tropa da SS, alteração de uma música punk para uma conotação oposta da proposta do autor, o argumento de que não tem simpatia ao regime nazista, simplesmente não convence. O interesse pelo nazismo é nítido e cabe ao público compreender isso.

No Brasil, a cidade de Belo Horizonte–MG foi o berço de uma série de bandas do extremo rock brasileiro. Em 1983, Vitória do Carmo, com sua irmã e parentes, formou a banda Lady Satã. Com o fim da banda, Vitória criou o Projeto Rock²²,

²¹ De culpado por ser branco; para culpado de estar certo (tradução livre).

²² Rock Dissidente é um blog e um programa de rádio, tem sua sede em Varginha-MG e há muitos anos dedica-se promovendo material sobre o Metal. Fonte da entrevista:

espaço destinado para eventos de Metal, onde o Sepultura se apresentou pela primeira vez, e o Placenta (1985–1987), cuja formação era com Marília (baixo), Vitória (guitarra), Paula (vocal), Ana Maria (guitarra) e Andreia (bateria). Segundo a entrevista concedida ao Rock Dissidente, comentou que as letras tinham como temas “mentes atormentadas, comportamento humano, as mazelas existenciais da raça humana”. Todo material sonoro produzido pela banda foi perdido, exceto parte da música “Vodka”,²³ disponível no YouTube.

Figura 3: Integrantes do Placenta



Fonte: Blog - Rockdissidente.

Nesta reportagem, publicada na Revista Metal²⁴, entre 1985 e 1987, quatro características devem ser destacadas: o som pesado produzido pela banda, observado pelo “tormento aos ouvidos”; o termo “*black metal*” sendo usado para se referir a um determinado gênero musical e não apenas depois da “segunda onda do *black metal*” quando os noruegueses “padronizaram” essa vertente nos anos de 1990, como afirmou Marlon Citon (2013)²⁵; o machismo do jornalista ao usar a expressão “um colírio para os olhos”, objetificando as integrantes da banda,

<http://rockdissidente.blogspot.com/search/label/Anal%20Cunt>. Acesso em: 15/11/2023.

²³ Disponível em: <http://rockdissidente.blogspot.com/2013/10/>. Acesso: 10/11/2023.

²⁴ Também pode ser encontrada no blog:

<http://rockdissidente.blogspot.com/2013/10/placenta-primeira-banda-metal-so-de.html>. Acesso: 02/10/2024.

²⁵ CITON, Marlon. Do assassinato aos filhos de Caim: uma análise da cena Black Metal em Curitiba nos anos 1990. História e-História, v. 1, p. 1-17, 2013.

reduzindo-as a sua beleza em detrimento ao talento artístico; e, por fim, o uso da suástica na calça da Andréia. Seria uma apologia ao nazismo?

Segundo Vitória, “Aquela calça que a Andreia, nossa baterista, está usando nas fotos, era do Igor Cavaleira (risos). Hoje penso que naquela época estávamos passando por um turbilhão de mudanças políticas no Brasil e no mundo, e sem contar as nossas mudanças pessoais, tudo que queríamos era polemizar nada mais.”

Figura 4: Cartaz: Show do Placenta



Fonte: Rockdissidente — Blog

Neste cartaz há o anúncio do show das bandas Guerrilha, que era um projeto do Sepultura e Mutilador, e do Placenta, que abriu o evento com sua apresentação. Nota-se que há duas suásticas: a primeira está em destaque na parte superior; e a segunda mais discretamente na parte inferior à direita, com as letras T, N, B e H nos cantos, como se fossem os pontos cardeais, indicando: Total Noise; e Belo Horizonte.

Nesse mesmo contexto, em 1985, surgiu banda Holocausto, em Belo Horizonte–MG, uma das primeiras do extremo rock, ao lado de Sarcófago (1985), Sepultura (1984), Necrobutcher (1988), Suppurated Fetus (1988). Além da agressividade sonora, a banda adotou, num primeiro momento, temas que envolviam a guerra, e termos relacionados com o nazismo, como o próprio nome da banda, apelido de um dos integrantes, Rodrigo “Führer” Magalhães (guitarrista e vocal), e seu primeiro álbum “Campo de Extermínio”, lançado em 1987. Passados trinta e três anos do lançamento e tal LP, o vocalista, o “Führer”, concedeu uma entrevista canal do Globin TV²⁶ onde comentou sobre a história da banda e sua relação com a temática nazista.

Para gente que era jovem, fodido e da periferia, falar de guerra, essa coisa que a gente vivia, da Guerra Fria, de não saber ao certo se vai ter o amanhã... A gente vivia nesse clima pós-ditadura. E o jovem sofria preconceito e tudo mais. A polícia realmente era repressiva com a gente. (...) Então essa coisa dessas letras falando da guerra, falando de um amanhã incerto, bateram muito mais do que as letras que eram comumente usadas no metal, de falar de demônio e tudo mais. (...) E aí comecei a fazer essas músicas, falando de guerra, que leva ao estilo War Metal. (...) E vieram os pseudônimos, às suásticas, o próprio nome da banda, que causou uma espécie de confusão. Na Europa foi proibido, nos Estados Unidos também não entrava esse disco. Porque a banda se chamava Holocausto, as suásticas, a temática e tudo mais. Então muita gente confundiu. O intuito da gente era meio que mostrar a podridão do mundo, saca? O que a gente achava de mais podre no ser humano, era a guerra. E o que era mais podre na guerra, era o nazismo.

Durante toda parte da entrevista dedicada a responder sobre a relação da banda com o nazismo, Rodrigo “Führer”, com muita tranquilidade e segurança, afirmou que não havia nenhuma ideologia e, sequer, imaginava que poderia ter alguma repercussão. Afirmava que o objetivo da banda era tentar ser mais extremo que os demais colegas, demonstrando um lado muito obscuro da alma humana, que era a guerra e o nazismo. Em decorrência do (possível) “mal-entendido” pelo público, alguns membros saíram da banda e, ao observar os demais materiais produzidos, diferentemente do Slayer, não houve continuidade dessa temática. Mas o termo “Führer”, como era chamado Adolf Hitler, permanece.

Aparentemente todas “essas questões estavam relacionadas com a estética e nunca - salvo possíveis mal-entendidos - suscitaram dúvidas reais relativamente a

²⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=p0jUVmJkR7Y>. Acesso: 20/07/2023. A matéria sobre esta entrevista pode ser acessada a partir de vários sites sobre rock, entre elas whiplash.net. Disponível em: https://whiplash.net/materias/news_739/324524-holocausto.html. Acesso: 15/11/2023.

uma possível ‘infiltração nazi’”, mas sempre sendo acusado de ‘fascismo’ e ‘misoginia’ pela inteligência progressista e marcado como ‘degenerado’ e ‘imoral’ pela direita conservadora” (Maspero; Ribarick, 2015, p. 27). Apesar da total inviabilidade do uso de símbolos relacionados ao nazismo, seja por proliferar o ódio às minorias fazendo apologia ao regime nazista, seja “simplesmente” para “chocar a sociedade”, inúmeras outras bandas continuaram a usar tais elementos, mesmo tendo a reprovação da mídia e (parcela) dos apreciadores desse gênero musical.

Nos anos de 1990, essa vertente musical estava em várias regiões do mundo, pesquisadores como Campoy (2010), Medeiros (2014), Citon (2013), concordam que a difusão ocorreu nesta década somente após alguns roqueiros noruegueses terem cometido crimes de assassinatos, queimado dezenas de igrejas e propondo um comportamento mais radical por parte dos metaleiros. O principal expoente é Varg Vikernes (*Count Grishnackh*), o multi-instrumentista e único membro da banda Burzum, condenado a 21 anos de prisão por matar seu amigo Oystein “Euronymous” Aarseth, guitarrista da banda Mayhem, em 1993, e pelas acusações de ter orquestrado a queima de dezenas de igrejas medievais na Noruega. O que seria uma retaliação contra o cristianismo, uma vez que este representa o fim da religião de seus ancestrais²⁷. Esses eventos que ficaram popularmente conhecidos, para além do meio acadêmico, como a “segunda onda do *black metal*” onde houve a “padronização” do estilo, pois lá “vivem o que cantam” Campoy (2010), tornando-se uma referência absoluta para os brasileiros. Foi neste contexto que surgiu o Nacional-Socialismo Black Metal (NSBM). Trata-se de um subgênero do *black metal*

que promove o nazismo e ideologias similares por trabalhos musicais e visuais, propagando crenças neonazistas (como a supremacia branca, o antissemitismo e a homofobia), o paganismo europeu (fazendo referência à honra, guerras, deuses e costumes dos povos pagãos europeus) e o ódio contra algumas religiões, como o cristianismo, o judaísmo e o islamismo. (...) No início, esse movimento começou de forma clandestina, devido ao grande repúdio que o neonazismo sofria no Metal. (Sena, 2010, p.51).

Varg Vikernes é conhecido no universo *underground* pela qualidade de sua música, pela sua coragem de expor seu nacionalismo extremo, pelas ideias anti-imigração e racistas, como, por exemplo: “As ideias dos álbuns do Burzum não são nazistas, mas acho que minha música é popular entre os nazistas porque eles também sofrem ostracismo, sendo excluídos em seus próprios países, e, porque eu

²⁷ Essa discussão Varg desenvolve no seu site oficial: Burzum.org.

também tenho opiniões racistas, por isso temos muito em comum”.²⁸ Essas declarações racistas estão longe de representarem posições isoladas na cena do Metal e tão pouco se confunde com as costumeiras respostas das bandas dos anos de 1970–1980: “Fiz apenas para chocar a sociedade”, tentando se esquivar da apologia ao regime responsável por perseguir e matar milhões de pessoas que não estavam alinhadas com segmento supremacista, europeu, branco, heterossexual, cristão.

A partir da década de 2010, inúmeros apreciadores de notoriedade mundial do Metal, como D. Mustaine e B. Dickinson, não apenas abriram mão do discurso de protesto progressista, ao aderirem um conteúdo vazio, como assumiram um discurso conservador, religioso e meritocrático. Desconsiderando toda atuação das gravadoras, dos empresários e equipe de marketing (Sena, 2019). Em 2014, Ted Nugent, fala mal dos apoiadores dos direitos humanos, rejeita os imigrantes de qualquer lugar e exige “América para os americanos”.²⁹

Em 2016 o jornal O Globo³⁰ publicou: “Saudação nazista de Phil Anselmo deixa o clima pesado na cena Metal - Polêmica com ex-vocalista do Pantera reacende discussão sobre tolerância a manifestações racistas”. O evento aconteceu no dia 22 de janeiro na casa de shows Lucky Strike Live, na Califórnia. Durante a apresentação, Phil Anselmo fez uma saudação nazista e gritou “*white power*” (poder branco) para a plateia. Diante da situação, P. Anselmo afirmou que tudo não passou de “uma piada” pelo fato de ter “bebido vinho branco no camarim”. O caso tomou notoriedade mundialmente, dentro e fora da cena *rock ‘n roll*, fez com a que banda perdesse a admiração e o respeito por uma série de fãs e não apenas o artista não foi punido como, segundo Sena (2019, p.49), trata-se de “uma atitude nazista que antes era repudiada no movimento, parece ter sido naturalizada por muitos de seus adeptos e mais do que isso, como demonstrou Phil Anselmo, incorporada a suas visões de mundo e partilhada entre eles”.

²⁸ Fonte: https://www.burzum.org/eng/library/2010_interview_metalscript.shtml. Acesso em: 12/07/23.

²⁹ Disponível em:

<https://combaterock.blogosfera.uol.com.br/2014/05/02/sons-of-liberty-o-conservadorismo-politico-no-heavy-metal/>. Acesso em: 18/08/2023.

³⁰ Fonte:

<https://oglobo.globo.com/cultura/musica/saudacao-nazista-de-phil-anselmo-deixa-clima-pesado-na-cena-metal-18629060#ixzz4zfsdL9oO>. Acesso: 09/09/22.

Outro caso que surpreendeu o lado progressista do universo *underground* aconteceu em 2019, quando Adam Nergal Darski, líder do Behemoth, causou polêmica ao publicar, em suas redes sociais, fotos usando uma camiseta fazendo apologia contra o movimento Antifa — movimento político antifascismo.

Figura 5: Nergal combate os Antifa



Fonte: Domínio público

Na primeira foto há um metaleiro executando um Antifa (Antifascista), a frase diz: “*Black metal against antifa*”³¹; e na segunda lê-se o seguinte: “*Kill them, show no mercy, fuck antifa!*” . Pouco tempo depois, Nergal concede uma entrevista à revista Kerrang!³², ao ser questionado “*So, Nergal, this Antifa T-shirt thing... What happened there? Why did this create a controversy?*”, a resposta parece ser evidente (para ele)

³¹ Primeira foto: Black Metal contra Antifa- tradução livre. Segunda foto: Matem-os! Não mostrem misericórdia. Foda-se, Antifa! - Tradução livre.

³²

Disponível

em:

<https://www.kerrang.com/nergal-and-the-antifa-t-shirt-controversy-i-like-trolling-and-i-like-provoking-people>. Acesso em: 20/09/2023.

“*Honestly, I have no idea.*”³³ É difícil acreditar que alguém que esteja há mais de trinta anos na cena *underground* mundial, que não seja fascista, brinque com determinadas situações e posições políticas. Trata-se de uma cena violenta: uma pessoa indefesa, ajoelhada, prestes a ser assassinada covardemente pelas costas, sem “misericórdia”, por representar aqueles que lutam contra os fascistas. A explicação de Nergal poderia ser interpretada da seguinte maneira: “Lógico que sou fascista. Vocês não sabiam?”

O pesquisador Raffael Sena (2019) fez um diagnóstico apontando que em várias regiões do mundo houve um crescimento vertiginoso dos padrões de comportamento conservador dentro do *black metal*. A partir de 2018, no contexto das eleições presidenciais

tornaram-se visíveis e frequentes as manifestações de ódio às minorias, aos direitos humanos e aos movimentos sociais de esquerda, assim como o apoio ao fascismo, ao ultranacionalismo e à “família tradicional”; o culto aos padrões e às tradições branco-europeias e a adesão a uma crítica generalizada ao mundo contemporâneo, opondo-se aos projetos progressistas de transformação social e defendendo o resgate a um passado ultra romantizado, tido como uma época heróica, melhor e mais nobre (Sena. 2019, p.13).

Em 2014, o vocalista da banda Salário Mínimo, China Lee, insatisfeito com a vitória de Dilma Rousseff (PT), fez um desabafo em suas redes sociais: “O Brasil precisa mesmo ser dividido... não dá para ficar sustentando vagabundo.”³⁴ Fazendo referência às políticas públicas que favorecem os mais necessitados, dividindo a opinião dos fãs que discutiam entre si a manifestação do músico. Mantendo a tradição da maioria dos que manifestam preconceituosamente e excludente, após a repercussão negativa em diferentes mídias, China Lee fez uma postagem se desculpando: “Perdi a cabeça em um momento de decepção política e indignado, escrevi algo que não condiz com o que sempre preguei ao longo da minha carreira”.

Em Fortaleza, durante o show do Sepultura, do evento *Metal Weekend 2023*, onde um homem foi flagrado fazendo uma saudação nazista e dizendo “*Hail Hitler*” e

³³ Então, Nergal, essa coisa da camiseta da Antifa... O que aconteceu aí? Por que isso criou uma polêmica? Honestamente, não tenho ideia - tradução livre.

³⁴

Disponível

em:

<https://combaterock.blogosfera.uol.com.br/2014/10/28/china-lee-do-salario-minimo-se-desculpa-por-comentarios-nas-redes-sociais/>. Acesso em: 23/09/2023.

que “a banda com um negro como vocalista não é banda”³⁵. Imediatamente foi agredido pelos demais que foram assistir ao show e retirado do recinto pelo segurança. Tal acontecimento repercutiu na internet, principalmente nas redes sociais voltadas aos temas sobre *rock*.

Em 2005 surge a banda paulista NSBM Granatus conforme a descrição no *metal-archive*.³⁶ Tem uma vasta produção musical desde sua fundação, principalmente depois de 2015, frequentemente coligada com outras bandas, como Ixtaukayotl (México), Nuclear Rage, Gloriosa Bandeira NS, cujas letras tratam sobre antissemitismo, guerra, apologia ao nazismo, a Ku Klux Klan. É popularmente conhecida no meio nacional-socialista e, segundo relatos colhidos em diferentes eventos, costuma fazer shows somente de “portas fechadas”, apenas para as pessoas próximas. Nunca postam o nome verdadeiro e fotos dos membros, tão pouco responderam ao convite para a realização de uma entrevista. Seu ativismo limita-se a produzir zines, colar cartazes na região do ABC Paulista e divulgar vídeos nos grupos de Telegram, com conteúdos anticomunistas, antissemitas, contra homossexuais, racistas e apologias a ditaduras.

Figura 6: War Coalition



³⁵ Disponível em: Fonte: <https://www.wikimetal.com.br/sepultura-homem-racismo-nazista-apanha-show/>. Acesso em: 01/08/2023.

³⁶ Disponível em: <https://www.metal-archives.com/bands/Granatus/3540394527>. Acesso: 27/10/23.

Fonte: Ewiger Froststurm - Blog

A iconografia acima apresentada refere-se a um álbum feito por duas bandas: Granatus (SP) e Sacrifício Sumério (PR). Mostra o retrato de B. Mussolini e A. Hitler, numa posição de destaque, tendo o primeiro fazendo uma saudação ao público.

Os pesquisadores Campoy (2010) e Sena (2019) documentaram que a ramificação nacional-socialista sempre foi a mais polêmica dentro do *black metal*. As pessoas de esquerda conseguiram manter os nazifascistas “isolados” e com pouca coragem de se expor durante algumas décadas, pois nunca foram bem-vindos à cena. Apesar da resistência dos Anti-antifas, bandas como de extrema-direita como Pest Noire, Absurd e Graveland chegaram a ter seus shows cancelados na Europa, e Mayhem no Brasil³⁷.

A partir da década de 2010 essa realidade vem se transformando, pois simpatizantes, apreciadores e bandas, do *black metal*, em várias regiões do mundo, inclusive no Brasil, começaram a explicitar seu apreço pela extrema-direita (Sena, 2019). Discursos contra os direitos humanos, ódio às minorias, militaristas, totalitários, racistas, antissemitas, contra os movimentos sociais, nas redes sociais, nas entrevistas e até em shows. Tal empoderamento tendo sido impulsionado e é um reflexo da geopolítica mundial, que vai exatamente ao encontro da pesquisa da antropóloga Adriana Dias, que identificou que a tendência reacionária se espalhou pelo mundo, como o Donald Trump (EUA), Marine Le Pen (não se elegeu, mas é forte na França), Erdogan (Turquia), Salvini (Itália) e Jair Bolsonaro (Brasil).

1.4 VARG VIKERNES: O MENTOR DO NSBM

Durante o século XX, a dominação militar de uma nação sobre outra foi se perdendo mediante a conquista da independência dos países colonizados. No entanto, a colonialidade está relacionada à cristalização do sentimento ou da padronização de diferentes valores e comportamentos, como um novo padrão de poder mundial, que os ex-colonizados mantêm cotidianamente de seus (ex)

³⁷ O cancelamento desse evento ganhou notoriedade nacional e inúmeros sites publicaram essa polêmica, entre elas: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2023/03/show-do-mayhem-banda-acusada-de-ser-neonazista-e-cancelado-apos-protestos.shtml>. Acesso: 01/10/2023.

colonizadores. Dessa forma, há uma negligência das próprias origens e costumes em busca de um padrão de comportamento e de valores daqueles que a pouco os (recém) exploraram. Em seu texto “Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina”, Quijano apresenta três tipos de colonialidades: do poder econômico e político, exercido pela parcela branca e rica da sociedade; do ser, a partir da tentativa de eliminar os não europeus; e por fim, do saber, onde os conhecimentos não europeus têm pouco ou nenhum valor. Esse terceiro tipo de colonialidade estará em destaque referente às percepções de alguns acadêmicos, produtores de conteúdo e até pelos próprios participantes do *black metal* brasileiro.

Como dito no subtópico anterior, nos anos de 1990 o *black metal* enquanto vertente musical não era novidade para os amantes do rock, pois já estava em inúmeros países. Apesar da proposta do extremo rock se apresentar subversivamente aos diferentes padrões de condutas em busca de uma liberdade cultural, é possível identificar entre seus apreciadores, músicos, ouvintes, comentadores e até acadêmicos, que o eurocentrismo perpassa suas análises e produções textuais.

Neste mesmo período, membros do *black metal* norueguês se envolveram em casos de suicídio, homicídios, destruição de igrejas, construção de valores raciais, e, assim, ganham notoriedade ao nível internacional. Atitudes essas, que mais tarde, se tornaram referências de conduta para a cena do Metal brasileiro e a crença na “padronização” musical desse estilo, onde é possível ser observado um ensejo de se assemelhar aos europeus.

O pesquisador Marlon Citon (2013), da Universidade Federal do Paraná, escreveu sobre a cena do *black metal* na cidade de Curitiba, nos anos de 1990, tendo como referência as letras e imagens presentes nos encartes dos vinis das bandas Muder Rape e Amen Corner, ambas de 1992. Há uma proposta em fazer uma comparação de algumas características entre a “primeira onda”, referindo-se a música brasileira, e a “segunda onda”, tendo as bandas internacionais.

A Primeira Onda de Black Metal refere-se a bandas de Black Metal dos anos 1980, possuindo estrutura e sonoridade próxima aos outros subgêneros da música extrema. A originalidade ocorreria pela pouca estruturação musical, baixa qualidade de gravação de álbuns e letras abordando o Satanismo. Em contrapartida, a Segunda Onda de Black Metal confere a bandas de Black Metal dos anos 1990, possuindo estrutura de riffs diferentes, letras abordando tanto o Satanismo quanto Misanthropia, uso comum de *corpse paint* (Citon, 2013,p.8).

Ao tratar de um estilo musical, onde há milhares de bandas pelo mundo, realizar uma demarcação tão precisa, quanto propõe Citon (2013), não é uma tarefa fácil. Há várias bandas dos anos de 1980 que se encaixam nas características da “segunda onda”, entre as internacionais Venom, Black Sabbath, Hellhammer e Celtic Frost, no Brasil a banda Sarcófago, com as demos *Satanic Lust*; e *The Black Vomit*, ambas lançadas em 1986, abordando temas como o satanismo (Oliveira, 2016). Quanto ao uso do *corpse paint* é possível citar o KISS na década de 1970, Sarcófago, Insulter, King Diamond, Mayhem e Necrobutcher nos anos de 1980 (Oliveira, 2016). A padronização estaria por conta de “um tipo de sonoridade, imagem, concepções instituídas por, principalmente, três bandas norueguesas: Mayhem, Burzum e Darkthrone” (Citon, 2013). Dessas a primeira foi formada em 1984, a terceira em 1986 e apenas o Burzum corresponde ao período apresentado da “segunda onda”, de 1991 (Oliveira, 2016). Ao encontro da interpretação de Citon (2013), Moraes (2014) concorda que “inúmeras bandas serão fundadas diretamente influenciadas pelo black metal lapidado pelos noruegueses, apesar do Sarcófago tê-los influenciado primeiro”. Algo que foi desmentido pelo Fenriz, do Darkthrone, numa entrevista constrangedora concedida ao jornalista Sávio Vilela (Oliveira, 2016).

Aqui é observado um discurso onde há uma

nova maneira de legitimar as já antigas idéias e práticas de relações de superioridade/inferioridade entre dominantes e dominados. Desde então demonstrou ser o mais eficaz e durável instrumento de dominação social universal, pois dele passou a depender outro igualmente universal, no entanto, mais antigo, o intersexual ou de gênero: os povos conquistados e dominados foram postos numa situação natural de inferioridade, e conseqüentemente também seus traços fenotípicos, bem como suas descobertas mentais e culturais. (Quijano, 2005. p.118).

A necessidade de se sentir próximo da cultura europeia ultrapassa as barreiras do aspecto visual e sonoro, para a exaltação de um determinado ativismo voltado ao anticristianismo e racismo. Se entre 1990 e meados dos anos 2000 tais influências limitavam-se às produções artísticas e os discursos de cunho racista não eram “tão expressivos”, como demonstra Sena (2019), nos últimos dez anos o cenário político brasileiro e mundial favoreceu para que o aumento significativo do conservadorismo no extremo *rock*. Assim, a figura de Varg Vikernes tem sido a inspiração para inúmeros apreciadores do Metal brasileiro. De onde surgiu esse nome?

Em 1984, na Noruega, surge a banda Mayhem, formada pelos músicos: Necrobutcher (baixo), Manheim (bateria) e Oystein Aarseth, conhecido como Euronymous, após quatro anos dois novos integrantes: o vocalista sueco Per “Dead” Ohlin e o baterista Hellhammer³⁸. Nos shows havia cenas de violência, o vocalista sempre se cortava com cacos de vidro e com faca³⁹, fazia o *corpse paint* - pintura facial cadavérica, usada ainda hoje por muitas bandas e apreciadores - o vocalista seria um admirador da morte. No dia oito de abril de 1991, Dead corta os pulsos com uma faca e, com uma espingarda, atira na própria cabeça. Deixou um bilhete se desculpando pelo sangue⁴⁰. O Euronymous foi o primeiro a encontrá-lo morto e imediatamente, ao invés de chamar a polícia, fez uma foto e a usou como capa do álbum *Dawn of the Black Hearts* (1995).

As igrejas Stav na Noruega representam alguns dos seus maiores patrimônios da Idade Média, marcado pela inserção da igreja católica na Escandinávia. Em 6 de junho de 1992, a igreja de madeira de Fantoft Stave Church, localizada em Fana, Bergen é incendiada. Pouco mais de dois meses, em 23 de agosto de 1992, é a vez da capela de Holmenkollen, na cidade de Oslo, entrar em chamas. Entre 1992 e 1996 dezenas de igrejas tiveram o mesmo fim, sendo algumas da Suécia. Inicialmente as autoridades locais acreditavam ser apenas um acidente, mas diante do aumento da lista de igrejas incendiadas, a crença num crime premeditado aumentava, repercutindo nas mídias locais e internacionais (Oliveira, 2016, p. 19).

Segundo Ian Christie (2010),

O crescimento do black metal coincidiria com o aniversário de mil anos do Cristianismo na Noruega, quando dois reis pagãos, Olaf I Tryggvason em 955, e Olaf II Haraldsson, em 1015, violentamente impuseram a religião à costa oeste da Noruega e precipitaram o fim da era Viking. Ao estudar as atrocidades perpetradas pela cruz ostentada por seus antepassados, as bandas black metal adoradoras do pentagrama achavam um ambicioso objetivo que elevasse as piadas satânicas ao *status* de uma *jihad* religiosa: eliminar o Cristianismo da mesma forma que ele havia invadido o país – violentamente - e fazer com que a Noruega retornasse à condição natural de harmonia espiritual (p.111).

³⁸ O mesmo que afirmou ser contra “mistura de raças”, usava acessórios nazistas em seus ensaios, e teve o show de sua banda cancelado em Porto Alegre, no Brasil, em 2022, acusado de serem nazistas pelo professor de filosofia Renato Levin-Borges, conhecido como Judz.

³⁹ Show do Mayhem em 1990: <https://www.youtube.com/watch?v=r5UlleCels0>. Acesso: 01/10/2023.

⁴⁰ Esse episódio é sempre lembrado entre os roqueiros. Diferentes sites especializados em rock comentam a respeito, entre eles o rockdigital Disponível em: <https://www.rockdigital.com.br/mayhem>. Acesso: 20/02/2024.

A revista internacional inglesa Kerrang, na edição março de 1993⁴¹, dedicou algumas páginas ao *black metal* norueguês, destacando em sua capa: “*Arson-Death Satanic Ritual-The ugly truth about black metal*” e uma pergunta: “*Has heavy metal gone too far? A kerrang investigation*”. Tendo como principais temas: incêndio às igrejas; máfia satânica; e assassinatos.

Campoy (2010) e Sena (2019) afirmam que os valores e o comportamento dos apreciadores do *black metal* estão além de um estilo musical, não se limitam apenas no visual e ouvir as músicas para deleite, há inúmeras “condutas e valores que se referem além da cena underground”, ou seja, é um “estilo de vida ou uma filosofia de vida extrema”. A destruição dessas igrejas seria uma forma de colocar em prática esses valores.

O efeito desses acontecimentos noruegueses [queima das igrejas] chamemos assim, foram e ainda são arrebatadores entre os praticantes de black metal. Podemos dizer que todo o estilo do black metal que estamos descrevendo neste item [as ramificações do mal: misantropia, luciferianismo, paganismo e nacional-socialismo] é uma imitação, com alguns poucos ajustes, do black metal constituído por bandas como o Burzum e o Mayhem, desde a música até o visual e a ideologia satânica (Campoy.2006, p.24).

Essa referência que os brasileiros têm do povo nórdico está intrinsecamente associada à dominação colonial que os europeus ainda mantêm sobre o Brasil. Se pelo lado jurídico a República brasileira é independente, no cultural — no subjetivo — o “pacto colonial” permanece não apenas intacto, como tem se intensificado ao longo dos anos, com baixa perspectiva de uma reviravolta. As atitudes, perspectivas raciais, políticas, ou simplesmente o espectro delas, dos músicos do Velho Mundo tem se tornado leis quase universais no *underground* brasileiro. Como afirma Quijano (2005, p. 121) “como parte do novo padrão de poder mundial, a Europa também concentrou sob sua hegemonia o controle de todas as formas de controle da subjetividade, da cultura, e em especial do conhecimento e da produção do conhecimento”, onde a cena brasileira demonstra a necessidade de “se tornar ou se assemelhar ao branco europeu, em todos os modos e âmbitos possíveis, nos modos de ser, de pensar, de agir e se relacionar na busca do embranquecimento” (Maia; Mello, 2020, p. 233).

⁴¹ Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/55990388@N04/5214757360/in/photostream/lightbox/>. Acesso: 01/09/2023.

A partir imagem de uma “ideologia satânica”, um ativismo contra o cristianismo, por personagens vinculados a cena *black metal* norueguês, criou-se a crença de uma “padronização” dessa vertente musical apontada por alguns pesquisadores, com Campoy (2010) e Moraes (2014), que os brasileiros imitam. Porém, essa interpretação não passa de uma “ilusão de óptica”, de algo forjado pela mídia e pelo complexo de inferioridade dos brasileiros em busca de um “mito fundador” (Oliveira, 2016).

Em 1998, Torstein Grude produziu um documentário de cinquenta minutos, *Satan Rides The Media*, comentando sobre os membros e impasses das bandas do extremo rock nórdico entre os anos de 1980 e 1990. Nele comenta sobre as queimas das igrejas, assassinatos entre membros de bandas e acompanhou de perto as investigações de tais crimes que culminaram na prisão de Varg Vikernes. No *underground* brasileiro, existe no imaginário coletivo que os membros do Darkthrone, Mayhem, Emperor, Burzum eram satanistas e, por isso, atacavam o cristianismo queimando igrejas, algo facilmente desmentido pelos próprios noruegueses. O próprio Jorn “Necrobutcher” Stubberud - baixista do Mayhem - afirmou: “Ninguém no *black metal* era, na verdade, satanista, mas é divertido dizer isso nos jornais para chocar as pessoas. E isto é o que abasteceu os incêndios: ‘que os músicos de *black metal* são satanistas.’” Varg Vikernes declara sua versão:

Eu dizia a eles que isso nada tinha a ver com satanismo, e eles nunca deram atenção ao que eu dizia. Mesmo Euronymous nunca foi um satanista. Ninguém era satanista, mas isso era apenas uma forma de demonizar o movimento. Eles queriam que fossemos satanistas (...) o problema era realmente que essa má interpretação se tornou o fundamento de um movimento completamente diferente, garotos de 15 anos queimando igrejas e pichando símbolos satânicos [666, cruz católica invertida, pentagrama] nas igrejas porque eles pensavam que se tratava daquilo.

O diretor Torstein Grude, por inúmeras entrevistas com membros de banda (Burzum, Darkthrone, Mayhem, Emperor) e da polícia local envolvida nas investigações, demonstra que tais crimes não tinham absolutamente nada a ver com nenhum grupo satanista. O problema estava diante do sensacionalismo dos jornais que, em busca de audiência, associavam tais eventos com grupos de “*black metal* satanista”, assim, adolescentes de treze anos acreditavam que para ser “*black metal*” tinham que ser satanistas, e para serem satanistas tinham que queimar igrejas. Varg Vikernes foi condenado pelo assassinato de seu ex-amigo Oystein

Aarseth e por incendiar a capela de Holmenkollen, em Oslo, a Igreja de Skjold em Roganland, a Igreja de Asana em Bergen e pela tentativa de incêndio da Igreja de Storeveit, também em Bergen (Oliveira, 2016). Da sentença de 21 anos de prisão, pena máxima na Noruega, cumpriu dezesseis anos.

Depois de dez anos preso, Varg comenta sobre sua condenação:

The church burnings were hardly mentioned in the court. They presented one witness in each case who claimed I had burned this or that church, and that was it. Guilty Just like that. This process was repeated four times, and I was found guilty of kindling four churches, three of them having burned to the ground. There was not a single piece of physical evidence in any of these cases. I was convicted solely because of the testimony of one single person in each case. All of these witnesses were friends of Euronymous!(...) Interestingly no fingerprints or any other technical evidence were presented in court either.⁴²

Foi condenado, preso e pagou a sentença. Até hoje Varg Vikernes nega ter cometido tais delitos contra as igrejas. Não o ativismo norueguês, mas a imagem que se criou a partir de determinados crimes passou a ser um padrão de comportamento a ser glorificado e tornou-se referência para os brasileiros, sem nenhum tipo de problematização (Oliveira, 2016). Durante seus anos na cadeia produziu vários álbuns, e se tornou um símbolo de ideias de supremacia branca e ultraconservador. Na autobiografia, *A História do Burzum*,⁴³ Varg admite seu apreço pelos nazistas por abandonarem o cristianismo e terem aderido crenças pagãs, chamada de “religião de sangue dos povos nórdicos”.

Em 2020, publicou em seu perfil no Twitter, os países e continentes que mais odeia e o Brasil apareceu em quarto lugar. Em resposta a um fã que o questionou, respondeu: “*No, this wave is because of my Top 10 list. What a bunch of Untermenschen*⁴⁴ (...) *At least half of your Whites are mongrels, and almost all of them are religious lunatics and mixed with something*⁴⁵. Tal publicação repercutiu em diferentes mídias eletrônicas, como rockbizz e Whiplash.

Porém, engana-se quem crê que Varg seja somente odiado pelos brasileiros, mesmo com ideais declaradamente racistas tem muitos fãs no Brasil, em todas as

⁴² Fonte: https://www.burzum.org/eng/library/a_burzum_story02.shtml. Acesso: 10/10/2023.

⁴³ Burzum.org.br. Acesso: 10/10/2023.

⁴⁴ Trata-se de um termo nazista para descrever povos considerados inferiores, segundo Dietrich (2007) em seu texto “Nazismo Tropical? O Partido Nazista no Brasil”.

⁴⁵ Fonte: <https://www.rockbizz.com.br/burzum-varg-vikernes-diz-odiar-o-brasil-e-cita-brasileiros-como-inferiores/>. Acesso em: 20/07/2023.

regiões e de todas as idades. O apreciador Adnilson Rafael, afirmou durante a entrevista, que apesar dessas polêmicas, sempre foi e continua “comum encontrar pessoas usando camisetas de sua banda e de outras bandas simpatizantes e adeptas ao nazismo, por todos os lugares, dentro e fora dos shows de rock”. Comentou que sempre usou camisetas do Burzum e apenas uma única vez alguém se aproximou num evento para “tirar satisfação”, mas que conseguiu resolver, sem problemas, na base da “conversa e cerveja”.

Na Alemanha as regras contra a publicação e apologia ao nazismo se valem até a vertente das bandas NSBM, onde não podem participar de nenhum evento oficial, não tocam nas rádios, não possuem contratos com gravadoras e até mesmo toda sua estética nazista é totalmente proibida. Em 2012, no Ragnarok Festival, foi inclusive feito uma lista do que os participantes não poderiam usar camisetas, *patches* ou qualquer coisa de bandas já sinalizadas como nacional-socialista, como Absurd, Ad Dominem, Graveland, Nokturnal Mortum, Satanic Warmaster, Temnozor, Wolfnacht, Der Sturmer or the fearsome Landser. Assim, as bandas com ideologia NS quando participam de festivais é sempre clandestinamente (Maspero; Ribarick, 2015).

Em outras regiões há mais flexibilidade. Por exemplo, Rod Eirth⁴⁶ compartilhou publicamente uma foto no Facebook usando uma camiseta do fã clube *Slaytanic Wehrmacht* feita instantes antes da apresentação dos Slayer, na Austrália, no ano de 2019, com a legenda: “*Download Australia, hours before Slayer’s last gig in Sydney. In this shirt that’s nearly disintegrated over the years*”.

No Brasil, a Lei 7.716/89 — com alterações da Lei 9.459/97, que criminaliza o racismo e toda forma de discriminação, seja por raça, cor, etnia, religião e procedência nacional, não se estende a promoção da discriminação por meio de uso de camisetas de banda, ao menos que tenha explicitamente uma suástica.

⁴⁶ Fonte:

<https://www.facebook.com/photo/?fbid=10157199260799530&set=pb.582734529.-2207520000>. Acesso em: 24/08/2023.

Figura 7 : Usando camiseta da Absurd



Fonte: Calabouço Estúdios - Facebook

A imagem publicada no Facebook, em 24/09/2022, pelo Calabouço Estúdios com Leandro Belphegor e Renato Ferr⁴⁷ mostra três pessoas, uma delas, Renato

⁴⁷Fonte: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=5501224536637916&set=a.168080209952402>. Acesso em: 24/08/2023.

Ferr, usando uma blusa da banda NSBM alemã, a Absurd⁴⁸, onde é observável dois símbolos: entre as letras “B” e “S” uma suástica, e abaixo da letra “R”, uma das representações do martelo do deus Thor, deus do trovão da mitologia nórdica, o Mjolnir (Sena, 2019). O que destaca nesta foto é um rapaz negro usando uma camiseta de uma banda racista, ao lado de outras pessoas negras, que não estão se importando com essa informação. É uma forma de demonstrar que está alinhado com o que há de mais radical no *underground* mundial. Para além do momento do estúdio, Renato Ferr aparece, em seu álbum do Facebook, usando a mesma blusa em vários outros momentos, em festas com amigos e familiares. Esse é apenas um de milhares de casos que a internet proporciona observar brasileiros, de todas as etnias, fazendo apologia a bandas declaradamente racistas. Segundo Adriana Dias (2009),

ainda que a rede seja utilizada pelos sites para divulgação de suas idéias, a Internet é, ainda, locus ideal, por um paradoxo próprio à rede: o formato da rede garante anonimato, enquanto a extensão permite alcançar milhares de pessoas ao mesmo tempo, num tempo muito menor do que o necessário por outro veículo, o que exponencializa esta forma de sociabilização.

Se por algum tempo os simpatizantes do nazismo se escondiam na possibilidade do anonimato, nos últimos dez anos, como afirmou Sena (2019), agora o medo da exposição não é uma preocupação de todos. Há também aqueles que têm aparecido e se posicionado politicamente com bastante desenvoltura e sem a preocupação de limitar suas postagens apenas para amigos próximos. Entre os que se escondem⁴⁹ é possível citar o Hell Wolf⁵⁰, cuja imagem de perfil consta a frase: “*sometimes antisocial, always anti-antifa*”, e desde 2014, costuma publicar materiais de várias bandas, como Deicide, Primordial, Panzerfaust, Serpent Noir, Mayhem. Publica inúmeros *posts* criticando e ridicularizando pautas sociais, usando frases e imagens descontextualizada e sem o mínimo de conhecimento de causa, como “Em numa nação cada vez mais dividida, eu estou com aqueles que carregam armas e sabem qual banheiro usar” e uma imagem de K. Marx com a seguinte frase: “Não vai ter desigualdade se todo mundo for pobre”, ignorando completamente a proposta do

⁴⁸ Fonte: <https://www.metal-archives.com/bands/Absurd/3540506124>. Acesso: 22/10/2023.

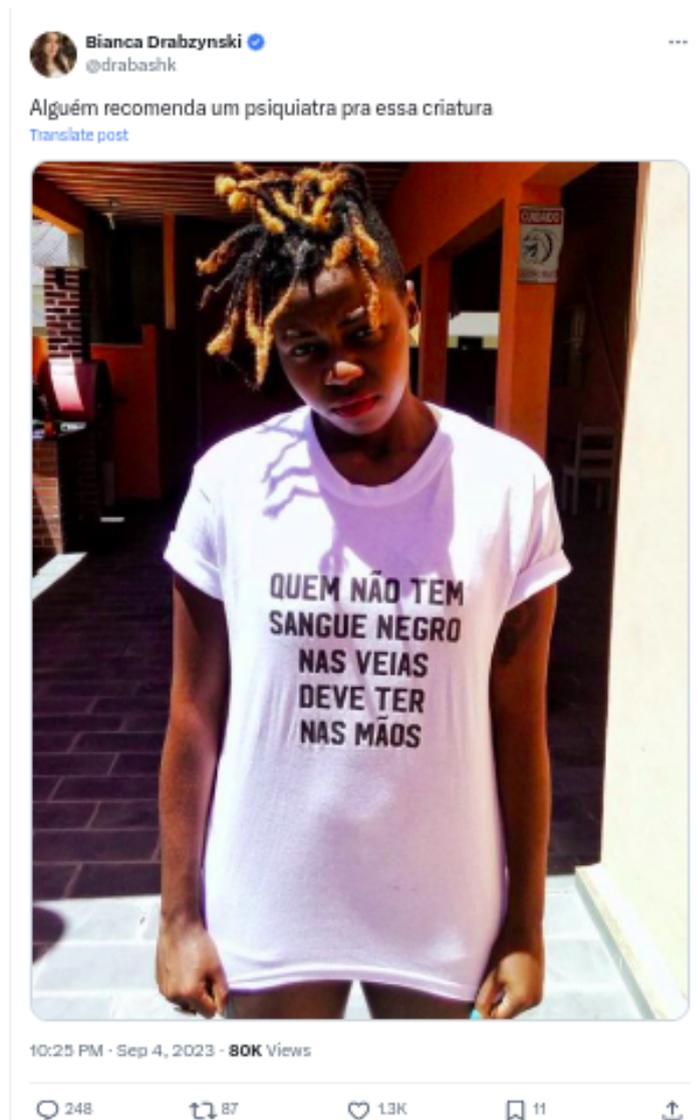
⁴⁹ Disponível

em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=3542928332438181&_set=a.471354192928959. Acesso em: 24/10/2023.

⁵⁰ Perfil no Facebook: <https://www.facebook.com/hell.wolf.35>. Acesso em: 15/11/2023.

socialismo que tem como base o compartilhamento da riqueza e não da pobreza. Outra postagem pública no Facebook foi um *print* com o título “Kkkk a lavagem cerebral é brut@l (sic)”⁵¹ numa tentativa de ridicularizar uma publicação contra o racismo, no dia 8 de setembro de 2023. A imagem foi tirada do Twitter de Bianca Drabzynski⁵², representante legítima da extrema-direita, que diferente dele, não se esconde usando perfil *fake*.

Figura 8 - Ridicularizando o combate ao racismo.



Fonte: Drabashk - Twitter

⁵¹ Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=981597596402260&set=a.106726773889351>. Acesso: 25/10/2023.

⁵² A Bianca tem perfil no Twitter desde junho de 2021. Tal publicação está disponível em: <https://twitter.com/drabashk>. Acesso: 25/10/2023.

A imagem refere-se claramente a história do Brasil marcada pela escravidão e exclusão dos negros na sociedade. Até o momento do *print* desta foto mais de oitenta mil pessoas visualizaram essa postagem, das quais mais de treze mil curtiram. Ou seja, concordam que o protesto contra o racismo é algo desprezível ou sintoma do sentimento de vitimização.

Em comunhão a Bianca Drabzynski, a Karina Duffeck mantém inúmeras postagens públicas antiprogressistas. Karina é revendedora autônoma de cosméticos e lingerie da marca Amakha Paris e motorista Uber, costumeiramente faz publicações relacionadas a eventos e bandas de *black metal*, e sobre a venda de seus produtos. No contexto eleitoral à presidência de 2018, tem em se dedicado a manifestar-se politicamente: “Maldito desse Lula ladrão, ditador comunista querendo acabar com nossa pátria (sic) amada. Aliado da Venezuela de Maduro!!! Isso é fake??!!”⁵³ Não chegou a apresentar o que o Lula teria roubado, os projetos que poderiam levar a ruína do nosso país e tão pouco as atitudes que o poderia ser taxado como ditador. Apenas reproduz cegamente, os valores ditados pelos demais bolsonaristas. Após quatro anos a veemência permanece.

⁵³ Disponível em: <https://www.facebook.com/profile/100004548259432/search/?q=comunismo>. Acesso: 28/10/2023.

Figura 9: Quarto de um comunista



Fonte: Karina Duffeck - Facebook

Essa imagem foi postada publicamente no dia 22 de outubro de 2022, onde deseja apresentar as contradições no comportamento dos comunistas. Por um lado, as características comunistas representadas por um quadro de Lula e Dilma Rousseff, um quadro de Che Guevara e o adesivo no computador “I love (representado por um coração) Cuba”. Por outro, o apreço por produtos de origem de países capitalistas, como camiseta da Lacoste, tênis da Nike, e uma garrafa da Coca-Cola. Além de acumular dinheiro. A ideia central desta imagem é denunciar o comunista, “Idiota Útil”, que defende a esquerda, mas não abre mão dos prazeres capitalistas. O que seria, segundo a postagem, uma contradição. Negligenciando, totalmente, que a proposta do comunismo é compartilhar a riqueza e não a miséria.

Em relação às redes sociais,

Ainda que a rede seja utilizada pelos sites para divulgação de suas idéias, a Internet é, ainda, locus ideal, por um paradoxo próprio à rede: o formato da rede garante anonimato, enquanto a extensão permite alcançar milhares de pessoas ao mesmo tempo, num tempo muito menor do que o necessário por

outro veículo, o que exponencialista esta forma de sociabilização (Dias, 2007, p. 37).

As informações publicadas na *internet*, nas redes sociais, ainda que seja possível ter acesso à quantidade de pessoas que interagem a cada postagem, pelas curtidas e comentários, não é possível mensurar, com precisão, quantas, de fato, tiveram acesso a elas. Pessoas que propagam a falta de informação nem sempre estão sozinhas.

Adriana (2009) diagnosticou haver inúmeros grupos de extrema-direita espalhados pelo mundo e no Brasil que se articulam pela internet para propagarem suas pautas políticas, tendo o estado de São Paulo com o maior número de células neonazistas e Santa Catarina estando em segundo lugar. Não raramente a política tem apreendido material de apologia ao nazismo em diferentes regiões catarinenses, fotos, livros, camisetas, bandeiras, zines. Apesar de todo empenho feito pela polícia brasileira e até algumas alterações nas diretrizes das redes sociais, como o Facebook, para tentar impedir a proliferação de determinadas mensagens e publicações, postagens contrárias aos direitos humanos parecem estar longe de cessarem.

No âmbito regional, nos últimos dez anos o NSBM catarinense tem se fortalecido significativamente, bandas têm manifestado seu ódio contra a minoria e ganhou respeito do grande público, sendo convidado a participar de eventos e concedendo entrevistas sem a preocupação de esconder o rosto. Os apreciadores têm demonstrado suas pautas neonazistas por meio de cartazes, publicações nas redes sociais, compartilhamento de zines e vídeos políticos de cunho racista e revisionista, usando camisetas de bandas declaradamente racistas, tanto nas redes sociais quanto no cotidiano e até vendendo materiais na internet sem nenhum tipo de restrição. Os europeus, principalmente os noruegueses, continuam sendo as principais referências para a cena catarinense, porém, novos e diferentes valores são formados a partir da realidade regional.

Como a extrema-direita se articula dentro do *black metal* catarinense? Quais são as formas de compartilhamento de materiais? Quais as principais particularidades do *black metal* catarinense em detrimento das demais regiões do Brasil? A ascendência alemã e italiana influencia na crença da supremacia branca no universo *underground*?

Essas são algumas das questões que serão respondidas no próximo capítulo.

2 CAPÍTULO II — BLACK METAL EM SANTA CATARINA (1988-2022)

No Brasil o extremo rock se desenvolveu principalmente nos grandes polos urbanos, como Belo Horizonte–MG, São Paulo–SP e Porto Alegre–RS. Apesar dessa arte musical ter chegado em Florianópolis em 1988, acabou florescendo fora da capital, principalmente nas cidades industriais, como Joinville e Lages (Oliveira, 2016). No final da década de 1990, com o advento da difusão das mídias de comunicação e da crescente produção de materiais das bandas nacionais e internacionais. Assim, houve o aumento de apreciadores dentro do BM e eventos exclusivos começaram a se tornar frequentes em várias regiões do estado, como no Curupira Rock Club, em Jaraguá do Sul, no Vale do Itajaí.

Entre os anos de 2010 e 2022, duas gerações frequentavam os mesmos shows e demais espaços de sociabilidade, o *black metal* não apenas se consolidou nas terras catarinense como faz parte do circuito *underground* nacional e internacional. Neste período (re) surge a figura de Varg Vikernes, com uma nova roupagem, racista declarado, promovendo suas ideias no *site* Burzum.org. Neste cenário acrescenta-se o contexto da notoriedade e/ou chegada ao poder de lideranças políticas de extrema-direita nos EUA, na Europa e no Brasil, emergindo novas pautas no *underground*, desencadeando inúmeros conflitos e acirramentos na cena do Metal catarinense.

O estado de Santa Catarina é um dos poucos de toda federação, ao lado de Vitória–ES, onde a capital não é a cidade mais populosa de todo seu território. Teve sua urbanização tardia em relação à Curitiba–PR, Porto Alegre–RS, São Paulo–SP, Rio de Janeiro–RJ e tão pouco constituiu uma região metropolitana ao seu redor. O início da expansão das cidades brasileiras começou no início do século XX através do crescimento da produção industrial e aumento do mercado nacional. Segundo Juliano G. Goularti (2014), somente a partir do desenvolvimento da infraestrutura, especialmente transportes e energia elétrica, a partir do PLAMEG durante a administração de Celso Ramos (1961-1965), que as cidades cresceram. Nos anos de 1960 o Santa Catarina presenciou um aumento no processo de migração devido ao planejamento econômico: relação entre comércio e indústria. Segundo os dados do IBGE (2011) a urbanização no estado era de 21,32% em 1940, 59,41% em 1980 e 83,90% em 2010, mantendo-se nesta média até 2020. E “por se constituir uma

economia de pequenas propriedades rurais, formação industrial constituída com base na pequena e média empresa familiar e por apresentar uma equidade da distribuição da propriedade e da renda” (Goularti, 2014, p.88). Assim, em quatro décadas - 1970-2010 (IBGE) - as cidades de Joinville, Blumenau, Itajaí, Chapecó e Florianópolis tiveram o maior crescimento no índice na população catarinense, respectivamente: 4,34% para 8,34%; 3,46% para 5,00%; 2,18% para 2,97; 1,72% para 2,97%; e 4,77% para 6,82%, (Goularti, 2014, p.88) ficando a capital, Florianópolis, na quarta colocação.

Ao encontro dessas informações, segundo Luiz Felipe Falcão (2005, p. 4-5),

Florianópolis jamais foi um centro produtivo, agrícola ou industrial, de proeminência, tendo sua economia de longa data calcada no comércio e nas derivações de abrigar a administração pública estadual (na época do Império, da então província), acrescida nas últimas décadas de um importante setor de serviços, com destaque para duas universidades públicas (a Universidade Federal de Santa Catarina e a Universidade do Estado de Santa Catarina) e várias instituições de ensino superior privadas, para a maior rede de comunicação do Estado (a RBS, Rede Brasil Sul, cuja matriz fica em Porto Alegre) e para diversas empresas estatais (como a CELESC, Centrais Elétricas de Santa Catarina), além de toda uma estrutura voltada ao turismo [...] Florianópolis não é a cidade mais populosa de Santa Catarina, não alista o maior contingente de eleitores do Estado, não é o município que mais paga tributos, não acolhe o principal evento cultural catarinense (que é o Festival de Dança de Joinville), não promove a mais conhecida festividade em nível estadual (a Oktoberfest de Blumenau) e, em complemento, seus times de futebol não obtêm com frequência o título de campeão do Estado.

Ainda é possível complementar que raramente acontece um grande evento de *rock*, independente da linhagem, ou de qualquer movimento de contracultura, seja promovido pela prefeitura ou por organizadores independentes (Oliveira, 2016).

A estrutura identitária da sociedade catarinense foi construída principalmente a partir da imigração alemã e italiana⁵⁴, feita pelas pequenas propriedades rurais que, gradualmente, diante dos processos de urbanização atraiu ao longo da segunda metade do século XX pessoas de todas as regiões do Brasil. Atualmente tem havido contribuições de outros países, como os haitianos, venezuelanos, a procura de emprego, estudo e melhor qualidade de vida, ampliando cada vez mais a diversidade cultural. Diante dessa multiplicidade de valores, “o espaço sofre as consequências da fluidez, da hiperespecialização e da rapidez da modernidade” (EIDT. 2014, p.9). Fazendo com que “o jogo da vida renasça de um contexto de

⁵⁴ Essa identidade é fruto do projeto colonização que visava o branqueamento da população e inviabilizando outras culturas, caboclos, indígenas, quilombolas.

novos personagens e nova correlação de forças” (EIDT. 2014, p.9). Novos laços afetivos vão se construindo e as antigas verdades vão se modificando.

Assim, a religiosidade cristã tão presente pelos imigrantes alemães no Sul do Brasil parece não conseguir manter-se hegemônica entre seus descendentes e novos valores vão surgindo a cada geração. Bauman (2013, p. 18) diz que “a mesmidade se evapora quando a comunicação entre os de dentro e o mundo exterior se intensifica e tem mais peso que as trocas mútuas internas.” A diversidade cultural é o principal marco em uma sociedade global. Ela pode articular atitudes e manifestos para se defender ou resistir contra as verdades cristalizadas, seja através da luta pelos direitos da classe trabalhadora, das mulheres, dos homossexuais, negros, contra o moralismo religioso, ou até mesmo pelo retrocesso dos direitos conquistados. Podendo ter a música como fio condutor dessas mensagens. E é dentro deste contexto que o *black metal* se desenvolveu em Santa Catarina.

2.1 A GÊNESE E PERFIL DO EXTREMO ROCK CATARINENSE

Como apresentado no primeiro capítulo, na década de 1980 o extremo rock estava presente em inúmeros países pelo mundo, em várias regiões brasileiras e no estado de Santa Catarina não foi diferente. No final dos anos de 1980, enquanto no sudeste brasileiro coexistiam Placenta, Sepultura, Sarcófago, Holocausto, em Santa Catarina surgiram várias bandas, como Necrobutcher, em Florianópolis; Suppurated Fetus, em Blumenau; Imperium Tenebrae, em Jaraguá do Sul; Vomit e Abysmo em Joinville; entre outras. Na década de 1990 inúmeros eventos com várias bandas catarinenses de *black metal* se espalharam pelo estado, como em Rio Negrinho, Maravilha, Jaraguá do Sul, Mafra e Criciúma, participando de shows no próprio estado e nos vizinhos, tornando-se gradualmente uma referência *underground* ao nível nacional e internacional (Oliveira, 2016).

Neste primeiro momento os temas mais comuns abordados pelas bandas são o satanismo, misantropia, paganismo e política, este último menos usado nas letras, porém de forte teor na relação dos adeptos ao movimento de contracultura, que de diferentes formas procuram exteriorizar tal sentimento em seu meio social (Oliveira (2016). A música dentro do *black metal* é vista muito mais que um mero momento

de deleite, de apreciação artística, como os diferentes pesquisadores documentaram, Leonardo Campoy (2009), Oliveira (2016), Lucas Medeiros (2018). Para Alberto T. Ikeda (2007, p.8) “A música não terá, então, somente usos e fruições, mas ainda significados, muitas vezes subjacentes, que explicarão melhor os processos dinâmicos da realização sonora na espécie humana” e vai além: “Também estarão incorporados no ato e na música toda uma simbologia de poder, organização, hierarquia e bravura que afetam não somente a estrutura interna da música, mas ainda a escolha do andamento, da instrumentação e outros fatores”. O antropólogo Leonardo Campoy (2010) identifica que entre os praticantes do *black metal* há uma crença na superioridade cultural em relação às demais linhagens do *rock* por acreditarem que realmente estão lutando contra seus inimigos (a religiosidade cristã, padrão de comportamento conservador, estética, entre outros valores impostos numa sociedade capitalista), mas, na prática, raramente conseguem transpor para o cotidiano aquilo que criam na esfera cultural.

É intrínseca à participação no *underground* percebê-la como uma luta, seja qual for o estilo preferido. Luta que está dotada de grande importância afetiva e moral para o praticante, porém, que *raramente extrapola a esfera musical e moral de suas vidas*. Lutam pelo tipo de música que gostam, o metal extremo, e pela maneira que querem gravar, distribuir e divulgar esse tipo de música, o próprio *underground*. Os praticantes muitas vezes a descrevem como um embate contra o 'mundo' ou contra a 'sociedade capitalista', mas, na prática, essa luta se traduz na organização e manutenção de uma maneira relativamente autônoma de experimentar a música na cidade. (Campoy. 2010,p.183). (grifos meus).

Trata-se de uma análise de um cenário, cujas fissuras podem ser diagnosticadas. Essa narrativa, acima citada, foi construída com base em entrevistas publicadas em zines e algumas feitas pelo próprio pesquisador. Frases como "*Black metal* é satânico e puramente satânico", proferida pela banda paulistana *Triumph* no zine *A Obscura Arte*, e a crença de que o *rock* é o “satanismo, aniquilação da escória cristã, vingança e maldade! Exaltamos e aguardamos o império de Lúcifer”, como afirmou a banda fluminense *Bellicus Daemoniacus*, no *Unholy Black Metal* zine, é o lado mais comum registrado por pesquisadores desse tema (Oliveira, 2016). Apesar de constar apenas elementos metafísicos e imaginários nessas breves colocações, é possível avançar um pouco mais nessa análise. O pesquisador Oliveira (2016) aponta inúmeras evidências que colocam tal afirmação de Campoy (2010) em xeque e apresenta um novo olhar sobre a cena *underground*.

O sentimento da subversão dos valores sociais oriundos do *rock n roll* é passível de ser documentado ainda nas origens da cena catarinense. Entre as bandas que surgiram em 1988, duas demonstram claramente essas características pelas suas posições políticas: *Necrobutcher*, que existiu até 1991; e *Suppurated Fetus*, em 1991 trocou o nome para *Goatpenis*⁵⁵, que se mantém até hoje.

Na década de 1980 o Brasil estava passando por transformações e intensos debates políticos. Havia reivindicações populares pelo fim da ditadura, pelas eleições diretas para presidente, para as pessoas pudessem se organizar mediante um sistema multipartidário. Essas reivindicações foram consolidadas, na posse de um presidente civil em 1985 e a promulgação de uma nova constituição no ano de 1988. Nesse contexto surge a banda florianopolitana *Necrobutcher*, formada pelos progressistas: Luciano (guitarra), Cristiano (vocal) e Helder (bateria e vocal).

Figura 10: Necrobutcher



Fonte: Acervo do pesquisador.

⁵⁵ Há um tópico exclusivo sobre essa banda que apresenta características de extrema-direita.

Na imagem é possível observar o uso de camisetas de banda, roupas pretas, *spikes*, cruz invertida e o uso de *corpse paint*. Assim, criava um visual agressivo, indo de encontro à moral e costumes conservadores da época. Numa entrevista concedida ao pesquisador Oliveira (2016), Cristiano Passos comenta que o grupo encontrou na música a possibilidade de protestar contra o militarismo, contra uma sociedade religiosa e conservadora em que viviam, e poderia dividir o período da existência da banda em duas fases: “Uma antirreligiosa; e uma fase mais politizada. Aos poucos fomos nos identificando com a estética e a ética *punk*, escrevíamos manifestos e distribuímos na rua, sobre contra o militarismo, contra o sete de setembro, etc.” Sabiam que o ato de sair às ruas distribuindo panfletos contra a ditadura não iria mudar o Brasil, mas diante da indignação com o sistema político vigente, queriam levar uma reflexão politizada às pessoas. Outra forma encontrada de vivenciar a arte de contracultura era por meio da troca de cartas, zines e fitas, com pessoas de diferentes regiões e países. Tal informação é confirmada pelo Adelson Souza, baterista da banda Bode Preto, do Piauí, durante um evento realizado no Célula Showcase, em Florianópolis, no dia 25 de setembro de 2016, “A banda *Necrobutcher*, de Florianópolis, era conhecida pelas pessoas que curtiam o metal extremo, eles se correspondiam por cartas e trocas de fitas com várias pessoas por todo o Brasil e do exterior.”⁵⁶

Apesar da preocupação em difundir as ideias políticas para a sociedade através de seus escritos, o compartilhamento do material sonoro era restrito apenas para as pessoas de confiança, pois tinham medo de cair nas mãos erradas, dos *posers*. Além do ativismo político e do radicalismo, quanto a distribuição do material, Cristiano⁵⁷ comenta que não desejavam se tornar famosos ou qualquer tipo de autoridade no *underground*, como as bandas Sarcófago, Vulcano e Sepultura desejavam. A banda chegou a produzir duas demos: *Schizophrenic Christianity* (1989) e *Corrosive Noisy Torment* (1990), sem nenhuma apresentação ao vivo. Devido à popularidade alcançada, “As atividades da *Necrobutcher* se encerram em 1992, dando origem a outros projetos, como o S.R.M.P. (*Subversive Reek Mute Perturbation*)” (Oliveira, 2016, p.47).

⁵⁶ Entrevista tirada da pesquisa de Oliveira (2016).

⁵⁷ Entrevista concedida ao pesquisador Oliveira em 2016.

O inconformismo com os problemas sociais e a subversão ao conservadorismo é perceptível em diferentes bandas e apreciadores de BM, dos anos de 1990 até os dias atuais. Para Guilherme Thielen⁵⁸, um apreciador da cena há mais de 15 anos, entende que “*O black metal* tem em si um ativismo, ele sai do conforto musical para a sociedade. Ele repercute (sic) de várias maneiras, com atos contra o cristianismo, e pode ser um ato político” cujo ataque deve ser feito através da “transmissão do conhecimento” fazendo com que as pessoas “pensem diferente”, algo que os membros *Necrobutcher* procuravam fazer cotidianamente. (Oliveira, 2016, p.50). Em diferentes fontes apresentadas por Oliveira (2016), observa-se que muitas pessoas encontram na música o sentimento de combater o sistema social ao qual o oprime. Esse comportamento de oposição ao *status quo* podem ser ratificadas pelas ações do idealizador da banda *Vomit* e Luciferiano⁵⁹, Antônio Gonçalves, que sempre foi “avesso do 'rock bonitinho', da 'moralidade' e dos 'bons costumes'” e lutavam contra o preconceito que sofriam por serem da periferia (Oliveira, 2016); bem como pelas palavras de Willian Bernardo, vocalista da banda *Misdeed*:

Que você não está só fazendo música, você está fazendo um ato de rebeldia contra aquilo que te oprimiu a vida toda. No caso, nós brasileiros vivemos num país que se diz laico, mas isso é uma mentira! Nós sabemos que isso é uma mentira, a banda evangélica está aí para provar isso [...] o que para eles é um delito, para nós significa liberdade. Quando nós estamos falando sobre liberdade sexual, liberdade de expressão, para muitas pessoas isso é um delito⁶⁰.

Um sentimento de surpresa prevalece ao se constatar o uso de símbolos nazistas pelas bandas do sudeste brasileiro, Holocausto, Sarcófago, Placenta e Sepultura, que usavam símbolos nazistas para chocar a sociedade. Ao serem questionados, afirmavam que, parafraseando-os, “não sabiam exatamente do que se tratava”. Em Santa Catarina há indícios da cena ser mais politizada, tanto em seus manifestos, quanto na consciência de classe, procurando subverter os valores sociais, tendo ciência de suas atitudes e palavras.

Desde os anos 2000, segundo alguns entrevistados, como o Márcio, Adnilson, Adriano Crippa, apesar do satanismo, anticristianismo serem os principais temas abordados, o teor político sempre esteve presente dentro do *underground*,

⁵⁸ Entrevista concedida ao pesquisador Oliveira em 2016.

⁵⁹ A formação da banda foi em 2000, na cidade de Joinville-SC.

⁶⁰ OLIVEIRA, 2016,p.50-51.

tendo os progressistas que se manifestavam explicitamente; e a linhagem NS mais timidamente. Nesse contexto, inúmeras bandas surgiram por todo estado e eventos exclusivos de BM começam a se tornar cada vez mais frequentes em diferentes regiões e municípios.

Entre 18 e 20 de novembro de 1992 ocorreu o 1º Encontro Da Consciência Ecológica, no Curupira Rock Club, na cidade de Guaramirim-SC, com a participação de 11 bandas, sendo 10 catarinenses, entre elas a Abysmo (Rio Negrinho), e uma de Porto Alegre-RS. O espaço tinha uma estrutura para acolher o público externo, havia refeições, instalações de chuveiros e espaço para acampar.

Figura 11: 1º Show no Curupira Rock Club (1992)



Fonte: Histórico do Curupira Rock Club - Blog

Esse foi o primeiro de centenas de eventos que o Curupira Rock Club sediou até seu fechamento em novembro de 2021. Por quase três décadas foram promovidos shows exclusivos de BM e shows mistos (*death* e *black metal*), com a

participação de bandas de todas as regiões do Brasil e de outros países (Oliveira, 2016), o que testifica que a cena catarinense está inserida num contexto global.

Imagem 12: Show exclusivo de BM no Curupira



Fonte: Histórico do Curupira Rock Club - Bolg

Em 1993, pouco tempo depois de sua inauguração, o Curupira sediava eventos com bandas de outros estados (São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul) nesse, por exemplo, além das bandas catarinenses Scornier (Rio Negrinho) e Goatpenis (Blumenau) contou com a participação da Amen Corner (Curitiba-PR). Todas essas bandas ainda existem, produzem materiais e detêm grande prestígio no *underground* nacional. Importante ressaltar que os eventos dessa vertente musical não têm a pretensão de gerar lucros, não raramente o organizador fica no prejuízo ou a “sobra” é irrisória. O guitarrista da banda Black Baptism, Paulo Leão, Paulinho como é conhecido, comenta que

Na época dos anos noventa tudo era uma correria muito grande para fazer qualquer coisa, para organizar um show só de bandas de *black metal*, tinha que ter uma divulgação muito grande com cartazes e trocas de carta [...] na

época você via aquela aparelhagem precária, o pessoal com prego, com coro... Aquele pessoal que vinha para curtir mesmo⁶¹.

A divulgação era feita entre os próprios membros das bandas e seus apreciadores, através dos fanzines e o uso de cartazes. Adriano Crippa, que participa da cena catarinense desde os anos de 1980, afirma que

Em várias regiões de Santa Catarina, desde os anos de 1990, a cena do Metal sempre foi muito forte, havia grandes eventos em inúmeras cidades, inclusive nas de 5 e 10 mil habitantes, em várias regiões com 2 e 3 dias de shows como em Joinville, Laguna, Corupá e Criciúma, com disponibilidade para a galera até acampar, a única cidade onde os organizadores não ofertavam todos esses recursos era Florianópolis.

Figura 13: *Black Metal* em Gaspar e Maravilha



Fonte: Acervo do pesquisador.

Analisando o cenário do *black metal* no final da década de 1990, por cartazes e entrevistas, é possível perceber o crescimento do número de bandas e shows em diferentes regiões de Santa Catarina, como em Gaspar, no Vale do Itajaí, e Maravilha, no oeste. A partir dos anos 2000, com um público consolidado e com o acesso a revistas especialistas em noticiar tudo sobre *rock*, como *Revista Bizz*, *Rock Brigade*, *Kerrang!*. Acrescenta-se ao contexto os avanços da tecnologia dos

⁶¹ Entrevista tirada de Oliveira (2016).

meios de comunicação, principalmente da internet, que colaborou para a difusão de acesso ao conteúdo, tanto nacional quanto estrangeiro, e motivando as pessoas começaram a produzir suas próprias músicas.

Em 2001 Balneário Camboriú–SC foi a primeira cidade a sediar a Celebração no Bosque de Satã, tendo oito edições em quatorze anos, a última, a VIII edição, foi realizada em Guaramirim–SC. A Celebração nos Bosques de Satã se constitui como um dos maiores eventos exclusivos de BM em Santa Catarina, sem patrocinadores, chegando a ter vinte bandas, de sete estados brasileiros e até estrangeiras, “marcando uma ruptura na história do *black metal* catarinense” (Oliveira. 2016, p.56). Atualmente existem vários eventos em Santa Catarina com estrutura para receber um grande público, como o Otacílio Rock Festival (Otacílio Costa), Rock In Santa Festival (Santa Cecília) e River Rock Festival (Indaial), "Agosto Negro" e o "Rock Laguna" (Laguna), entre tantos outros, tendo na lista de apresentações várias bandas de *trash*, *death* e *black metal*, em todas suas edições (Oliveira, 2016).

A fluidez do mundo globalizado permitiu que novos valores fossem incorporados e potencializados dentro do BM concomitantemente ao seu crescimento vertiginoso. Nesse período a figura de Varg Vikernes tornou-se cada vez mais conhecida no *underground*, cujos crimes contra os patrimônios noruegueses oriundos da Idade Média e pelo confesso do assassinato de Eurônimus, guitarrista do Mayhem, serviu de admiração para muitos na cena catarinense. Seria o início da proliferação do NS na cena catarinense?

Segundo Adilson, desde os anos de 1990 a cena catarinense tinha pessoas xenófobas, mas essas constituíam a minoria. Foi a introspecção do simbolismo das ações de Varg Vikernes que alavancou a crença no “ativismo” conservador que os NS passaram a se inspirar, entre o final dos anos de 1990 e 2010. A materialização desse ativismo ficou demonstrada pelo uso frequente de camisetas de bandas racistas, tanto nos shows quanto no dia a dia, embora a venda não fosse explícita, ou seja, não ficavam à mostra na vitrine ou em algum manequim. O cliente tinha que chegar numa determinada loja e pedir para o vendedor: Quero a camiseta da banda “x”, no tamanho “y”. A partir de 2010 devido à conjuntura política, nacional e internacional, gradualmente essa forma camuflada de comprar produtos NS mudou consideravelmente.

Para Márcio Gomes, Adriano Crippa e Adnilson Teles, a discussão sobre os temas democracia, cidadania, ditadura, começou a tomar forma mais explícita e

intensa na cena brasileira e catarinense no contexto da campanha presidencial de 2014, que resultou na eleição de Dilma Rousseff (PT). Apesar da vitória nas urnas, parte da população perdeu a confiança no Partido dos Trabalhadores, durante o governo Lula. A instabilidade política foi construída com base nas acusações de casos de corrupção, como o mensalão, de alguns membros do PT, como José Dirceu, José Genoíno e Delúbio Soares, e membros de outros partidos políticos. Esses foram condenados, em 2012, por corrupção ativa e formação de quadrilha.⁶² Segundo a operação Lava a Jato, promovido pela direita, houve os desvios de recursos da Petrobras entre 2004 e 2012 para pagamentos de propina a ex-diretores e superfaturamento de obras. Os casos de mensalão e da Petrobrás, entre outros, foram amplamente divulgados pelas revistas eletrônicas⁶³ e diferentes redes sociais. A corrupção “seria o uso ilegal do poder ou da influência para enriquecer a si próprio ou obter algum tipo de benefício, contrariando as convenções legais ou leis em vigor” (Batista,2017,p.25).

O clima de insatisfação de grande parte dos brasileiros com o rumo da política e da economia brasileira, e a corrupção ocupava a primeira posição na lista de principais problemas do Brasil, ficando atrás da saúde que normalmente está no topo desse ranking. Os rumos tomados pela investigação sobre a Lava Jato revelaram a participação de diversos importantes e tradicionais nomes da política brasileira, de muitos partidos políticos, a despeito da orientação ideológica e a atuação de renomadas empresas do setor privado. Essa situação agravou a desconfiança dos cidadãos com relação à política (Batista.2017,p.128).

Ainda que a generalização da prática de corrupção tenha sido facilmente constatada em vários segmentos da política brasileira, as suas consequências negativas pontuaram sobre o governo Lula, sendo a crise sentida através do “aumento da taxa de juros, aumento do desemprego, a queda da renda, a contração do mercado de crédito e a redução dos investimentos públicos” (Paula; Pires, 2017,

⁶² Em 2014, O Plenário do Supremo Tribunal Federal decidiu, por seis votos a cinco, absolver do crime de formação de quadrilha 8 dos 25 condenados no processo do mensalão, inclusive o ex-ministro da Casa Civil José Dirceu e o ex-presidente do PT José Genoíno. Fonte: Câmara dos Deputados. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/tv/427795-stf-absolve-oito-condenados-do-mensalao-do-crime-de-formacao-de-quadrilha/>. Acesso: 08/12/2024.

⁶³ Entre as mídias de maior alcance temos o globo. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/13-escandalos-do-pt-no-poder-18803710>. Acesso: 10/01/2024.

p. 134). Esse fervilhar político acendeu a crença em parte da sociedade que a direita seria um caminho político alternativo para o Brasil.⁶⁴

Assim, por volta de 2014, segundo Márcio Gomes, “as pessoas perceberam que o resultado de um partido comunista (PT) no poder por vários anos só piorou na vida das pessoas. Já a Dilma, priorizou eventos esportivos, a Copa do Mundo (de futebol) e Olimpíadas, enquanto os hospitais estavam em frangalhos. Temos que fazer oposição”. Pelas palavras de Márcio e demais entrevistados, é perceptível que o compromisso do combate ao conservadorismo, à moral cristã e ao capitalismo, desde os anos de 1980, aos poucos vão se diluindo e abrem espaço para o ódio aos representantes da esquerda brasileira.

A partir de 2014 o ensejo pela pauta política conservador liberal tornou-se cada vez mais comum e intenso no BM catarinense. Porém, é a partir da ascensão de Jair Bolsonaro à presidência que a cena se radicaliza, observando-se brigas entre apreciadores e bandas se acirram, e antigas amizades criadas pelo sentimento progressista se encerram com o advento do sentimento conservador liberal.

Aqueles que contemplavam o sentimento separatista, via O Sul é Meu País, os xenófobos, que alimentam o ódio às minorias, os anticomunistas, os antifeministas, agora têm um representante legítimo de suas pautas. Se até 2014 não era tão frequente o uso abertamente de camiseta de bandas declaradamente racistas, a partir da eleição de Bolsonaro: “Não apenas andam pra (sic) cima e pra (sic) baixo com a camiseta do Graveland, Burzum, como entram na minha loja e perguntam em alto em bom som ‘Tem camiseta do Absurd?’”, afirmou Adriano Crippa.

Como os adeptos da extrema-direita se organizam dentro do *black metal*? Como trocam e comercializam materiais racistas? Existe uma parcela significativa de NSBM na cena catarinense? Essas são algumas questões a serem respondidas no próximo subtópico.

2.2 ATIVISMO DOS NAZIFASCISTAS NA CENA CATARINENSE

Nos anos de 1990 todo material produzido pelas bandas de BM e demais pessoas da cena do Metal era compartilhado de forma restrita e seletiva, como as

⁶⁴ A participação ativa da mídia em destacar a esquerda como o problema político no Brasil, apontando para a direita como uma solução, será desenvolvido no terceiro capítulo.

fitas k7s, CDs, DVDs, camisetas, zines e cartas, devido ao cuidado para que os *posers* não tivessem acesso. Quanto ao material NSBM o sigilo era mais intenso, além do *poser*, a maior preocupação era ser perseguido e denunciado pelos BM contrários ao NS. A partir dos anos 2010, com a sofisticação dos aparelhos de rádio, acesso ao computador e a internet, surge a possibilidade do anonimato e o ensejo de difundir todo conteúdo produzido se torna crescente e, conseqüentemente, o *underground* vai se transformando e passa a ser um espaço de disputas políticas.

Os valores da extrema-direita encontraram na cena BM catarinense um solo fértil para se proliferar. A crença na superioridade da raça branca, somado com a influência dos valores conservadores de grupos norte-americano, europeus, brasileiros, nutriu um apreço a ditadura, ao revisionismo, ao sentimento separatista, anti-feminismo, anti-comunismo, a xenofobia e ao ódio às demais minorias. Entre os anos de 2014 e 2022, nos períodos eleitorais para presidente, diante dos problemas políticos e econômicos que o Brasil se encontrava, o NSBM catarinense encontrou na direita seus principais representantes. Porém, com a eleição de Jair Bolsonaro, o sentimento de empoderamento contribuiu para exporem suas pautas e atuarem mais abertamente, contra os progressistas. Diferentes formas de troca de informações contribuíram na organização e proliferação de tais ideias.

O zine ou fanzine, trocadilho com as palavras “fã” e “magazine” (revista em inglês), “é uma forma de mídia alternativa de baixo custo e poder ser considerada uma valiosa fonte de informação sobre uma ‘cena’” (Almeida. 2022, p.57) usado majoritariamente no período inicial da constituição do extremo rock, entre os anos de 1980 até meados dos anos 2000. Cada produtor tinha total liberdade editorial de postar a mensagem que desejasse, criando sua própria identidade e público. Diferentes zines, segundo Adnilson e Márcio,⁶⁵ circularam em Santa Catarina, alguns vindo de outros estados, principalmente de São Paulo.

A tiragem dos fanzines é feita por meio de xerocópia, permitindo que se reproduza uma quantidade razoável de cópias a um custo não tão elevado. Apesar de toda precariedade e dificuldade para se produzir um fanzine, é importante ressaltar que isso não significa, necessariamente, que o resultado seja ruim. Alguns fanzines, apesar da má qualidade de impressão, apresentam uma excelente qualidade editorial (Almeida, 2022. p. 58).

⁶⁵ Ambos entrevistados pelo pesquisador.

Apesar de todos publicarem resenhas de álbuns, entrevistas de músicos, tradução de letras de músicas, poemas, indicações de leitura, divulgação de shows, alguns produtores se dedicavam a apresentar páginas à comemoração da morte de inimigos e pautas políticas. Entre os anos de 1980 e 1990, os zines formaram uma rede significativa de informação sobre as cenas em todo mundo (Almeira, 2022), sem nenhum tipo de restrição editorial. Nesse período Santa Catarina produziu e recebeu diferentes deles, como o Maldito Seja, que tinha uma proposta poética de apresentar poemas de Cruz e Souza e Charles Baudelaire, além do conteúdo da cena do Metal. Na divulgação das pautas feministas houve o *Rebel Girl*, destacando a necessidade do combate ao machismo e maior participação das mulheres na política, inspirado no *Riot Grrrl*; e o Pátria e Raça, vindo de São Paulo, entre 1989 e 1991, difundido em vários estados brasileiros e em outros países como França, Alemanha, Inglaterra e EUA, tendo como premissa fornecer elementos para a criação de uma identidade ideológica baseado na crença da superioridade da raça branca (Almeida, 2022).

Com o advento da *internet*, a partir dos anos 2000, os zines vão se tornando cada vez mais raros e novas formas de comunicação vão surgindo: *blogs*, *sites*, fóruns, e redes sociais como o *orkut*. É o desenvolvimento da *Web 2.0*, “um ambiente social e acessível a todos que a utilizam, onde cada pessoa seleciona e controla as informações, de acordo com suas necessidades e interesses” (Roesler, 2015. On-line). Essas novas mídias proporcionam um alcance de leitores infinitamente maior que os zines. Agora grupos de diferentes regiões e países se conectam a partir de um tema em comum e novas formas de sociabilidade vão se formando.

A lógica da relação entre o editor e o público vai se alterando: enquanto no zine NSBM havia o nome do editor, o que dava a credibilidade ao conteúdo, e, por isso, da cautela a quem era endereçado como consumidor final no universo virtual, a possibilidade do anonimato editorial, inverteu a lógica do zine, agora quanto mais visualizações, leitores do conteúdo, melhor. Segundo a pesquisadora Adriana Dias (2007, p. 35) “Maior site neonazista brasileiro, o *Valhalla* teve sua sede em Santa Catarina e alcançou a significativa marca de 200.000 visitas diárias antes de ser retirado do ar, em agosto de 2007”. As estatísticas dos movimentos anti-racistas

demonstram que pelo menos noventa mil pessoas estejam diretamente envolvidas em grupos neonazistas, desses pelos menos quarenta e cinco mil são catarinenses (Dias, 2007). Apesar do *Valhalla* ter sido desativado, a plataforma Inacreditável⁶⁶ difunde textos revisionistas, há mais de 10 anos. Aqui observa-se uma herança de seu passado histórico relacionado ao nazismo entre as décadas de 1920 e 1930.

O Orkut, uma rede social criada em 2004 pelo turco Orkut Buyukkokten, fez sucesso no Brasil. Segundo Alan Mocellim (2008), em maio de 2005 “O site contava com 2 milhões de usuários cadastrados. Em março de 2007, já contava com cerca de quarenta milhões, sendo 60% dos usuários cadastrados de nacionalidade brasileira” (pág. 3). Era permitido a cada usuário realizar um perfil, descrevendo suas preferências musicais, gostos políticos, filmes, opção sexual; tinha acesso a um álbum de fotos; um *scrapbook* (livro de recados), onde poderia enviar e receber mensagens; e criar ou participar de comunidades temáticas, que poderiam servir como um espaço de debate ou simplesmente troca de informações visíveis a todos os membros.

As comunidades tinham diferentes temas e intencionalidades, e, por isso, eram passíveis de serem denunciadas caso as regras de bom relacionamento do Orkut fossem desrespeitadas, publicação de violência, racismo, ameaça, nudez, eram passíveis de cancelamento. Ainda assim, havia incontáveis comunidades que promoviam a xenofobia e racismo: “Eu odeio nordestino” e “Lugar de Nordeste (sic) é no Nordeste”. Não raramente pessoas que proferiram insultos publicamente eram alvos do Ministério Público e da Polícia Federal, como os comentários da Julia Shellman feitos em 2010⁶⁷: “Pessoal com essas enchentes no Nordeste acho que os cabeçudos vão vir (sic) em massa pra (sic) SP, tô muito preocupada com isso. Vai ter mais lixo do que já tem aqui”. Em 2008, ao ser publicado o resultado a lista dos aprovados cotistas da UFSC, uma integrante da comunidade no Orkut comentou: “Agora que dá pra (sic) saber quem é cotista e quem não é, o preconceito vai comer solto lá dentro”⁶⁸.

⁶⁶ Disponível em: <https://inacreditavel.com.br/wp/page/2/>. Acesso: 10/01/2024.

⁶⁷ Disponível em: <https://www.geledes.org.br/ministerio-publico-garante-punicao-a-racistas-do-orkut/>. Acesso: 25/03/2024.

⁶⁸ A revista eletrônica *Veja*, entre outras, noticiaram o episódio. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/reinaldo/o-neo-racismo-8211-lista-de-cotistas-da-ufsc-vaza-pela-internet>. Acesso: 05/01/2024.

Ao encontro dessas comunidades haviam as relacionadas ao regionalismo, como o Sul é Meu País, e revisionistas, destacando e exaltando os líderes nazistas (H. Himmler, Joseph Goebbels, Rudolf Hoess, Hitler). Na descrição, por norma, constava “Esta comunidade é apenas para fins de pesquisa” e para fugir das denúncias do Orkut: “Esta não é uma comunidade com fins racistas” (Dias, 2007, pág. 36). Se havia a preocupação de colocar essa orientação é porque a prática do racismo acontecia. Então, qual a finalidade de fazê-la? A descrição seria apenas uma forma de evitar que o dono fosse criminalizado por proporcionar meios de propagação do racismo ou, realmente, diante de tantas polêmicas, tinha esperança de que todos respeitassem as regras?

A alegação da defesa estava respaldada diante da impossibilidade de administrar, sozinho ou com um ou dois moderadores, toda comunidade, diante de centenas de tópicos e incontáveis mensagens. Obviamente, ainda que o responsável pela criação da comunidade e seus administradores estivessem atentos e ligados vinte e quatro horas por dia, não conseguiriam organizar, instruir e bloquear todos que tivessem mal-intencionados. A partir da ciência de que grupos racistas estavam atuando na comunidade de forma que os mediadores não conseguiam manter a ordem, por que não a excluíram? Será que a vaidade de ter milhares de pessoas nos “seus espaços” era mais importante que impedir a proliferação de ideais degradantes para a sociedade?

Para a vertente NSBM essas polêmicas nas redes sociais, antes limitado aos consumidores de fanzines, potencializou a expansão de seus valores, facilitando conhecer mais pessoas com a mesma afinidade, organizar eventos e trocas de materiais, como afirmou Karina Duffeck. A popularização das bandas NSBM, segundo Márcio e Guilherme, refletiu praticamente em todas as lojas de *rock*, físicas e virtuais, a partir de 2010 e 2012, além dos acessórios, como correntes, *spikes*, cintos com bala, havia camisetas do Burzum, Graveland, Command, Peste Noire. “Agora todos usam camisetas de bandas NS como se fossem do Metallica e Iron Maden”, afirmou Márcio.

O uso de camisetas de *rock* servem como “bloqueios” ou, ao contrário, “pontes”, como afirmam Silva e Polivanov (2015), para gerar novas relações sociais que representam “um ato social de trocas de experiências, de sentidos, além de

constituir uma arena de reprodução dos códigos culturais do metal entre os participantes” (Silva e Polivanov; 2015, p. 73), onde é possível revelar seu estilo, sua identidade, perspectiva política, encontrar aliados e inimigos em potencial. O entrevistado Adriano Crippa destacou que, entre os anos de 1980 e início dos anos 2000, a galera da cena do Metal usava acessórios e camisetas de bandas racistas com objetivo de “chocar a sociedade”, respondendo, ao serem questionados, que “não sabiam do que se tratava”. Agora, com a *internet* e a quantidade de informações que, via Google, todos têm acesso, ninguém pode ficar “por aí desfilando com camisetas de bandas racistas achando que podem se isentar da responsabilidade”.

Apesar da informação não estar ao alcance de todos no início da cena catarinense, havia pessoas que sabiam exatamente o que estavam usando, “Nos anos 90 era perigoso andar com camisetas de NSBM nos eventos, porque os *punks* e os BM tradicionais (satanistas) ficavam querendo arrumar brigas com as pessoas anticomunistas dentro do movimento”⁶⁹. Tal informação vai ao encontro da experiência de Adnilson:

Inclusive eu fui vítima de uns ‘morenos’ enormes, você não poderia ir com uma camiseta do Mayhem, Burzum, que os caras já queriam te bater. Eu me lembro do movimento contrário, do movimento que queria excluir pessoas e bandas do Black Metal NS, por acontecer inúmeras agressões. Isso é muito complexo porque não existe raça superior ou raça inferior.

Em ambos os casos, diferente da experiência de Adriano Crippa, tinham clareza do significado e da repercussão que o uso de determinadas camisetas. Pois nos espaços de sociabilidade que compõem o *underground* também era composta por pessoas esclarecidas, politizadas e dispostas a não permitir que valores supremacistas permanecessem no BM catarinense.

Para Márcio e Adnilson não há ninguém superior a ninguém devido a sua etnia ou raça, mas defendem a “liberdade de expressão” para aqueles que têm orgulho de sua ascendência europeia ou de qualquer outra região, paradoxalmente, é exatamente o oposto do que propaga o NSBM. Pelas lembranças de Márcio, *Nargaroth*⁷⁰ fundada por Kanwulf, Charoon e Darken, em 1996⁷¹, tinha uma postura

⁶⁹ Afirmou o entrevistado Márcio Gomes.

⁷⁰ É uma das bandas europeias mais populares no *underground* nacional. Raramente alguém vai a um show e não presencia alguém usando camiseta do Nargaroth.

⁷¹ Disponível em: <https://www.metal-archives.com/bands/Nargaroth/961>. Acesso: 01/12/2023.

mais NS, em uma entrevista o vocalista René Ash "Kanwulf" teria dito que “Não gostaria de ver pessoas de pele escura usando camiseta de sua banda”, algo que foi se perdendo no decorrer do tempo. Aqui, mais importante que a veracidade de tal fala é a força simbólica, o sentido que ficou na lembrança. As palavras de Kanwulf poderiam ser traduzidas como “Ninguém da América, África, Ásia e de boa parte da Europa, não deveria usar a camiseta de minha banda”, mas o resultado parece ter sido o oposto. Eis o sintoma do efeito do poder colonialista eurocêntrico que permeia o *underground*: o conceito de “raça converteu-se no primeiro critério fundamental para a distribuição da população mundial nos níveis, lugares e papéis na estrutura de poder da nova sociedade. Em outras palavras, no modo básico de classificação social universal da população mundial (Quijano, 2005, p.118). Assim, os NS negam sua brasilidade em busca de uma semelhança (fictícia) aos europeus.

Com o Facebook, Instagram e Telegram, depois de 2014, os músicos criavam suas páginas oficiais e os fãs as promoviam em incontáveis grupos. Havia inúmeros perfis pessoais fazendo apologia ao nazismo, sem medo de mostrar o rosto ou omitir alguma informação pessoal. Segundo Emanuely Silva Costa e Raíla da Cunha Silva (2021), no texto Crimes Cibernéticos e Investigação Policial, a partir da Lei nº 12.735/2012 no seu artigo 4º consta a preocupação da polícia judiciário em estruturar “nos termos de regulamento, setores e equipes especializadas no combate à ação delituosa em rede de computadores, dispositivo de comunicação ou sistema informatizado” (p.194).

É fácil identificar um crime cibernético, a identificação do autor do delito é praticamente impossível, tendo em vista que para acessar a internet não há nenhuma forma de controle e nem a necessidade de identificação. Desta forma qualquer pessoa pode ser autora do crime, e sua identificação é muito difícil, pois os usuários se conectam à rede através de uma tecnologia conhecida como Tcp/ip (transmission control protocol –internet protocol) cujo software normalmente reside no sistema operacional, onde todos os programas e aplicativos utilizados na máquina compartilham do mesmo número (ip) que é único e se altera automaticamente a cada novo acesso à internet, sendo assim o agente pode se conectar de qualquer dispositivo eletrônico e de qualquer lugar cometer o ilícito penal utilizando apenas conhecimentos próprios e se valendo indiscriminadamente desse meio ciente de que após cometer a infração e se desconectar da internet a única forma possível para sua identificação, ou seja, o número de ip utilizado momentos antes pelos programas empregados na prática delituosa foi apagado, sendo gerado um novo ip em uma conexão à internet futura (Harakemiv; Vieira, 2014, p.424).

Para além da falta da tecnologia mais eficiente para identificar rapidamente os criminosos, as pessoas racistas começaram a criar perfis *fakes*, comunidades com fórum fechado “normalmente para cometer algum tipo de delito e omitir a sua identidade ou tirar proveito financeiro e/ou de popularidade” (Batista. 2019, p. 15), o que dificultava ainda mais o rastreamento. Com objetivo de combater o crescente antissemitismo global e os negacionistas do Holocausto, em 2020 o Facebook, YouTube e demais redes sociais apagaram, proibiram e desmonetizaram toda página ou canal que promova esses temas⁷².

Longe da eficiência esperada, ainda há incontáveis canais no YouTube, como General Mauzer, Jean, Mix de Zurzir, Lux Ferus, que publicam álbuns inteiros de bandas racistas.⁷³ Para o Márcio, toda a mídia ocidental está submissa aos interesses sionistas, por isso que tentam acabar com toda e qualquer informação que não esteja em comunhão com seus objetivos imperialistas.

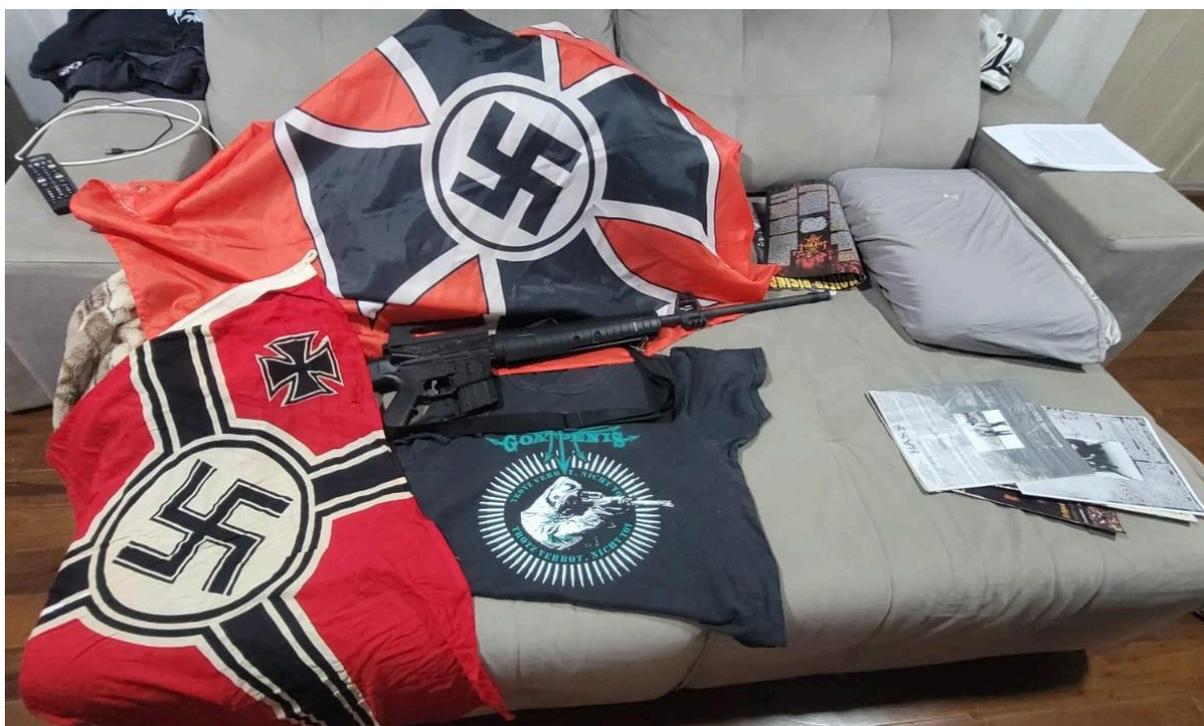
No YouTube não se pode mais mostrar o rosto e falar o que pensa, “O debate e a democracia foram excluídos, o que vale é a força da lei dos sionistas”. Apesar da perseguição ao NSBM o YouTube ainda continua sendo um ótimo lugar para coletar e postar vídeos e álbuns inteiros, basta somente subir o arquivo.

Porém, não é a única forma de compartilhamento de ideias e material, no *Vkontakte* (VK) e Telegram qualquer pessoa consegue ter acesso e gravar tudo o que o Facebook e YouTube proíbem, até em canais de antivacina tem quem entre, poste vídeos de shows, arquivos revisionistas e depois sai do grupo. Tudo de forma anônima.

⁷² Além da publicação ser feita na página oficial de cada rede, diferentes revistas eletrônicas noticiaram essa mudança, como olhardigital e e bras-il.

⁷³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=306KI-YBvKs>. Acesso: 01/03/2024.

Figura 14: Materiais nazistas em SC



Fonte: Acervo do pesquisador.

Durante o momento *off* que antecedeu uma das entrevistas, a pessoa mostrou parte de seu material guardado ao lado dos CDs NSBM: duas bandeiras nazistas, uma arma, uma camiseta do Goatpenis e alguns fanzines que continham entrevistas de diferentes bandas, agenda de shows e poemas diversos. Todo material estava guardado numa caixa, na gaveta do guarda-roupa. Há um discurso comum, que permeia aqueles que detém esse tipo de material, que prefere ser dito fora do momento da gravação por medo do interlocutor ou qualquer um interpretar de forma “incorreta”. Apesar de parte desse material ser criminalizado “é comum a galera de direita no BM ter algo parecido em suas casas aqui no Vale do Itajaí”. E, por fim, destacou que o material é para fins de pesquisa pessoal e que jamais vai mostrá-lo ao público.

O orgulho pela ancestralidade branca europeia, germânica e italiana, sempre é o principal ponto. Como afirmou Karina:⁷⁴ “Santa Catarina é o melhor e mais organizado estado do nosso país. Todos querem morar aqui. Essa qualidade é devido aos alemães e italianos que vieram para cá”. Afirmam que não são racistas e que jamais fariam algum mal a nenhuma pessoa, independentemente de raça ou

⁷⁴ Uma das pessoas entrevistadas.

etnia. Para darem força a argumentação, não raramente, citam a luta pela igualdade e democracia dos negros estadunidense nas décadas de 1960 e 1970, ressaltam a importância do movimento Panteras Negras, Martin Luther King, e até a filósofa Djamila Ribeiro, uma filósofa brasileira que luta pela igualdade e direito dos negros.

O líder alemão (Hitler) tirou a Alemanha da miséria, se tornou uma superpotência. Por que não posso ter orgulho de uma liderança dos meus ancestrais? Devido a um holocausto com milhares de testemunhas oculares que nasceram em 1942? Que presenciaram as famosas câmaras de gás ao longo de sua maturidade de 3 aninhos? Se você perguntar para 100 dessas testemunhas do holocausto, terá 100 versões diferentes. Chegamos a conclusão de que "Quem conta o 'holoconto', aumenta um morto."⁷⁵

Para legitimar o apeço ao nazismo procuram enaltecer os resultados positivos da economia e tecnológica alemã dos anos de 1930, feito este graças a cor de pele branca, e ao apego ao negacionismo do holocausto, ambos sem embasamento teórico científico. Aquele que profere esse discurso, romantizado, descontextualizado, que desconsidera todas as atrocidades que o nazismo causou ao mundo, respaldado pela pseudo-ciência de Cesare Lombroso e Arthur de Gobineau, não consegue se vê partícipe do que os nazistas consideravam raça inferior pelo fato de não ter nascido na Alemanha (Dietrich, 2007).

A antropóloga Adriana Dias (2007; 2018) diagnosticou que Santa Catarina é o estado com maior quantidade de núcleos nazistas no Brasil que se articulam no universo virtual, *sites* e redes sociais. Mesmo diante da atuação do Ministério Público e da Polícia Federal para combater esse tipo de prática, em 2022, Rodrigo Sartori, presidente da Comissão de Direitos Humanos da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) em Santa Catarina, afirmou que "As pessoas [nazistas] têm se sentido mais à vontade para agir, fazer pichações, por conta da conjuntura, do crescimento de uma extrema-direita violenta, que tem se colocado contrária a pautas das mulheres, LGBT, pessoas em situação de rua, racismo".⁷⁶ A reportagem do G1 apresenta algumas manifestações nazistas pelo estado, como de um professor da rede pública que elogiou Hitler na *internet*; uma carta com ameaças contra gays, feministas, negros e asiáticos, enviada à Universidade Federal de Santa Catarina

⁷⁵ Aqui há um trocadilho da frase "Quem conta um conto, aumenta um ponto".

⁷⁶ Disponível em:

https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2022/11/04/nazistas-tem-se-sentido-mais-a-vontade-para-agir-cre-especialista-apos-alta-de-atos-criminosos-em-sc.ghtml?utm_source=share-universal&utm_medium=share-bar-app&utm_campaign=materias. Acesso: 01/02/2024.

(UFSC); e um grupo de bolsonaristas fazendo saudações nazistas em São Miguel do Oeste.

No dia 20 de abril de 2014, Kaleb Rodrigo Frutuoso,⁷⁷ de 28 anos, e Fabiano Antonio Schmitz, de 24 anos, colaram cartazes pelo centro de Itajaí–SC fazendo apologia ao nazismo. O primeiro rapaz é conhecido na cena do Metal catarinense por frequentar eventos e se identificar com bandas NS. Para o Ministério Público de Santa Catarina, que realizou a denúncia, afirmou que tal atitude estaria "visando incitar a discriminação e o preconceito de cor, etnia e de raça". Em 13 de maio do mesmo ano ambos foram pegos em flagrante cometendo a mesma prática, segundo a publicação do G1⁷⁸, os papéis continham o emblema de um movimento neonazista, a foto do ditador Hitler e os dizeres "Heróis não morrem. Parabéns Führer".

Figura 15: Cartaz de Hitler em Itajaí–SC



⁷⁷ Foi convidado a participar dessa pesquisa por uma entrevista, mas preferiu não contribuir.

⁷⁸ Disponível em:

<https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2019/10/08/justica-absolve-dois-acusados-de-colar-cartazes-exaltando-hitler-em-santa-catarina.ghtml>. Acesso: 02/02/2024.

Fonte: Aventuras na História.

Os cartazes distribuídos em Itajaí–SC foram assinados pela *White Front* (Frente Branca), entidade que, conforme o Ministério Público, atua de forma extremista na região. “Considerando as provas dos autos e o contexto do fato, tenho que os réus ao colarem cartazes, manterem estes e publicarem fotos da cruz suástica/gamada e do ditador Hitler em seus perfis pessoais no Facebook, não o fizeram com o dolo específico de divulgar/incitar o nazismo”⁷⁹, definiu o juiz Augusto Cesar Aguiar, da 1ª Vara Criminal de Itajaí, indo no sentido contrário ao Art. 20 com redação dada pela Lei nº 9.459, de 13/05/1997:

§ 1o - Fabricar, comercializar, distribuir ou veicular símbolos, emblemas, ornamentos, distintivos ou propaganda que utilizem a cruz suástica ou *gamada*, para fins de divulgação do nazismo. (grifo meu).

Se dois adultos, presos em flagrante, com cartazes/materiais de cunho nazista, assinado por uma rede extremista da região, não foi o suficiente para condená-los. O que seria, de fato, apologia ao nazismo? Tal prática seria recorrente na região e, por isso, naturalizada aos olhos do juiz? O descompasso entre a acusação feita pelo Ministério Público de Santa Catarina e o jurídico do estado, representado aqui pelo juiz Augusto Cesar Aguiar, não estaria apresentando para a sociedade uma fragilidade entre os poderes, cujo desfecho (eufemista) poderia soar como uma desqualificação desse crime? A falta de punição não poderia contribuir para o aumento dessas atitudes? O pesquisador convidou Kaleb para uma entrevista, mas teve seu pedido negado.

No universo *underground* catarinense, em 2021, foi distribuído o *Der Angriff*, um fanzine exclusivo NS, cujo nome, segundo o próprio editor, é uma homenagem a “Dr. Joseph Goebbels”, ministro da propaganda nazista, que gerenciou um jornal com esse nome na década de 1920. Algo próximo a 5ª edição do *Pátria e Raça*, publicado em 1991, que tinha como matéria-prima a apologia ao totalitarismo, da superioridade branca (Almeida, 2022). Enquanto esse último promovia anúncios livros da Editora Revisão, riograndense, cujo proprietário era Siegfried Ellwanger Castan, negacionista do Holocausto, o *Der Angriff* faz uso dessa literatura, como o *Holocausto Judeu ou Alemão? Nos bastidores da mentira do século* (2006) e *SOS*

⁷⁹ Disponível em:

<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/historia-hoje/juiz-libera-o-uso-de-propaganda-nazista-e-m-santa-catarina.phtml> Acesso: 02/02/2024.

Para Alemanha (1990). O texto está dividido em quatro partes: a primeira relacionada “Arte no Terceiro Reich”, colocando o músico antisemita Richard Wagner como a principal influência estética e artística durante na criação e desenvolvimento do nazismo; a segunda intitulada “A Grande Farsa do Holocausto”, com a proposta de desqualificar a historiografia oficial, escrita desde 1945, em prol de um novo olhar vitimizando a política ditatorial do III Reich, acusando os judeus de causarem a II Guerra Mundial e pela invenção dos 6 milhões de mortos. Há uma teoria da conspiração onde os judeus dominam a mídia mundial e as principais potências teriam em sua liderança e/ou nos parlamentos numa quantidade suficiente para manter seu imperialismo no mundo; a terceira parte trata-se da Leni Riefensfahl, produtora do filme “O Triunfo da Vontade”⁸⁰, onde é destacado seu padrão de beleza e sua biografia; e por fim, é apresentado a carta testamento de Adolf Hitler, colocando-o como um exemplo a ser seguido para atual e futuras gerações.

O retorno do fanzine físico parece estar em alta nos corredores da cena catarinense. Ninguém consegue fazer o *print*, rastrear seu IP⁸¹, compartilhá-lo rapidamente e existe a segurança de ser passado diretamente para a pessoa “certa”. É relativamente uma forma segura de proliferar ideias na cena do Metal.

No *underground* existe uma rede de valores, de contatos, estilos e espaços de sociabilidade com características próprias, porém, é no show que o *black metal* se materializa (Campoy, 2010) e são as bandas que ditam o perfil da cena em cada região. Entre o final dos anos de 1980 e 2024 inúmeras bandas surgiram, algumas como estrelas-cadentes, nascem e pouco tempo depois deixam de existir, outras permanecem e cristalizam suas histórias. As vertentes são diversificadas, existem as progressistas, como Misdeed, Luciferiano, Spiritus Diabolis, Black Baptism, e as NSBM, como *Goatpenis*, de Blumenau, uma das bandas mais respeitada e admirada em Santa Catarina e internacionalmente. O próximo tópico terá como ponto central a aproximação da *Goatpenis* com o nazifascismo.

⁸⁰ Para mais informações sobre o filme ler: RIBEIRO, R.R. HITLER – DO PROFETA AO ARQUITETO DA “ERA DA CATÁSTROFE”: A construção da imagem do Führer no filme O Triunfo da Vontade. Revista de humanidades. V. 04. N. 09, fev./mar. de 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/191/178>. Acesso: 30/12/2023.

⁸¹ IP, conforme consta no site Kaspersky: Endereço IP é um endereço exclusivo que identifica um dispositivo na Internet ou em uma rede local. IP vem do inglês "Internet Protocol" (protocolo de rede) que consiste em um conjunto de regras que regem o formato de dados enviados pela Internet ou por uma rede local. Disponível em: <https://www.kaspersky.com.br/resource-center/definitions/what-is-an-ip-address>. Acesso: 03/03/2024.

2.3 GOATPENIS: A BANDA DE EXTREMA-DIREITA EM SANTA CATARINA

Em 1989, surge a banda *Suppurated Fetus*⁸² na cidade de Blumenau–SC, criada por Evandro, que usava o pseudônimo de Sabbaoth. Tinha como temas a morte, a violência, sadismo e perversão. Chegou a compor duas demos: *O resto do nada*, em 1990; e *Gênesis Capítulo 2, V*, 1991. Em 1991, o nome foi trocado para Goatpenis. Desde então toda sua trajetória na cena do Metal, há mais de 30 anos, é marcada pelo radicalismo, brutalidade sonora e posturas nazi-fascistas.

Nos anos 2000 a misantropia passa a fazer parte do extremo rock e, assim, uma nova vertente surge dentro do *black metal*, “a guerra contra o bem a partir de uma apropriação do mal” deve prevalecer (Campoy, 2010, p.201). O personagem satã e o satanismo perde relevância para o Goatpenis, “trocou a palavra nazareno pela palavra vida e o *corpsepaint* e os pregos pelo capuz militar e as ‘bombas’” (Campoy, 2010, p.201), “Tem que ter o conceito militar, guerra, que contenha ódio, violência, união de tudo isso. A banda está toda entrosada nessa mesma ideia.”⁸³

⁸² Fonte: Metal-Archives. Disponível em: https://www.metal-archives.com/albums/Suppurated_Fetus/The_Rest_of_Nothing/46866. Acesso: 02/02/2024.

⁸³ Fonte: You Tube: Power Thrashing Death. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EwSq5liv3YA>. Acesso: 12/12/2023.

Figura 16: Goatpenis - Incinerando o símbolo da paz



Fonte: sineptaog - Instagram

O apreço pelo ódio e violência são características do Goatpenis que perpassam décadas. Durante uma apresentação, entre o final dos anos de 1990 e início dos anos 2000, quando ainda usavam *corpse paint*, um dos membros incinera o símbolo da paz. Passado mais de vinte anos, mantendo-se coerente aos seus valores, produziram uma camiseta com a mensagem: “*No remorse... Just push the button. Blessed up War*”⁸⁴.

⁸⁴ “Sem remorso... Basta apertar o botão. Abençoada guerra”. Tradução livre.

Figura 17: Goatpenis: “No remorse... Just push the butto. Blessed up War.”



Fonte: Facebook - Goatpenis - Oficial.

Segundo Fernando (Virrugus Apocalli), guitarrista da banda,

Para nós o Goatpenis é muito mais que uma banda, é uma arma. Um fuzil sem alguém atrás do gatilho não machuca ninguém, tá ligado? Para nós a banda nunca foi só música, sempre teve muita ideologia, muitos ideais, sempre mantemos a postura focada, no real movimento extremo e *underground*.⁸⁵

⁸⁵ Fonte: Canal Power Thrashing Death. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EwSq5liv3YA>. Publicado no dia 21/08/2022.

Figura 18: 3° Tape-demo - Jesus Covarde



Fonte: Acervo do Pesquisador.

Na terceira demo, Jesus covarde, gravado em 1994, é possível observar a suástica usada pelos integrantes. A terceira música, Zyklon-B, que traz uma referência ao nazismo, será novamente gravada em 2002 no álbum "*Trotz verbot nicht tot*".

Numa entrevista concedida ao Wegwisir⁸⁶, em 2010, Evandro, o Sabbaoth, é questionado quanto ao título do álbum "*Trotz verbot nicht tot*", publicado em 2002, frase que teria sido durante o III Reich e atualmente pela extrema-direita, e sobre o uso de uma parte de um discurso do Hitler na música Ziklon-B⁸⁷. A resposta:

Este título fora sugerido pelo nosso grande amigo e distribuidor inicial na Europa, o velho Janseen da Bélgica. Ele tinha um projeto falido de banda e este era o nome de uma das músicas dele. Ele disse que achava o título muito bom e caso quiséssemos utilizá-lo seria nosso. Como na época não dávamos tanta relevância ao título do material, aceitamos em consideração aos anos que ele ajudou a divulgar a banda. Desconhecia o teor da frase e se é utilizada por militantes. Nunca procurei por detalhes sobre o título, pois é apenas um título e nada mais. Pra (sic) mim não diz muita coisa.

Aqui se repete, como apresentado no primeiro capítulo, a clássica falta de conhecimento, ou uma atitude de displicência, sobre a relação do material produzido com o nazismo. O líder da banda se limitou a uma resposta singela, se compararmos com a objeção, e preferiu não comentar sobre o discurso de Hitler na música Ziklon-B.

⁸⁶ Disponível em: <http://wegwisir.blogspot.com/2010/04/goatpenis.html>. Acesso: 20/04/2024.

⁸⁷ Esse era um dos componentes químicos usados nas câmaras de gás para eliminar os judeus durante a Segunda Guerra Mundial.

A letra da música Zyblon-B⁸⁸ diz o seguinte:

Fear and pain in holocaust

Morbid place anti-race

Ashes turns the grey sky

Decadent bodies dawn

Spitting blood by their asses

Human flesh burn the gas

Screams in the grotesque room

Cry the mass desperate

A hell locked into walls

Inhumanity behind the gate

Eliminate by lethal gas

Os versos indicam que os membros da banda tinham ciência do que foi o Holocausto, no mínimo desde 1994, quando gravou na demo Jesus Covarde. Para além do nome ser uma referência a um componente químico do gás usado para eliminar milhões de judeus, seu conteúdo fala sobre medo, a morte, o sofrimento das vítimas, a forma de matá-las e até da aparência atmosférica após o crematório, “*Ashes turns the grey sky*”. Seria muita informação para quem não tem noção do que significa o nazismo e do extermínio sumário de milhões de pessoas. Quando Evandro, o Sabaoth, afirma ao Wegwisir que não sabe nada sobre o assunto, que “é apenas um título e nada mais.”, não foi sincero. Agora, se a comparação ao nazismo pode ser resumida na frase “Pra (sic) mim não diz muita coisa.”, ou seja,

⁸⁸ Medo e dor no holocausto. Lugar mórbido anti-raça. Cinzas transformam o céu cinzento. Corpos decadentes amanhecem. Cuspindo sangue pelas bundas. Carne humana queima o gás. Gritos na sala grotesca. Chore a massa desesperada. Um inferno trancado em paredes. Desumanidade atrás do portão. Eliminar por gás letal. Tradução livre.

não se importa, é porque pactua com esses valores. Ninguém que defende os valores dos direitos humanos aceitaria tal comparação.

Figura 19: Goatpenis - Saudação nazista



Fonte: Goatpenis Oficial - Facebook.

“Saudações, sangue de guerra, novo álbum de 2015 chegando filho... Salve... Goatpenis” (tradução livre). O número 666 usado corriqueiramente no *underground* referindo-se ao Anticristo, a não aceitação dos valores cristãos, e o 88 representa a saudação nazista Heil Hitler, usada para reverenciar o líder do III Reich. O H é a oitava letra do alfabeto, assim, os Hs da expressão são trocados pelo número 88 (Dias, 2007, p.85). Para os que participam do *underground* não é novidade a aproximação do Goatpenis ao nazismo, diante de tal postagem pública isso fica incontestado para toda sociedade.

Existem muitas bandas de NSBM que fazem apologia direta ao nazismo em suas letras e criações artísticas (Senna, 2019, p.85), como, por exemplo: Fatherland, Eingar, Absurd, Gestapo SS, Imortal Pride, Granatus, Jewcide, Zorzir. Outras fazem apologia de forma menos explícita mediante “temas culturais eurocentristas, falam de guerras, de ancestralidade e do paganismo nórdico” e “deixam para expressar suas atitudes nazistas em outro momento, como durante as apresentações em shows” (Senna, 2019, p.85), permitindo uma reduzida quantidade de registro de tais feitos. O *Goatpenis* mesclam essas duas expressões.

Na, 7ª edição da Magazine Arte Obscura, Evandro afirmou que produziu um álbum através do selo *Satanic Skinhead Propaganda*, gravadora de bandas NSBM, ao ser a “única que lhe deu oportunidade” e associar isso a qualquer ideologia nazi-fascista é “um pensamento ultrapassado”, lamenta que essa interpretação seja comum aqui no Brasil. No *metal-archives*⁸⁹, que a banda “não apoia nenhuma bandeira ou ideologia política”.⁹⁰ Porém, há um descompasso entre o que é dito nas entrevistas e o que é postado em suas redes sociais (Facebook e Instagram).

Figura 20: *Satanic Skinhead* - 2015



Fonte: Goatpenis - Facebook

Figura 21: *Black Metal Skinhead* - 2019



Fonte: Sineptaog - Instagram

⁸⁹ É uma plataforma chamada *Encyclopaedia Metallum* ou *The Metal Archives*. Trata-se de uma plataforma colaborativa para compor um banco de dados/informações promovidas por seus próprios integrantes sobre bandas das várias vertentes do metal. Oferece informações como biografia, discografia e resenhas de seus álbuns.

⁹⁰ Fonte: Metal-archives. Disponível em: <https://www.metal-archives.com/bands/Goatpenis/11013>. Acesso: 20/04/2024.

Foto 22: Guitarrista da Goatpenis usando Absurd - 2020



Fonte: Sineptaog - Instagram

Nas imagens, membros do *Goatpenis* fazendo propaganda de ideais excludentes e racistas, através do uso de camisetas em prol do movimento *skinhead* e Fernando Barg, o “Virrugus Apocalli”, usando camiseta da banda alemã *Absurd*. Na atualidade os segmentos *skinheads* partem da dimensão geral da cultura da violência que marca muitas organizações de formação miliciana e de valores segregadores. (Barbosa, 2016, p.91) podendo ou não compartilhar diretamente ideais nazistas. Neste caso, permanecem os valores nazistas.

Um aspecto que marca muitos *skinheads* é a valorização da cultura militar, associada, sobretudo, à preparação física, ao treinamento para o combate através de táticas de confronto, ao conhecimento de esportes de contato e, em alguns casos, à utilização de armas brancas ou de fogo (Barbosa, 2016, p.93). (...) Os militantes de muitas organizações *skinheads* apresentam em suas práticas a afirmação de valores conservadores, fundamentados em princípios de conduta social, sexual e familiar, com destaque para o repúdio às concepções políticas igualitárias (Barbosa, 2016, p.94).

Figura 23: Goatpenis - armas



Fonte: Goatpenis - Oficial - Facebook

Na primeira edição do *Pride Black Metal Zine*, em 2014, *Goatpenis* registra uma breve análise da sociedade brasileira: “O Brasil é uma causa perdida, principalmente para seu povo acéfalo e de mau gosto cultural, político e social”⁹¹. Neste ano (2014), o Brasil passou por três momentos marcantes em sua história: Copa do Mundo de Futebol; período eleitoral para presidente; e imigração haitiana. O primeiro por receber o maior evento de futebol do mundo, todo país sede, toda diversidade cultural, neste caso o samba, pagode, futebol, a gastronomia, a religiosidade, entre outros, é evidenciada nas mídias nacionais e internacionais, contrariando os ideais excludentes da banda. O segundo, mesmo com a região Sul contribuindo para colocar candidato Aécio Neves (PSDB) na presidência, a articulação política da esquerda nas demais regiões culminou com a eleição de Dilma Rousseff (PT)⁹². Por fim, diante da possibilidade de obter emprego e moradia,

⁹¹ Essa frase também conta na página oficial da banda. Disponível em: Facebook - Goatpenis - oficial. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1576110575999535&set=t.100063756158341&type=3>. Acesso: 01/03/2024.

⁹² Todos os dados e estatísticas podem ser encontradas no TSE (Tribunal Superior Eleitoral).

milhares de haitianos migraram para o Brasil (Pimentel, 2014) e gradualmente foram se espalhando por diferentes estados, inclusive Santa Catarina (Oliveira, 2022). A extrema-direita difundiu que esses imigrantes seriam os responsáveis por “roubaram empregos” e lotarem os postos de saúde, desencadeando uma onda de xenofobia aos estrangeiros (Oliveira, 2022).

A banda já se apresentou nos EUA, Europa e em alguns países da América do Sul. Sempre recebeu inúmeros convites para participar de shows e eventos, onde, segundo Fernando (Virrugus Apocalli), “sempre recebida com bastante receptividade por parte dos organizadores e pelo público”. Porém, a postura NSBM cada vez mais evidente começou a refletir na agenda dos músicos: “Tivemos show cancelado na Europa por causa desses merdas desses ‘antifas’, desses lixos, bando de ratos, baratas, que vivem escondidos atrás do monitor de computador.”⁹³

“O trabalho dos antifascistas é fazer com que os fascistas tenham muito medo de agir publicamente” (Bray, 2019, p. 45), assim, certamente, somente um fascista iria se opor a atuação de um grupo de antifascista. Aqui vale lembrar que as palavras ditas para o canal do *YouTube Power Thrashing Death* foram gravadas atrás de um aparelho eletrônico, num ambiente escuro, usando óculos escuros e capuz. Seria para produzir um ar sombrio ou para dificultar sua identificação?

Na cena catarinense, apesar de toda polêmica, é comum ouvir elogios de pessoas usando camisetas, compartilhando material do Goatpenis. “É uma banda que admiro muito, sempre gostei, é uma das melhores bandas de Santa Catarina. Eles são escancarados, declarados de extrema-direita mesmo e isso me atrai mesmo”, afirmou Karina. Para Douglas Patel: “Goatpenis é a maior influência da minha vida, depois da morte do Evandro Siebert, conhecido como Sabbaoth, no início de 2021, acabei me desligando um pouco da cena, dos eventos e me desfiz de muito material. E se hoje os países da Europa conhecem o *black metal* em Santa Catarina é devido ao trabalho do Evandro”.

A identificação pela extrema-direita dentro do *black metal* catarinense não se limita a preferência de algumas bandas NSBM da região, se estende a perspectiva política que iniciou em 2014, ano eleitoral tendo Dilma Rousseff (PT), representando a continuidade do governo Lula (PT) e Aécio Neves (PSDB) na disputa presidencial.

⁹³ Fonte: Canal: Power Thrashing Death. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EwSq5liv3YA>. Acesso: 01/05/2024.

Mas tudo vai se materializar a partir de 2018, com a eleição presidencial de Jair Messias Bolsonaro.

3 CAPÍTULO III - DA CRISE ECONÔMICA MUNDIAL AO FASCISMO EM SANTA CATARINA

3.1 Santa Catarina: o estado que mais apoia o fascismo (bolsonarismo)

Neste subtópico será apresentado a relação entre as estratégias usadas por políticos brasileiros de direita para ascender ao poder a partir da década de 2010 e a crise econômica estadunidense que afetou o mundo em 2008. E, por fim, a aderência dos catarinenses à extrema-direita.

A crise imobiliária dos bancos nos Estados Unidos em 2008, fez com que o Lehman Brothers, o maior banco do mundo, quebrasse em setembro do mesmo ano. Os investidores tiraram seus respectivos investimentos de vários países, inclusive do Brasil. Assim, o governo brasileiro ficou sem dinheiro para conceder créditos para as empresas investirem e para os consumidores na aquisição de bens duráveis (Deus; Lima; 2013).

A pesquisa de Marcio Pochmann (2009), conforme seu artigo “O trabalho na crise econômica no Brasil: primeiros sinais”, demonstra como a crise econômica iniciada nos EUA impactou diretamente o Brasil. A inflexão da expansão socioeconômica nacional, a partir de outubro de 2008, resultou em uma queda acumulada de mais de 4% no Produto Interno Bruto (PIB) entre o último trimestre de 2008 e o primeiro semestre de 2009. Na prática, houve um aumento no desemprego e a rotatividade da mão de obra no Brasil se intensificou, com a substituição de trabalhadores com maior remuneração por outros com salários inferiores. As demissões superaram as contratações, elevando a taxa de desemprego e interrompendo a queda que vinha ocorrendo desde 2003, gerando aumento na informalidade e diminuição no poder aquisitivo dos trabalhadores, especialmente em empregos informais. A crise afetou principalmente as famílias mais pobres, já que o setor industrial, que oferece empregos de menor qualificação e remuneração, foram as mais impactadas. Para além da economia, a crise do neoliberalismo também se expandiu para outras esferas, incluindo o ataque sistemático ao estado de bem-estar

social. O valor subjetivo atribuído à noção de concorrência meritocrática, o enfraquecimento das instituições e do endividamento massivo decorrente dos programas de crédito dos governos progressistas nos anos 2000 (Borges, 2022), propiciou o radicalismo político de extrema-direita (fascista) em diferentes setores da sociedade brasileira, em especial a catarinense.

O fascismo de Estado, que se originou na Itália nos anos 1920, manifestando-se de maneira mais intensa com o nazismo de Adolf Hitler na Alemanha, e se potencializou num contexto diferente do capitalismo global, após a crise de 1929. Nesse período, diferentes fatores como neocolonialismo europeu na África, o ressentimento gerado pela derrota na Grande Guerra, o medo do comunismo se espalhar pela Europa, a descrença no liberalismo, contribuíram para o surgimento e consolidação dessa linhagem política (Levin-Borges, 2022; Melo, 2020). A nova direita global surge como fascista, mas é importante compreender que o fascismo vai além de um simples modo de ser no mundo, se conecta ao fascismo de 1930 por um “cordão umbilical metafísico” (Levin-Borges, 2022, p. 139).

O escritor italiano Umberto Eco, que vivenciou o governo de Benito Mussolini durante parte de sua vida, em seu texto “Ur-Fascismo: Fascismo Eterno” (1995), afirma que o fascismo não se limita a um conjunto específico de práticas históricas, mas pode manifestar-se de várias formas em diferentes contextos. Entre as características apontadas por Umberto Eco, que servem de princípios para os atuais movimentos de extrema-direita, há obsessão por conspirações, onde o grupo ou a nação está sob ataque constante de forças ocultas, ou conspiratórias. Por isso, é essencial a criação de inimigos internos e externos, para legitimar sua existência e conquistar aliados. Apesar da existência de eleições parlamentares, a tendência fascista é centralizar o poder num líder carismático, enfraquecendo e/ou eliminando as instituições democráticas e o pluralismo político. Não há espaço para dissidência (pluralidade) e opiniões contrárias são julgadas como traição, impedindo novas ideias. Para tanto, manipula frequentemente a vontade do povo por meio de propaganda e controle da mídia, criando uma falsa sensação de unidade e consenso em torno do regime. A democracia, que depende da participação ativa e informada dos cidadãos, é desfragmentada, por preferir uma estrutura hierárquica e autoritária. O líder se posiciona como o intérprete único da vontade do povo, eliminando a

necessidade de deliberação democrática e justificando ações autoritárias em nome de um suposto bem comum. Segundo Umberto Eco, o fascismo, para além da elite econômica e dirigente, conta com o apoio da classe média que se compreende como a elite ao menosprezar os que estão nas camadas mais frágeis da sociedade. Nas palavras do próprio autor “o elitismo é um aspecto típico de qualquer ideologia reacionária, enquanto é fundamentalmente aristocrático, e o elitismo aristocrático e militarista implica cruelmente o desprezo pelos fracos” (Eco, 1995), ou seja, só é possível defender um “elitismo popular”, como afirma, Levin-Borges (2022), se for ensinando a cada pessoa a ideia de que “cada cidadão pertence às melhores pessoas do mundo, os membros do partido são os melhores entre os cidadãos, todos os cidadãos podem (ou devem) tornar-se membros do partido”. O populismo fascista é seletivo: escolhe os patriotas considerados os bons, e os coloca em guerra permanente contra o restante, os maus, ou seja, qualquer um que se oponha ao projeto autoritário. Novamente, a divergência é proibida e quem se opõe é automaticamente visto como inimigo a ser prontamente combatido. O pacto anticorrupção entusiasma profundamente os fascistas, proferido com veemência nos discursos “salvacionistas e restauradores da ordem ao longo da história”, através de uma linguagem pobre, escassa e simplificada para limitar o pensamento crítico. Todos os elementos apresentados por Umberto Eco servem de matéria-prima na construção e compreensão do neofascismo contemporâneo.

O neofascismo no Brasil se manifesta como sintoma da crise econômica global gerada pelo neoliberalismo nos EUA em 2008. A crise estadunidense representou não apenas um cenário de ruptura das técnicas de governabilidade do capitalismo financeiro, mas também promoveu rupturas políticas e de ordens subjetivas ao redor do mundo (Borges, 2022, p. 138), tendo como protagonistas Jair Bolsonaro, Viktor Orbán, Marine Le Pen e Donald Trump ligados, em alguma medida, ao fascismo. Tal fenômeno pode ser diagnosticado em todas as regiões do Brasil, principalmente no estado catarinense.

Tendo no caso brasileiro suas características próprias, como a união da classe média branca, o apoio da igreja pentecostal, do empresariado e da manipulação das redes sociais como instrumento de disputa política para destituir o projeto petista da presidenta Dilma Rousseff (Borges, 2022). Apesar da

impossibilidade de diagnosticar com precisão a gênese do bolsonarismo, alguns acontecimentos foram essenciais para a construção de Jair Messias Bolsonaro.

O rompimento com alguns valores e privilégios liberais protagonizado pelo Partido dos Trabalhadores, durante o governo de Luiz Inácio Lula da Silva (entre 2003 e 2011), proporcionou a coalizão entre os partidos de direitas, como os militares e os neoliberais, que se reorganizaram em torno dos valores clássicos do fascismo (Melo, 2020). Essa organização orquestrou uma série de ataques à governabilidade dos governantes de esquerda, como o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff em 2016. Nessa jornada conquistou jovens brancos de classe média que se identificavam com os diferentes preconceitos proferidos por Bolsonaro que não aceitavam ver a ascensão das camadas mais “baixas” na sociedade, tanto profissional quanto econômica.

Ao encontro de Melo (2020) a antropóloga Isabela Oliveira Kalil (2019) afirma que o ano de 2010 foi essencial para o surgimento do fenômeno Bolsonaro. Mais precisamente a partir do decreto nº 7.037, de 21 de dezembro de 2009, a terceira⁹⁴ versão do Plano Nacional de Direitos Humanos (PNDH-3)⁹⁵. Citando o sociólogo Sérgio Adorno (2010), no artigo “História e Desventura: o 3º Programa Nacional de Direitos Humanos”, comenta que as versões anteriores do PNDH - em 1996 e 2002-manifestaram o ensejo por mudanças como a transferência da competência da Justiça Militar para a Justiça Comum para julgar policiais militares, a tipificação do crime de tortura e a criminalização do porte ilegal de armas. Mas a nova versão oferta uma ampliação de direitos voltados para camada mais vulnerável da sociedade:

O combate à discriminação mostra-se necessário, mas insuficiente enquanto medida isolada. Os pactos e convenções que integram o sistema regional e internacional de proteção dos Direitos Humanos apontam para a necessidade de combinar estas medidas com políticas compensatórias que acelerem a construção da igualdade, como forma capaz de estimular a inclusão de grupos socialmente vulneráveis. Além disso, as ações afirmativas constituem medidas especiais e temporárias que buscam remediar um passado discriminatório. No rol de movimentos e grupos sociais que demandam políticas de inclusão social encontram-se crianças, adolescentes, mulheres, pessoas idosas, lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, pessoas com deficiência, pessoas moradoras de rua, povos indígenas, populações

⁹⁴ A primeira versão é de 1996 e a segunda de 2002.

⁹⁵ Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d7037.htm. Acesso: 10/08/2024.

negras e quilombolas, ciganos, ribeirinhos, varzanteiros e pescadores, entre outros (Brasil, 2009, p. 53).

Além do direito de livre orientação sexual, identidade de gênero, assume a questão do racismo, ressalta a importância da criação de políticas compensatórias para indígenas e negros. Propõe o desenvolvimento para a criação da Comissão Nacional da Verdade, a descriminalização do aborto, o reconhecimento da união entre pessoas do mesmo sexo, maior regulação da mídia e impõe limites para a presença religiosa no Estado. Esses avanços progressistas no governo do PT no âmbito federal tiveram como consequência a perda de apoio da bancada evangélica. Assim, um “conjunto de atores que ao longo dos anos têm buscado desafiar essa hegemonia da esquerda, imprimindo novos contornos aos protestos de rua no Brasil” (Tatagiba, Trindade e Teixeira, 2015, p. 197). Ainda no final de 2010, o MEC, em articulação com o movimento LGBTQI e com outras organizações sociais, criou-se o Projeto Escola sem Homofobia (ESH), gerando polêmica devido ao sensacionalismo causado pela mídia. Segundo Vanessa Leite (2019), “Articulou-se um pânico moral em torno do projeto, com base na ideia que o Estado estaria financiando o ‘desvirtuamento das crianças’”. O primeiro inimigo público do ESH foi Jair Messias Bolsonaro. O então deputado federal do Rio de Janeiro pelo partido Progressista, no final de novembro de 2010, durante seu discurso no plenário, atacou o que intitulou de “kit gay”, afirmando que o PT o distribuiria toda a rede de educação básica do país (Leite, 2019). Ataque esse que será um dos principais pilares de sua campanha a presidência do Brasil em 2017: “Para o PT, brevemente a pedofilia deixará de ser crime. O que vale mais: o Bolsa Família ou a dignidade de seu filho?”, “O kit gay foi uma catapulta na minha carreira política.”, afirmou numa entrevista concedida ao jornalista Marcelo Godoy e publicada no dia 2 de abril de 2017.⁹⁶

Nas manifestações contra o governo petista de Dilma Rousseff em 2013, Kalil (2019) identificou elementos contrários ao PNDH-3, que ao longo dos anos,

se materializaram em pautas hoje já bem conhecidas, como posições contrárias à laicidade do Estado; ampliação da posse e do porte de armas; posições antigênero; contra a diversidade de orientação sexual; contra a discussão de temas ligados à sexualidade nas escolas; contra a ampliação do acesso ao ensino superior por parte de jovens negros, pobres, indígenas ou mesmo egressos de escola pública; defesa de intervenção militar; entre outras pautas.

⁹⁶ Disponível em: <http://infograficos.estadao.com.br/politica/bolsonaro-um-fantasma-ronda-o-planalto/>. Acesso: 05/05/2024.

Em maio de 2012 foi realizada a Comissão Nacional da Verdade com a finalidade tornar público e esclarecer as diferentes violações de direitos humanos durante a ditadura militar brasileira, mostrando “as estruturas, os locais, as instituições e as circunstâncias relacionadas à prática de violações de direitos humanos [...] e suas eventuais ramificações nos diversos aparelhos estatais e na sociedade” (BRASIL, 2011). O relatório final tem mais de quatro mil páginas dividido em três volumes. O primeiro tem a proposta de analisar as transgressões dos direitos humanos envolvendo o período do regime militar, descrevendo detalhadamente suas estruturas de repressão, as instituições participantes, os métodos de tortura, os casos de destaque e a responsabilidade dos responsáveis por tais violações (BRASIL, 2014a.v.1). O segundo apresenta nove ensaios e aborda ocorrências de violações a diferentes grupos, agricultores, igrejas cristãs, estudantes universitários, comunidade LGBT, povos indígenas, e a resposta da sociedade civil diante das sérias violações aos direitos humanos (BRASIL, 2014b.v.2). E, por fim, o terceiro apresenta os relatos das trajetórias de vida dos quatrocentos e trinta e quatro indivíduos, que foram assassinados ou desapareceram de forma política, entre os anos de 1950 e 1985 (BRASIL, 2014c.v.3). As narrativas incluem imagens das vítimas, informações pessoais, histórico de vida e, em determinados casos, detalhes sobre como o caso foi abordado até o início da Comissão da Verdade.

Nesse contexto, o ministro dos Direitos Humanos do Brasil, Paulo Vannuchi, referindo-se ao resultado da Comissão da Verdade, afirma que “O texto da lei vai apontar a possibilidade de responsabilizar por torturas, mortes ou desaparecimentos. A ideia é não trabalhar esse tema sob a conotação de quem ganhou ou perdeu, mas como uma busca para aprimorar a democracia”⁹⁷. A posição do ministro obteve uma reação negativa por parte do deputado Jair Bolsonaro (PP-RJ), alegando a parcialidade da comissão por não incluir militares que, segundo ele, também foram vítimas de atentados durante a ditadura: “É a comissão da farsa, da mentira. Por que o guerrilheiro quando tortura é certo, e o militar é demônio? O PNDH (3) deve ser derrotado todo; quero uma comissão verdadeira, paritária, e não formada por gente indicada pelo governo”⁹⁸. A Comissão da Verdade foi o ponto

⁹⁷ Fonte: Agência Câmara de Notícias. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/139740-ministro-diz-que-comissao-da-verdade-nao-tera-carater-punitivo/>. Acesso: 01/08/2024.

⁹⁸ Idem.

definitivo da separação entre os governos do PT e as autoridades do Exército, relação já abalada desde 2010 com a publicação do terceiro Plano Nacional de Direitos Humanos. Os militares deslumbraram na Comissão da Verdade e Justiça como vingança e repressão, e essa narrativa será usada como referência para a futura ascensão de Bolsonaro (Borges, 2022; Azevedo, 2020).

As ações governamentais realizadas pelos governos petistas, Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff, impactam na qualidade de vida de uma parcela significativa da população, material e ideologicamente. Ainda que em escala limitada, os avanços dos grupos mais vulneráveis geraram insatisfações e conflitos com as classes médias e dominantes, o que contribuiu para fortalecer a oposição ao Partido dos Trabalhadores (Cavalcante, 2015; Couto, 2014). Além das cotas nas universidades públicas e concursos públicos, surgiram críticas cada vez mais intensas em relação aos projetos Bolsa Família, Minha Casa Minha Vida, Mais Médicos, e à ampliação dos direitos trabalhistas para as empregadas domésticas. O descontentamento das classes privilegiadas se torna visível nas mobilizações de junho de 2013, se unem na eleição de 2014 e ficam mais fortes com a Lava Jato, protagonizada pelo Judiciário e Polícia Federal, o que contribuiu para aumentar o antipetismo e a emergência das novas direitas (Galvão, 2019; Tatagiba, 2019).

O acirramento dos conflitos entre as classes pela apropriação de parcelas maiores da renda gerada na economia aumentou a pressão patronal pela redução do custo do trabalho e o combate ao pleno emprego. Ao mesmo tempo, a difusão da teologia da prosperidade valorizou o empreendedorismo e o esforço individual, o que dificultou o reconhecimento do papel do Estado — e das políticas públicas—no combate às desigualdades e à pobreza. (Galvão; Tatagiba, 2019, p. 78).

A disseminação dos valores neopentecostais reforçou os discursos conservadores, destacando as questões morais e comportamentais, como a padronização de família, sexualidade, sociopolíticas, como o projeto da Escola Sem Partido e a redução da maioria penal.

O ativismo pentecostal na política partidária, por sua vez, tornou-se um elemento constitutivo da democracia brasileira nas últimas três décadas. A cada eleição, seus líderes pastorais, com exceções, procuram transformar seus rebanhos religiosos em rebanhos eleitorais, visando ampliar seu poder político, defender valores cristãos tradicionalistas e seus interesses institucionais na esfera pública em sentido estrito (Mariano, 2010, p. 5- 6, *apud* Rocha, 2022, p. 35).

Conforme afirmou o professor e cientista político da Universidade Federal de Goiás (UFG), Pedro Mundim, “As instituições e seus membros, como as instituições religiosas, procuram meios de influenciar políticas públicas, leis e decisões de governo. Eles têm uma visão de mundo e querem refletir isso nas políticas⁹⁹. Nas eleições de 2020, segundo o TSE, quase nove mil candidatos escolheram títulos religiosos neopentecostais nos nomes apresentados nas urnas. “Entre os títulos, o mais utilizado é o de pastor/pastora, com mais de 51% dos casos (4.426), seguido por irmão/irmã, com 41% (3.561)”.¹⁰⁰ A articulação evangélica abertamente contra o PT não é novidade, desde o final dos anos de 1980, inúmeras lideranças, como pastor Carlos Alberto Antunes, (um dos líderes da igreja pentecostal Comunidade da Graça), Gilberto Nascimento (evangelista da Assembleia de Deus) e o pastor Walter Brunelli (Assembleia de Deus), teciam o medo do conservadorismo perder espaço no governo de esquerda (Mariano, 1992). Em 2008, o Bispo Edir Macedo, fundador da Igreja Universal do Reino de Deus e proprietário do grupo Record, publicou o livro “Plano de Poder: Deus, os cristãos e a política”. Logo na contracapa deixa claro sua estratégia política: “Os cristãos não devem apenas discutir, mas principalmente procurar participar de modo a colaborar para a desenvoltura de uma boa política nacional”. O texto está dividido em quatro capítulos: “A visão estadista de Deus”; “As consequências da falta de representatividade política”; “A retomada de um projeto divino”; e “A nação dos sonhos”. Bispo Macedo oscila entre messianismo, pastoral das consciências e poder, que estará disposto como horizonte daquilo que nos levará em grande medida ao golpe de 2016 e, posteriormente, ao neofascismo bolsonarista (Borges, 2022). Este contexto propiciou a falta de apoio no Congresso Nacional, por parte dos evangélicos e militares, e da classe média, a presidente Dilma culminou com dificuldades para manter alianças, enfraquecendo, assim, sua governabilidade.

Em comunhão com a parte que corresponde ao seu passado conservador, nazista, fascista, apoiador da ditadura, Santa Catarina manteve sua tradição de apoiar a extrema-direita as eleições a partir de 2014, cujos principais candidatos

⁹⁹ Entrevista concedida ao G1, em 2020. Disponível:

<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2020/eleicao-em-numeros/noticia/2020/10/01/mais-de-87-mil-candidatos-adotam-titulos-religiosos-no-nome-de-urna.ghtml> Acesso: 01/08/2024.

¹⁰⁰ VASCONCELOS, Fábio. G1. Eleições 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2020/eleicao-em-numeros/noticia/2020/10/01/mais-de-87-mil-candidatos-adotam-titulos-religiosos-no-nome-de-urna.ghtml>. Acesso: 02/02/2024.

eram Dilma Rousseff (PT) e Aécio Neves (PSDB). Segundo os dados do TSE, na contagem geral do primeiro turno, Dilma Rousseff contabilizou 41,59% e Aécio Neves 33,55% dos votos. Porém, dos catarinenses, Aécio Neves obteve 52,89% enquanto Dilma contabilizou apenas 30,76%. No segundo turno a candidata do PT venceu a eleição com 51,64% e seu concorrente ficando com 48,36%. Em ambos os turnos, Santa Catarina registrou o menor índice de votos de todos os estados da federação para Dilma Rousseff, enquanto Aécio Neves, representante da direita, registrou o maior índice.

A derrota apertada da candidatura oposicionista tornou explícito o (res)surgimento de uma direita extremada e autoritária, fenômeno que já havia aparecido embrionariamente em 2010 (num movimento ironicamente autoproclamado como de “defesa da democracia”), mas que desta feita foi mais longe em seus reclamos, reivindicando o impeachment da presidente recém-eleita e até mesmo a intervenção militar (Couto, 2014, p. 22-23).

Com o não reconhecimento da vitória de Dilma, a direita proporcionou a despolitização e descrença na política institucional, na democracia brasileira, colocando a população, principalmente seus eleitores, na direção perfeita para a ascensão do neofascismo global (Borgis, 2022). O candidato derrotado, o senador Aécio Neves (PSDB-MG), durante uma entrevista ao jornalista Roberto D'Ávila, da GloboNews,¹⁰¹ publicado em 29/11/2014, afirmou que não perdeu para um partido político, mas para uma “organização criminosa” que atua em diferentes empresas ligadas ao governo da presidenta Dilma Rousseff (PT). No dia 01/12/2014, o G1 publica: “Aécio Neves afirmou que não retira nada do que disse em relação à declaração dada no último sábado (29) em entrevista no programa de Roberto D'Avila, na GloboNews.”¹⁰² Formalizando, assim, sua característica fascista em não respeitar o resultado das urnas, da escolha da sociedade.

Na contramão da postura de Aécio Neves, numa tentativa de realizar uma coalizão com seus rivais, a presidente reeleita cogitou colocar Kátia Abreu para o Ministério da Agricultura e Joaquim Levy no Ministério da Fazenda, gerando uma série de desconfortos entre aqueles que a apoiaram durante a campanha. Segundo o manifesto, publicado no final de novembro de 2014, redigido pelo economista Luiz

¹⁰¹ GloboNews. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/eu-perdi-eleicao-para-uma-organizacao-criminosa-diz-aecio-neves-14703942>. Acesso: 02/02/2024.

¹⁰² G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2014/12/aecio-afirma-que-nao-retira-o-que-disse-sobre-organizacao-criminosa.html>. Acesso: 02/02/2024.

Gonzaga Belluzzo, pelo teólogo Leonardo Boff, pelo ex-porta-voz do ex-presidente Lula André Singer, pelo MST, entre outros¹⁰³, a escolha desses nomes representaria “uma regressão da agenda vitoriosa das urnas” e uma mudança radical à direita por parte de Dilma. “Ambos são conhecidos pela solução conservadora e excludente do problema fiscal e pela defesa sistemática dos latifundiários contra o meio ambiente e os direitos de trabalhadores e comunidades indígenas”.

Ainda em 2014 a Polícia Federal do Brasil, através da Operação Lava Jato, liderado por Sérgio Moro, juiz titular da 13ª Vara Criminal Federal de Curitiba, através de suas inconsistências jurídicas direcionadas por objetivos políticos, objetivou a prisão de Lula. Assim, Sérgio Moro tornou-se símbolo do combate à corrupção e o PT sinônimo de todos os problemas que assolam o Brasil, impulsionando uma aversão social à esquerda, em geral, abrindo espaço para a consolidação do extremismo conservador.

No final de 2015, diante da acusação de crime de responsabilidade (pedalada fiscal), foi protocolado o processo de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, pelo então presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Consentino da Cunha — membro da chamada “bancada evangélica”. A partir desse momento uma série de manifestações pró-impeachment foram orquestradas. A maior delas aconteceu em março de 2016, com pelo menos três milhões de pessoas (Gonçalves, 2023) em agosto do mesmo ano finalizou processo pode ser tido como golpe parlamentar (Avritzer, 2018). A perda de força da esquerda brasileira pode ser diagnosticada na eleição presidencial após dois anos do golpe.

Em 2018 os principais candidatos à presidência do Brasil eram Fernando Haddad (PT) e Jair Bolsonaro (PSL). No primeiro turno, na contagem geral, o representante da extrema-direita ficou com 43,08% dos votos, enquanto Fernando Haddad com apenas 29,28%. O estado de Santa Catarina contribuiu com 65,82% para Jair Bolsonaro, tendo o maior índice de votos de todos os estados, e Fernando Haddad, com apenas 15,13%, com o menor índice de todos os estados. No segundo turno, Bolsonaro venceu as eleições com 55,13% dos votos e seu concorrente com 44,87%. Desse montante, Santa Catarina participou com o maior índice da

¹⁰³ UOL. Congresso em Foco. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/projeto-bula/reportagem/intelectuais-e-ativistas-criticam-dilma-por-katia-e-levy/>. Acesso: 02/02/2024.

federação com 75,92% dos votos para Bolsonaro e apenas 24,08% para Fernando Haddad, a segunda menor quantidade de votos, perdendo apenas para o Acre, que obteve 22,78% dos votos.¹⁰⁴

O governo de Bolsonaro (2019 a 2022) foi marcado pela premissa de combater a corrupção, reduzir a burocracia e promover reformas econômicas liberais. No entanto, sua administração foi marcada por controvérsias em várias frentes. Na política ambiental houve aumento do desmatamento na Amazônia, atribuindo a responsabilidade a fatores naturais ou a práticas tradicionais de agricultura, ao invés de reconhecer o impacto das atividades ilegais como o desmatamento e a mineração. Durante a pandemia da COVID-19 minimizou a gravidade do vírus, promoveu tratamentos sem eficácia comprovada (uso da cloroquina) e criticou medidas de isolamento social, priorizando a questão econômica em detrimento da vida das pessoas. Na esfera social e de direitos humanos, o governo foi acusado de promover políticas que marginalizavam minorias, incluindo populações indígenas e LGBTQIA+, e internacionalmente, se aproximou dos Estados Unidos durante a administração Trump, enquanto se distanciava de tradicionais aliados latino-americanos e europeus (Gonçalves, 2023).

É neste contexto histórico que o *black metal* sentirá a maior ruptura entre os participantes da cena do metal catarinense. Antigos amigos de shows, integrantes da mesma banda rompem ligações e um novo cenário começa aparecer com mais frequência e tomar forma: o Nacional-Socialista (NSBM). Assim como nos EUA e Europa, agora esse grupo passa a ter representação política e, cada vez mais, sente-se empoderado para expor e agir conforme seu ideal higienista, anticomunista, militarista, xenófobo e antidemocrático, em todas as regiões de Santa Catarina. A expectativa do projeto “Anticorrupção” promovido pela direita, alimentado pela crise econômica e desemprego (oriundos da crise global capitalista), amplamente divulgado pela mídia, tem agora seu inimigo mortal: a esquerda, materializada na figura do Lula e na sigla PT.

Aos poucos discursos de ódio às minorias passam a ser comuns nas redes sociais, uso de camisetas de bandas declaradamente racistas passam a ser vendidas com frequência e usadas em inúmeros lugares e eventos. Conforme a

¹⁰⁴ Fonte: TSE.

polícia federal rastreia os nazistas na internet, os editores de materiais NS retornam à produção de zines, divulgando shows, entrevistas e conteúdos nazistas. O orgulho branco europeu, o negacionismo do holocausto, o projeto separatista (O Sul é Meu País) e o sentimento de que todo problema social causado pelos “de fora” tomam cada vez mais espaço nas conversas cotidianas e postagens nas redes sociais¹⁰⁵.

Assim, Jair Bolsonaro, homem branco, de ascendência europeia, cristão, nacionalista, militar que defende a volta da ditadura, aparentemente heterossexual, com valores cristãos, foi eleito herói pelo NSBM para salvar o Brasil da corrupção e da crise financeira, discutida anteriormente. Definitivamente, o *black metal* catarinense se dividiu. Na afirmação de Karina¹⁰⁶:

O Bolsonaro foi o maior gatilho, foi através dele que a galera do Metal se dividiu. Muitas bandas começaram a se posicionar e foram aos poucos se separando. Para mim, foi ótimo se separar. Hoje em dia eu nem quero papo com quem é de esquerda, não sou mais sociável com quem não é de direita. Nós ainda vivemos um período bom nos anos de 1990 com nossos pais conservadores, agora estamos vivendo uma bizarrice de esquerda que ... Tenho duas filhas, como vou explicar para elas essa bizarrice de “todes” (sic), de vitimismo com raça, para mim é inviável eu viver qualquer tipo de conceito de esquerda.

Não há como equacionar numericamente o número de NSBM na cena do metal catarinense. Porém, segundo Larissa Meurer, Guilherme Thielen e Márcio Gomes¹⁰⁷, que participam da cena do Metal há mais de quinze anos, vários roqueiros da vanguarda progressista e os que já eram da linhagem NS, diante do desemprego e da corrupção atribuída politicamente ao PT, viram em Jair Bolsonaro a possibilidade de uma melhora para o país. Ao serem questionados “Os NS são a maioria?”, a resposta foi “Sim”. As entrevistas, o material produzido por bandas, a visão política publicada das redes sociais (Facebook, Instagram e Telegram), como demonstrado no segundo capítulo, estão em consonância com as movimentações políticas contra a esquerda desde 2010, apoio ao Aécio Neves em 2014, ao golpe de 2016 e a eleição de Jair Bolsonaro em 2018. Agora vale destacar que a crise econômica internacional, causada pelos EUA, e os casos de corrupção, como citado, são duas coisas distintas que os NS compreendem como se fossem um único fenômeno. Ou seja, tanto a crise econômica quanto a corrupção, para os NS, têm um culpado: PT.

¹⁰⁵ No segundo capítulo é citado vários exemplos.

¹⁰⁶ Uma das pessoas que concedeu entrevista.

¹⁰⁷ Participantes do black metal catarinense que concederam entrevistas.

A história catarinense está relacionada a um conjunto de contribuições nazifascistas ao longo de sua existência. Entre os séculos XIX e XX o governo nacional preferiu a imigração branca europeia em detrimento das diferentes etnias que já estavam no Brasil para povoar e desenvolver a agricultura. Acolheu o regime nazista em sua região na primeira metade do século XX (Diertrich, 2014), participou de movimentos em prol da ditadura (Fáveri, 2024) como a “Marcha da Família com Deus pela Liberdade”, em abril de 1964, e a Operação Barriga Verde (1975 - 1977).

Na atualidade Santa Catarina não se desvinculou completamente desse passado. E a aproximação com a extrema-direita parece estar presente em diferentes espaços e situações: Há centenas de núcleos nazistas ativos nessa região (Adriana Dias, 2007); esporadicamente publicado algum professor defendendo Hitler¹⁰⁸; pelo prédio da secretaria de Educação de Dona Emma, num pequeno município catarinense, onde o visitante depara com fotos históricas contendo bandeiras de suástica nazista¹⁰⁹; pela câmara de vereadores de São Miguel do Oeste que cassou o mandato de Maria Tereza Capra por denunciar manifestação neonazista em novembro de 2022.¹¹⁰ Todos esses sintomas são compilados através das eleições, em que políticos como Jair Bolsonaro e Ana Caroline Campagnolo, recebem significados votos da população.

Parte do *black metal* catarinense está inserido nesse ideário. Entre 1990 e 2022, houve um crescimento vertiginoso, principalmente a partir de 2014, de bandas, apreciadores, que pactuam com as situações acima citadas.

¹⁰⁸ G1. Disponível em:

<https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2022/11/04/professor-de-historia-de-escola-publica-de-s-c-que-elogiou-nazismo-na-web-e-afastado.ghtml>. Acesso: 02/06/2024.

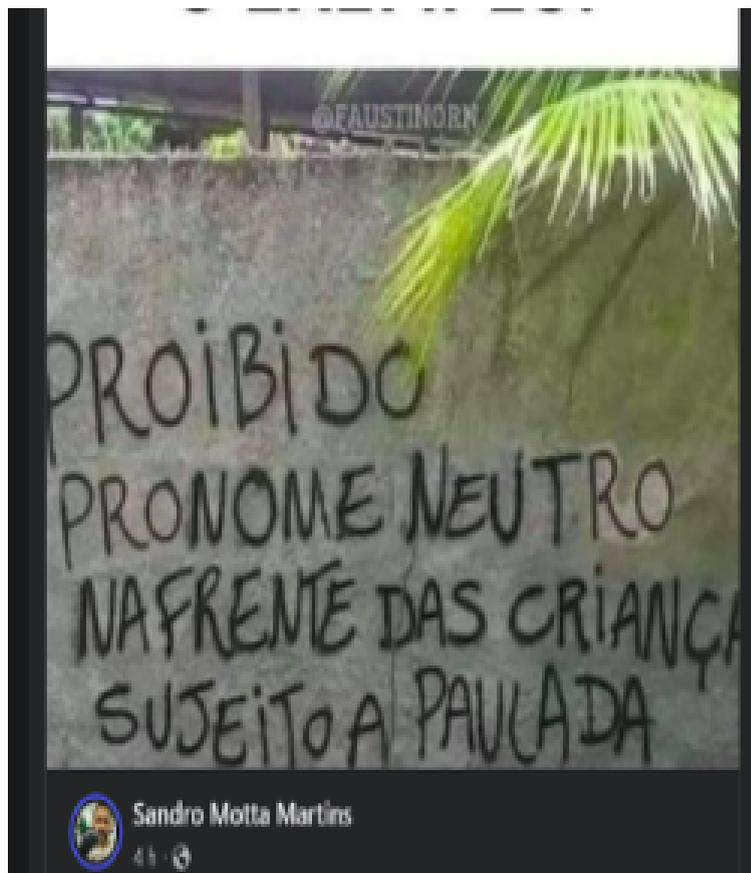
¹⁰⁹ Pública. Disponível em:

https://apublica.org/2023/05/secretaria-de-educacao-em-cidade-de-santa-catarina-exibe-simbolos-nazistas/#_. Acesso: 02/06/2024.

¹¹⁰ Instituto Humanitas Unisinos. Disponível em:

<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/626083-a-violencia-politica-tem-genero-diz-vereadora-cassada-em-sc-por-denunciar-saudacao-nazista>. Acesso: 24/25/2024.

Figura 24: Homofobia nas redes sociais



Fonte: Karina Duffeck - Facebook

Esta publicação pública, feita no contexto da eleição de 2018, é apenas uma, entre outras já publicadas nesta pesquisa, que testificam a proliferação do ódio à diversidade, o fascismo, na cena do Metal catarinense. Passado seis anos desta postagem o sentimento de repúdio pelas ideias progressistas continuam:

Tem pessoas que deixam de ir em festival porque tem bandas que a galera sabe que é de esquerda, eu sou uma delas. Até mesmo em eventos de bandas misturadas pode dar briga, conflito, prefiro ficar em casa. Ou separa tudo, ou só prestigiarei as bandas gringas mesmo. Aqui no Metal catarinense tem muitas bandas de direita, mas também tem as de esquerda, para mim tem mais é que separar mesmo.¹¹¹

A questão que fica é: O que os NS esperam de Bolsonaro? Existe algum tipo de resistência por parte dos roqueiros progressistas? Caso tenha, como isso se materializa? Essas são algumas perguntas que serão respondidas no próximo tópico.

¹¹¹ Entrevista concedida ao pesquisador.

3.2 (DES) MESSIANISMO DE BOLSONARO

Neste subtópico será apresentado o contexto histórico bolsonarista, cujas características se relacionam com a tradição fascista em Santa Catarina. O ex-capitão do exército Jair Messias Bolsonaro inicia sua vida como político ao assumir a cadeira de vereador na cidade do Rio de Janeiro, em 1989, pelo Partido Democrata Cristão (PDC). Em 1990 foi eleito como deputado federal pelo estado do Rio de Janeiro, primeiro de oito mandatos consecutivos (1991 a 2018). Nesse período, transitou por oito partidos, indicando que “fidelidade partidária não é uma marca de sua trajetória na política institucional” (Simões; Silva, 2022, p.64). Em 1º de janeiro de 2019 assumiu a presidência da república, mantendo como referência um discurso conservador. Dez meses depois rompe com o PSL e, após dois anos sem partido, se filiou ao Partido Liberal (PL). Durante seu mandato, aparelhou o governo federal com militares, em sua maioria generais do Exército formados durante a ditadura civil-militar (Guimarães, 2022). “O caminho entre o mandato de vereador e o mais alto cargo do Executivo do país foi dedicado à construção da ideia de ‘mito’ que o alçou à vitória na disputa presidencial de 2018” (Sousa, 2019, p. 8).

Como deputado e presidenciável, Bolsonaro tirou proveito da insatisfação popular com políticos de prestígio, como PT e PSDB, principalmente após os protestos de junho de 2013 (Simões e Silva, 2022), contra Dilma Rousseff. O aumento da desconfiança nas instituições públicas, promovida pela mídia que retratou o cenário político marcado por sucessivos escândalos de corrupção e clientelismo, proporcionou um desafeto da população pelo governo petista (Guimarães, 2022; Bello, 2019). Esse público, segundo Cioccarri e Persichetti (2019), foi alvo da campanha de Bolsonaro em 2018. Tendo como lema “Brasil acima de tudo. Deus acima de todos”, um compilado dos “valores de família, nacionalismo e cristianismo”, com base na estrutura do sentimento nacionalista, mas em contradição econômica como a privatização de estatais e declarações de alinhamento aos interesses dos Estados Unidos (Cioccarri e Persichetti, 2019). Neste ponto o passado integralista catarinense se depara com os valores de Bolsonaro. O lema usado entre os integralistas catarinenses era “Deus, Pátria e Família”. Este enfatiza a importância da religião, da nação e da estrutura familiar como base central da sociedade. Essa tríade servia para mobilizar e unir os simpatizantes do

movimento, promovendo uma visão de mundo que valorizava a ordem, a moralidade e a identidade nacional (Zanelatto, 2011). Nos anos de 1930 os jornais integralistas serviram como plataformas para informar a população sobre as atividades da AIB, tanto referente aos seus eventos, quanto na propagação de sua doutrina. Isso não apenas ajudou a mobilizar simpatizantes, mas também a criar um senso de comunidade entre os membros do movimento. A ideia central da mídia era construir uma narrativa em torno do Integralismo, apresentando-o como uma solução para os problemas sociais e políticos da época. Essa construção de imagem foi crucial para ganhar a aceitação popular (Zanelatto, 2011).

Nesse contexto, em 2018, o deputado da extrema-direita participou de várias entrevistas e participações de programas de TV para expor suas ideias ao grande público. No extinto programa CQC, no quadro "O povo quer saber", exibido pela TV Bandeirantes,¹¹² Bolsonaro respondeu com bastante clareza as questões dos participantes, permitindo que os expectadores contemplassem a narrativa do então deputado sobre homossexualidade, racismo e a ascensão acadêmica de cotistas. Questionado se participaria de um desfile gay, caso fosse convidado, respondeu: "Não. Porque não participo de promover os maus costumes." Desrespeitando a comunidade LGBTQI+.

Em relação aos graduados por meio das políticas de afirmações afirmativas, afirmou, pausadamente, que não aceitaria ser operado por um cotista e não entraria num avião pilotado por um (cotista). Entre as pessoas que lhe fizeram perguntas estava a cantora Preta Gil, que perguntou como reagiria se um de seus filhos se apaixonasse por uma mulher negra: "Eu não corro esse risco. Meus filhos foram muito bem-educados e não viveram em um ambiente como, lamentavelmente, é o seu." Tal resposta racista lhe rendeu um processo. Em 2015, a magistrada Luciana Santos Teixeira, da 6ª Vara Cível do Fórum de Madureira, no Rio de Janeiro, o sentenciou a pagar cento e cinquenta mil reais por danos morais ao Fundo de Defesa dos Direitos Difusos (FDDD), do Ministério da Justiça, que, segundo o G1¹¹³, declarou: "Não se pode deliberadamente agredir e humilhar, ignorando-se os

¹¹² Canal CQC Blog. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HyaqwdYOzQk&t=235s>. Acesso: 15/09/2024.

¹¹³ G1. G1 do Rio. Disponível em: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/04/bolsonaro-e-condenado-pagar-r-150-mil-por-declaracoes-homofobicas.html>. Acesso: 15/09/2024.

princípios da igualdade e isonomia, com base na invocação à liberdade de expressão. Nosso Código Civil consagra expressamente a figura do abuso do direito como ilícito civil (art. 187 do Código Civil), sendo esta claramente a hipótese dos autos. O réu praticou ilícito civil em cristalino abuso ao seu direito de liberdade de expressão”. A imunidade parlamentar, alegado pelo deputado, não se aplica neste caso, pois “Em que pese o réu ter sido identificado no programa televisivo como deputado, suas declarações foram a respeito de seus sentimentos como cidadão, tiveram cunho pessoal – e não institucional”, concluiu a juíza.

Ao mesmo modelo, seguindo a cartilha dos integralistas, Bolsonaro utilizou, deliberadamente, das redes sociais para se promover a partir de notícias falsas e de negacionismos diversos (Guimarães, 2022, p.55), garantiu o apoio de dois blocos de eleitores: antipetistas; e aqueles que acreditaram em suas propostas, a “nova política” (Pereira et al. 2020). O PSL utilizou empresas especializadas em disparo em massa de mensagens, especialmente via *WhatsApp*, para disseminar suas ideias e campanhas. Essa prática foi controversa e levantou questões sobre a legalidade e a ética do financiamento e da comunicação eleitoral. Embora a proibição de doações empresariais tenha sido implementada, o PSL conseguiu contornar essas restrições por doações de pessoas físicas. Isso permitiu que o partido mantivesse um fluxo de recursos financeiros, utilizados para financiar campanhas e ações de comunicação nas redes sociais (Mayer; Dias; 2018). O componente midiático, principalmente o *WhatsApp*, se tornou território para investimento nas campanhas da extrema-direita, por grandes corporações, como a RM Filmes e Publicidade, que recebeu R\$ 10 milhões e à Magic Beans, recebeu R\$ 5 milhões para criação e monitoramento nas redes sociais da campanha.¹¹⁴ Mediante uma “narrativa mítica (e mística) que o retratou como o salvador da pátria, um herói, que luta contra os valores do mal em busca da redenção e da restituição da nação a uma idade de ouro” (Azevedo; Bianco, 2019, p. 22) Jair Bolsonaro vence as eleições de 2018.

No dia 25 de março de 2019, no início do governo Bolsonaro, Otávio Rêgo de Barros, o porta-voz da Presidência da República, declarou à imprensa que o

¹¹⁴ TELES, Kalo; SILVA, Brenda. CNN. Eleições 2022. Campanha de Bolsonaro ainda tem R\$ 55 milhões para gastar e a de Lula, R\$ 38 milhões. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/campanha-de-bolsonaro-ainda-tem-r-55-milhoes-para-gastar-e-a-de-lula-r-38-milhoes/>. Acesso: 06/12/2024.

presidente havia determinado que se realizassem as devidas comemorações ao dia 31 de março de 1964:

O presidente não considera trinta e um de março de 1964 golpe militar. Ele considera que a sociedade reunida e percebendo o perigo que o País estava vivenciando naquele momento, juntou-se civis e militares e nós conseguimos recuperar e recolocar o nosso País num rumo que, salvo melhor juízo, se isso não tivesse ocorrido, hoje nós teríamos um tipo de governo aqui que não seria bom para ninguém. E o nosso presidente já determinou ao Ministério da Defesa que faça as comemorações devidas com relação a 31 de março de 1964, incluindo uma ordem do dia patrocinada pelo Ministério da Defesa que já foi aprovada pelo nosso presidente. (BRASIL, 2019a)

Trata-se de uma atitude coerente, cujos valores e apreço pela ditadura sempre esteve presente em suas falas. Em 2016, como deputado federal pelo Rio de Janeiro, ao declarar seu voto favorável à abertura do *impeachment* da presidente petista, homenageou ex-chefe do centro de tortura do DOI-Codi Brilhante Ustra: "Pela memória do Coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff". Em agosto de 2019, após almoçar com Maria Joséfa Silva Brilhante Ustra, viúva de Ustra, concedeu entrevista evocando o chefe do DOI-Codi durante a ditadura militar, é um "Herói nacional."¹¹⁵

Com um ano de governo, o recém-eleito Presidente da República, não teve tempo suficiente para colocar em prática suas propostas de Reforma apresentadas durante a campanha eleitoral (Gonde e Oliveira, 2022). O insucesso no Congresso Nacional foi atribuído a obstruções por parte do Legislativo e do Judiciário (De Sá e Evangelista, 2021) e a chegada da crise pandêmica, que potencializou o clima de tensão governamental (Gonde; Oliveira, 2022).

Articulando um discurso conservador, agressivo e negacionista da pandemia, desprezando as análises da ONU e da OMS, conduta que será chamada de "neofascismo brasileiro", por Piovezani (2020), Bolsonaro incorporou os mesmos posicionamentos de Donald Trump, presidente dos EUA, no período que demonstrou 'baixa capacidade de conduzir políticas públicas eficientes para o combate da COVID19 em território americano." (Gonde e Oliveira, 2022, p. 57). Essa atitude gerou o distanciamento de outros chefes de governo que tomaram medidas de isolamento social, como o *lockdowns*. Para evitar as consequências negativas da

¹¹⁵ Esses eventos foram amplamente divulgados pelas mídias eletrônicas e redes sociais. G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/08/08/bolsonaro-chama-coronel-ustra-de-heroi-nacional.ghtml>. Acesso: 10/092024.

economia (Pereira; Medeiros; Bertholini; 2020) o presidente brasileiro minimizou a gravidade do vírus, comparando a uma "gripezinha" e se opôs ao uso de máscaras e medidas de distanciamento social. Optou por recomendar a automedicação de remédios sem comprovação científica, como a cloroquina, negando os problemas da evolução da doença e do nível de contaminação (Hermich, 2020). Conforme Sérgio Schargel (2023, p.110), citando Federico Finchelstein: “não é coincidência que países governados por autoritários como Donald Trump e Jair Bolsonaro tenham figurado no topo da lista de mortes”. Os dados oficiais brasileiros contabilizaram mais de setecentas mil mortes,¹¹⁶ que poderiam ter sido evitadas, em parte, mediante políticas públicas.

As demissões de Luiz Henrique Mandetta (DEM), então Ministro da Saúde, durante a pandemia, e do ex-juiz e ex-Ministro da justiça Sérgio Moro, ambas em 2020, não tiveram boa repercussão social (Avritzer, 2020). A saída de Mandetta, somado com os infundáveis discursos de ódio, anti-ciência, anti-vida, proporcionou a primeira grande perda da base de apoio político. A figura de Sérgio Moro, ex-juiz da Lava-Jato, contribuía para a criação de uma imagem de justiça e ética do presidente (Avritzer, 2020).

Para além da incapacidade administrativa, Bolsonaro demonstrou em inúmeros momentos de insensibilidade com a morte de pessoas devido à pandemia. No dia 20 de abril de 2020, interrompeu um repórter que lhe perguntou sobre o que ele achava sobre o número de 2.575 mortes registradas dizendo: “Eu não sou coveiro, tá certo?”¹¹⁷. No final de 2020, ao chegar ao Palácio da Alvorada com seus apoiadores, ridicularizou quem contraiu Covid com piada homofóbica: "Estou com Covid", e ri.¹¹⁸ Em 22 de janeiro de 2022, enquanto o Ministério da Saúde retardava a liberação da vacina, ao ser questionado sobre a vacinação de crianças Yanomami, respondeu que o número de mortes na faixa etária de 5 a 11 anos era “insignificante” (Senado Federal, 2021). Segundo Paula e Lopes (2020, p.68) referindo-se ao Bolsonaro, afirma que “a *práxis* política de seu governo é marcada pelo ideário

¹¹⁶ Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso: 01/09/2024.

¹¹⁷ Todos esses fatos foram amplamente divulgados pelas mídias eletrônicas, entre elas a Veja. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/maquiavel/sete-vezes-em-que-bolsonaro-foi-insensivel-ao-comentar-mortes-por-covid-19>. Acesso: 01/09/2024.

¹¹⁸ G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/08/22/bolsonaro-imitou-paciente-com-falta-de-ar-durante-transmissoes-ao-vivo-na-internet-em-2021.ghtml>. Acesso: 01/09/2024.

eugenista do controle social, racial e genérico, calcada na crença em uma superioridade”.

Em relação aos indígenas, durante a campanha eleitoral de 2018, Bolsonaro afirmou que, caso eleito, acabaria com o que ele categorizou de “ativismo ambiental xiita” e com a “indústria de demarcação de terras indígenas”. Reafirmou que anexaria os Ministérios do Meio Ambiente e da Agricultura, e ainda atacou os fiscais do ICMBio (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade) e do Ibama sobre as emissões de multas ambientais. Sugeriu que mudaria a legislação para proteger indivíduos que cometem crimes¹¹⁹. Logo após vencer a eleição, comparou os indígenas que vivem em demarcações feitas pelo governo a animais em zoológicos e vai além: “Não pode usar a situação do índio para demarcar essa enormidade de terras que poderão ser novos países no futuro. Por exemplo, a reserva lanomâmi, duas vezes maior que o estado do Rio de Janeiro, para talvez 9 mil índios?”¹²⁰

Em nenhuma circunstância e sob nenhum pretexto, o discurso de um parlamentar – que não fala por si e nem apenas por seus eleitores, mas por toda a sociedade – pode contrastar os fundamentos e objetivos da República, valores imprescindíveis a um Estado Democrático de Direito, tais como a dignidade da pessoa humana (artigo 2º, III, da Constituição) e a erradicação de preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação (artigo 3º, IV, da Constituição), notadamente aqueles que impliquem ataques discriminatórios a setores sociais historicamente vulneráveis (Macedo; Affonso, 2014).¹²¹

A manifestação de pensamentos constantemente enfrenta normas estabelecidas, gerando desentendimentos entre diferentes gerações e classes sociais. Somente assim que algumas minorias, ao longo da história, conseguiram se destacar no espaço público e expandir seus direitos. Porém, a liberdade de expressão não é ilimitada e precisa ser equilibrada com outros direitos que também são importantes (Nascimento; Neves, 2017).

¹¹⁹ Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/bolsonaro-diz-que-pretende-acabarcom-ativismo-ambiental-xiita-se-for-presidente.shtml>. Acesso: 18/09/2024.

¹²⁰ O Globo. Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/brasil/bolsonaro-compara-indios-em-reservas-animais-em-zoologicos-23272902>. Acesso: 02/09/2024.

¹²¹

Estadão. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/blog-do-fausto-macedo/juizes-repudiam-discurso-de-odio-de-bolsonaro/>. Acesso em: 20 mar. 2024.

Essas inquietações, entre outras, fizeram que uma parcela da sociedade, então aliada ao presidente, tomasse outras direções políticas, desintegrando o padrão bimodal, característico de cenários polarizados (Bello, 2019). Ou seja, diante do medo da própria morte e de seus entes queridos, a pandemia pode ter reposicionado o eixo principal da polarização entre os que se identificam como de direita e centro-direita para além do antagonismo direto com a esquerda (Pereira; Medeiros; Bertholini; 2020, p. 957).

Devido ao descompasso com diferentes setores da sociedade, no dia 7 de setembro de 2021, foi realizado um ato nacional em prol do presidente. Bolsonaro discursou fazendo vários ataques diretos ao Supremo Tribunal Federal (STF), Alexandre de Moraes, e ao ministro Luís Roberto Barroso, presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE). O presidente chamou o primeiro de "canalha" e sugeriu que ele deveria "deixar de oprimir o povo brasileiro". Afirmou que não cumpriria mais decisões de Moraes, incitando a desobediência às ordens judiciais. Em relação ao processo eleitoral, sem apresentar provas, afirmou que não era seguro e confiável, minando a credibilidade das instituições eleitorais (Simões; Silva, 2022). O presidente, que venceu todas as eleições para deputado federal, nunca questionou a confiabilidade das urnas eletrônicas. Assim, por qual motivo estaria desconfiando do sistema eletrônico? Seria um prelúdio de uma estratégia para legitimar um golpe de Estado, como manifestado em diversas vezes ao longo de sua trajetória como deputado¹²²? A mentira como padrão de verdade não é exclusiva dos equivalentes contemporâneos dos movimentos fascistas do passado, mas é uma característica essencial dessa ideologia. A distorção chega ao ponto onde o próprio mentiroso passa a acreditar na falsa verdade que cria (Schargel, S. 2023, p. 111).

¹²² Em 1993, no primeiro mandato, durante uma declaração pública, Bolsonaro afirmou "Há leis demais que atrapalham. Num regime de exceção, o chefe, que não precisa ser um militar, pega uma caneta e risca a lei que está atrapalhando. Ver em O Globo. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/blog-do-acervo/post/em-primeiro-mandato-como-deputado-bolsonaro-defende-regime-de-excecao-e-congelamento-do-congresso.html>. Acesso em: 20/09/2024.

Figura 25: Ato pró-Bolsonaro em 7 de setembro de 2021 - Salvador-BA



Fonte: G1.

Inspiradas pela influência do presidente, muitas pessoas compareceram ao evento caracterizadas com camisetas da seleção brasileira de futebol. Portando cartazes e inúmeras faixas, pediam a intervenção militar, a criminalização do comunismo e a adoção de uma nova Constituição. “Presidente, coloque todos esses vagabundos na cadeia. Começando pelo STF!!!” e “O resto da limpeza é com o voto impresso”, também foi registrado. Em Salvador, um dos trios elétricos que protagonizaram o protesto exibia uma faixa em português e inglês: “Bolsonaro e Forças Armadas salvem a democracia”. A outra: “Bolsonaro e Forças Armadas, nos libertem do comunismo”, solicitando a intervenção militar (SIMÕES; SILVA, 2022). Paradoxalmente, as pessoas que pediam a intervenção militar, a volta da ditadura, são as mesmas que não respeitavam a Lei 14019, de 8 de setembro de 2020, que estabelecia o uso obrigatório de máscara e distanciamento necessário entre as pessoas.¹²³

Em Santa Catarina houve manifestações em diferentes regiões. Na capital, Florianópolis, os bolsonaristas se concentraram no Trapiche da Beira-mar e

¹²³ A Lei 14019, de 8 de setembro de 2020. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/14019.htm#:~:text=1%C2%BA%20Esta%20Lei%20altera%20a,assepsia%20de%20locais%20de%20acesso. Acesso: 21/09/2024.

ocuparam a avenida nos dois sentidos para caminharem. As características desses eventos estão próximas das ações fascistas (integralistas) dos anos de 1930. Eram caracterizados por um forte simbolismo, com a presença de bandeiras, uniformes e a exibição de lemas inspirados nos integralistas, como "Deus, Pátria e Família". Serviam não apenas como uma forma de demonstração de apoio, mas também como uma estratégia para atrair novos adeptos e consolidar a presença do integralismo na sociedade catarinense (Zanelatto, 2011). Para Zanelatto (2011) esse tipo de movimentação é uma forma de afirmar a identidade integralista (fascista) e de se opor aos grupos políticos dominantes da época.

Figura 26: Manifestação pró-Bolsonaro em Florianópolis–SC.



Fonte: G1.

Como demonstrado por Piovezani (2020), o uso constante do inglês entre apoiadores da extrema-direita em suas manifestações tem sido uma estratégia para se conectar internacionalmente. Porém, o francês também aparece em algumas

manifestações¹²⁴. No interior catarinense foi usado caminhões, tratores e carros para bloquear as rodovias. Alguns carregavam faixas defendendo pautas antidemocráticas contra o STF e o Congresso.

Os bolsonaristas têm seu presidente como uma figura (quase) messiânica, cuja liderança seria a única capaz de salvar o país de todos os problemas. Esse culto à personalidade é uma característica comum em regimes fascistas, onde o líder é visto como infalível. Júlia Guimarães (2022) referenciando Sônia de Meneses (2020), através do texto “Bolsonarismo: um problema ‘de verdade’ para a história”, afirma que Bolsonaro “Criou um exército de militantes nas redes dispostos a potencializar qualquer uma de suas afirmações, e esses têm atuado para desqualificar e desacreditar qualquer tipo de mediação ou autoridade que se contraponha às suas ações.” (Meneses, 2020, p. 53).

Em Santa Catarina, na esfera legislativa, alguns deputados bolsonaristas, alinhados com o passado fascista, impedem o avanço de leis que promovem a diversidade. A proposta de lei para a proibição da linguagem neutra em Santa Catarina foi apresentada em 19 de novembro de 2020. Porém, os opositores catarinenses, Jair Miotto - deputado estadual pelo Partido União Brasil, Jessé Lopes - Deputado estadual pelo Partido Liberal, e Ana Caroline Campagnolo - Deputada estadual pelo Partido Liberal, estão envolvidos no debate sobre a proibição da linguagem neutra. Segundo a pesquisa de Inaê Label Barbosa (2023), esses deputados argumentam que, apesar da linguagem neutra se propor ser inclusiva, na prática, pode excluir grupos que não a compreendem ou que não estão familiarizados com ela. As pessoas com deficiência, por exemplo, por ter dificuldades de compreensão, poderiam ter a acreditar que estão sendo marginalizadas por essa forma de comunicação, contradizendo a proposta de inclusão. Outro ponto apresentado é que a linguagem neutra é vista como uma tentativa de impor uma nova forma de comunicação que não é amplamente aceita ou legitimada pela sociedade. Isso significa que, em vez de ser uma evolução natural da língua, a linguagem neutra é percebida como uma imposição ideológica

¹²⁴ Disponível em:

<https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/09/07/manifestantes-fazem-atos-a-favor-de-bolsonaro-no-7-de-setembro.ghtml>. Acesso: 20/09/2024.

(da esquerda) que não considera as práticas linguísticas já estabelecidas e aceitas pela maioria das pessoas.

Assim, o desprezo por aqueles que eram vistos como diferentes incluía não apenas grupos étnicos que não se encaixavam no perfil idealizado pelos fascistas do passado, os integralistas, mas também pessoas que defendiam ideologias opostas, como o comunismo e o socialismo (Zanelatto, 2011). Essa pauta se posicionava como uma força de resistência contra essas ideologias progressistas, o que muitas vezes resultava em hostilidade e marginalização de indivíduos e grupos que não compartilhavam de suas crenças e valores.

Se por um lado há uma parcela da sociedade que o apoia incondicionalmente, por outro, diferentes setores questionam o teor autoritário e violento na sua face pública (Simões; Silva, 2022). Ainda no dia sete de setembro de 2021, João Agripino da Costa Dória (PSDB), o então governador de São Paulo, reagiu negativamente ao discurso de Bolsonaro: "Minha posição é pelo *impeachment* do presidente Jair Bolsonaro — depois do que ouvi hoje, ele afrontar claramente a Constituição."¹²⁵ Porém, Dória não foi o único representante da direita a se manifestar contra o presidente. A então deputada Joice Hasselmann (PSL-SP) postou no Twitter que sentiu vergonha ao ver pessoas usando as cores da bandeira do Brasil e cantando o hino nacional "Em apoio a um insano que ocupa a presidência transforma o 7 de setembro em dia de ameaça à democracia brasileira".¹²⁶

No campo social, em especial na cena black metal catarinense, apesar da maioria, como demonstrado no segundo capítulo, ter apreço irrestrito a direita e suas extremidades, também é formada por pessoas e bandas que sempre defenderam um governo democrático e progressista. Esses demonstram através de sua arte e posicionamento político o desejo de uma sociedade democrática e justa.

¹²⁵ G1. Disponível em:

<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/09/07/bolsonaro-afronta-a-democracia-diz-doria-ao-se-manifestar-pelo-impeachment-do-presidente.ghtml>. Acesso: 20/09/2024.

¹²⁶ Poder360. Disponível em:

<https://www.poder360.com.br/brasil/politicos-reagem-a-bolsonaro-e-atos-pro-governo-no-7-de-setembro/>. Acesso em: 25/09/2024.

Em sua página do Facebook, Liscovski, membro da banda Sangue Antigo e vocalista da banda Alocer, do Vale do Itajaí, publicou no dia 12 de fevereiro de 2016, em tom de desabafo, seu descontentamento sobre algumas pautas políticas que permeavam Santa Catarina: “Se retratarmos coisas referentes ao Sul do Brasil, é somente porque é nessa realidade que vivemos e abominamos qualquer ideia xenofóbica ou separatista. Pois, para nós, o *black metal* (sic) é feito justamente para lutar contra qualquer tipo de dogma imposto e tudo criado pelos simples mortais.” (Oliveira, 2016).

O sentimento xenófobo e separatista é percebido na região sul do estado. Diante de tal insatisfação, a banda Infernal War 666, de Lages, manifestou em 2017 seu descontentamento com o fascismo que tem tomado conta da cena catarinense.

Saudações aos verdadeiros guerreiros do Metal Negro! A Infernal War 666 é uma banda comprometida com os princípios do satanismo e há vinte anos está fortalecendo os pilares do Black Metal através de blasfêmias, ocultismo e heresia. Todos os discursos fascistas propagados pelos integrantes que tentaram fincar raízes na horda caíram por terra, assim como os mesmos. Portanto, somos convictos de que não precisamos de prostituição musical ou ideológica para manter o legado vivo. Existem bandas (e organizadores) que deixam se levar por discursos falaciosos e esquecem o verdadeiro significado da palavra liberdade. Estamos encerrando essa fase para darmos início a um novo ciclo de lutas contra toda a hipocrisia e opressão que vem se fortalecendo nesses últimos tempos através de práticas conservadoras. Faríamos dois últimos shows nessas próximas semanas, mas devido ao descaso que as bandas de Black Metal sofrem em festivais, sendo deixadas praticamente para entupir furo e não recebendo o respeito e reconhecimento que merecem, iremos encerrar nossa jornada em palco somente no Fear Fest em Porto Belo -SC. Não achando justo com a maioria da galera dividir o palco ou apoiar bandas separatistas ou Freak, que envergonham nosso cenário, optamos por não tocar no Frain' Hell e pedimos desculpas a todos os verdadeiros apoiadores da arte negra. Ass: Infernal War 666.

A banda Infernal War 666¹²⁷, que até 2017, usava sua página oficial do Facebook para divulgar seus trabalhos e participação em eventos. Porém, diante de uma insatisfação causada por fascistas na cena catarinense, sem citar nomes, foi a público repudiar ações fascistas, bandas separatistas “que envergonham nosso cenário”. Como forma de protesto, deixou de participar em determinados eventos para não dividir o palco com pessoas que defendem pautas fascistas.

Para o Brasil ter uma política saudável, comentou Luciano, que participa da cena do Metal catarinense desde os anos de 1990, vocalista das bandas Allost Rock

¹²⁷ Banda formada em 2003, na cidade de Lages-SC. As informações são da própria banda no Metal Archive. Disponível em: https://www.metal-archives.com/bands/Infernal_War_666/26027. Acesso: 10/10/2024.

Band, de São Miguel do Oeste, e Sagrav, de Chapecó, todas as pessoas de diferentes posições políticas deveriam ter suas opiniões ouvidas e respeitadas. O objetivo de Bolsonaro era claro: “Dividir a população entre ‘eles, os perfeitos’ e ‘nós’, seus inimigos que devemos ser combatidos”. Essa demonização de seus adversários políticos aumenta a divisão entre grupos de amigos e até familiares. “Antes era possível conversar com meus amigos roqueiros de direita. A gente sentava à mesa, tomávamos algo, conversávamos e discutíamos amigavelmente sobre política. Às vezes um até concordava com o outro em alguns aspectos.” A partir de 2014, com o “surgimento de Aécio Neves (PSDB)” e depois com a ascensão de Bolsonaro à presidência, a cena do Metal catarinense se dividiu completamente: “Uns quantos passaram a se identificar e a compor os NS, com a extrema-direita. Todos que admiram Varg, *Peste Noire*... se sentiram representados. Eu mesmo perdi vários amigos. Eu me recuso a tocar num show com bandas desse tipo.” Boicotar eventos cujo público ou bandas tenham preferências políticas que não respeitem a diversidade cultural é entendido como uma forma de resistência.

A vocalista Larissa Meurer, das bandas de *black metal* catarinense, *Spiritus Diaboli* e *Alocer*, ambas de grande prestígio nacional (Oliveira, 2016), tem demonstrado seu posicionamento político contra a extrema-direita em suas redes sociais durante o período eleitoral (2018). Em 26 de outubro de 2018, Larissa¹²⁸, compartilhou um vídeo com uma compilação de alguns momentos de uma entrevista do então presidenciável Jair Bolsonaro, concedida a Globo New¹²⁹, mostrando as diferentes dificuldades do candidato em responder questões relacionadas ao aumento do salário mínimo. Acrescenta-se a este cenário o absoluto desconhecimento das propostas de seu próprio ministro da economia, Paulo Guedes, como as possíveis formas de diminuir os impostos; e seu embaraço em responder sobre o aceite do auxílio moradia de R\$ 900 mil reais, sendo que o mesmo tem moradia em Brasília. Essa postagem pública gerou algum desconforto entre membros de sua lista de amigos, entre eles, Jefferson Laureth que lhe respondeu com conteúdo completamente aleatório: “Melhor mesmo estocar vento com ‘5 princípios católicos’ e desencarcerar presos”, obtendo resposta da Larissa:

¹²⁸ Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/profile/100002454250219/search/?q=perfil>. Acesso: 24/02/2024.. Acesso: 20/02/2024.

¹²⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/fernandohaddad/videos/770642973267313>. Acesso: 20/05/2022.

“Presta atenção na minha foto do perfil, sempre fui contra o PT, mas combater o fascismo pra (sic) mim não é uma escolha, faz parte dos meus princípios.” Jefferson Laureth, retruca: “Ai vc (sic) está se deixando levar por rótulos, dos verdadeiros fascistas...”, “Não. Minha posição é de acordo com o conhecimento de história /política e com todo o ódio que o candidato já propagou.”, respondeu Larissa.

As palavras de Luciano e Larissa vão ao encontro de Nascimento e Neves (2017), afirmando que

É essencial que o cidadão tenha a margem de liberdade necessária para exprimir o seu pensamento e as suas ideias, no diálogo entre a individualidade pessoal e a pluralidade dos semelhantes. A rede de relações humanas depende da capacidade do indivíduo de transpor a sua individualidade para a esfera política. (p.100).

Em nenhum momento os músicos Larissa e Luciano manifestaram apoio incondicional a favor da esquerda, direita ou a qualquer partido em específico. A questão central destacada é a necessidade de não permitir que aqueles que pensam diferente sejam punidos, penalizados ou vítimas de represálias.

Larissa vai além e anuncia que em 2018: “Foi a primeira vez que votei no PT, como oposição ao Bolsonaro. Não considero o Lula um santo inocente, mas considero a única opção atual para tirar a extrema-direita do poder. Ano que vem, após a posse, estarei criticando o Lula e cobrando as ações prometidas.” E enumera alguns que julga ser os principais pontos positivos das pautas petistas: 1) Governo que prioriza o combate à pobreza; 2) que investe em educação pública de qualidade; 3) incentiva a ciência; 4) O Brasil tem modelo mundial na eficácia de vacinação; 5) se preocupa com o meio ambiente; 6) se preocupa com a saúde pública, vendo como forma de prevenção à doença; 7) Presidente excelente orador, com carisma e boas relações internacionais com outros líderes e presidentes; e 8) Partido social-democrata, com ideias de centro-esquerda, não extremista. Ainda deixa claro seu receio de sofrer retaliações e denuncia uma prática de crime eleitoral em sua região: “Sei que a exposição desse *post* pode prejudicar a minha carreira profissional, pois moro num estado onde as pessoas estão sendo coagidas pelas empresas a votar no presidente dos empresários”.

Segundo Júlia Rohden, o “Ministério Público do Trabalho (MPT) em Santa Catarina e no Paraná registrou 82 denúncias de trabalhadores coagidos pelos

patrões a declarar voto a um candidato de preferência da empresa nas eleições deste ano (2018). A procuradora do Ministério Público do Trabalho de Santa Catarina, Márcia Cristina Kamei Lopez Aliaga, afirmou numa entrevista à jornalista Júlia Rohden que “não há denúncias semelhantes em eleições anteriores”, ou seja, diferentes empresas, para além da exploração da mão de obra, querem impor sua cartilha política aos seus funcionários. É como um retorno à Primeira República onde a prática do “Voto de Cabresto” era aceitável. Vale lembrar que segundo a Constituição Federal de 1988, no artigo 5º, parágrafo VIII diz “ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica, ou política”. O artigo 14º reforça que a “soberania popular será exercida pelo sufrágio universal e pelo voto direto e secreto, com valor igual a todos”. Em setembro de 2024, o Tribunal Regional do Trabalho da 12ª Região (TRT-SC) e o Ministério Público do Trabalho de Santa Catarina documentaram um acordo de cooperação técnica para combater o assédio eleitoral no ambiente de trabalho,¹³⁰ testificando a manutenção do assédio eleitoral como uma prática empresarial em Santa Catarina.

Atualmente, muitas bandas de *black metal* do estado, são formadas por pessoas mais velhas, acima de 40 anos, afirma Larissa. Por não se identificarem com o governo petista desde 2003 e devido aos escândalos de corrupção atribuídos ao PT, viram em Bolsonaro uma possibilidade de melhoria.

A sensação compartilhada de instabilidade política e econômica ocasionou não só o surgimento de um movimento repressivo e autoritário em relação aos novos processos de evolução social, principalmente com a possibilidade do desenvolvimento de discursos que destoam, na maioria das vezes, de concepções construídas socialmente por uma parcela dominante e conservadora. (Nascimento; Neves, 2017, p.98)

Para Larissa¹³¹, o medo criado pela mídia, a serviço da direita, referente a instabilidade que o Brasil ficaria caso o Lula vencesse, “igual a Venezuela”, tomou conta de Jaraguá do Sul e região. A ameaça de demitir quem abertamente votar na esquerda era uma das ferramentas encontradas pela extrema-direita para conseguir votos. A apropriação do símbolo da bandeira brasileira, o nacionalismo e os discursos de ódio do presidente Bolsonaro estimularam pessoas do *underground* a

¹³⁰ Disponível em:

<https://portal.trt12.jus.br/noticias/trt-sc-e-mpt-sc-unem-esforcos-no-combate-ao-assedio-eleitoral-no-trabalho>. Acesso: 20/09/2024.

¹³¹ Referente a entrevista concedida em 2023 ao pesquisador.

assumirem a identidade sulista. Agora, os bolsonaristas promovem o orgulho branco, os avós e demais parentes integralistas como heróis, e o tema “O Sul é Meu País” passa a compor cada vez mais espaço nas conversas e manifestações nas redes sociais. Para além do mundo virtual, manifestações de racismo passaram a ser cada vez mais frequentes no *underground*. No evento Otacílio Rock Festival de 2023, segundo Larissa, um rapaz atribuiu a uma moça, depois de uma discussão, termos racistas. Ainda no mesmo ano, ao se recusar com uma banda declaradamente racista, teve uma cópia do CD de sua banda, Alocer, queimado por um dos membros da banda. “Esses são apenas alguns casos, há muitos outros que nem sempre ficamos sabendo”, afirma Larissa Meurer.

O racismo se mostra de diferentes formas em todos os lugares. Luciano afirma categoricamente:

Cara, durante o evento do Motocão (2023), numa cidade onde não existe nenhuma loja de camisetas de bandas, muito menos de bandas racistas, e a gente vê três jovens juntos, aqui no extremo oeste catarinense (São Miguel do Oeste), entre 19 e 20 anos, usando Graveland, Absurd e Burzum, é porque, possivelmente, já tem alguém ou um grupo (nazista) que apadrinhou os guris.

Assim como Larissa, Luciano e membros de várias outras bandas, como *Apocriphus*, *Black Baptism*, se recusam a se apresentar em eventos com bandas que apoiam pautas da extrema-direita. É comum entre os progressistas e demais defensores da democracia no meio *underground* manifestar a preocupação em esclarecer aos mais próximos os perigos e retrocessos sociais que o fascismo promove na sociedade. Durante as entrevistas comentaram, sem citar nomes, que alguns teriam se arrependido em ter votado no Bolsonaro depois do descaso com a Covid-19 e desrespeitado aqueles que faleceram vítimas desse vírus. Não vender livros e camisetas de determinados autores e bandas, como faz o Crippa¹³², e deixar de frequentar determinados espaços é um ato de resistência. Porém, o silêncio, o medo de cada discussão desencadear para outro patamar, o ato de cortar determinadas relações ou simplesmente “fingir” que está tudo bem” em detrimento de uma contraofensiva, parece estar se cristalizando. “Mesmo com os escândalos de compras de imóveis milionários com dinheiro vivo, com as ‘rachadinhas’, com aquelas joias que mostram a corrupção na cara, o povo ainda prefere o ‘Bozo’ que o

¹³² Concedeu uma entrevista ao pesquisador.

Lula. Estamos perdendo... Estamos perdendo e não há expectativa, significativa, de melhora”, afirmou Luciano.

Na eleição de 2022,¹³³ apesar da derrota de Jair Bolsonaro, Santa Catarina contribuiu positivamente para sua permanência. Na contagem geral do primeiro turno, Lula (PT) teve 48,43% dos votos válidos e 43,20% para Bolsonaro (PL). O estado de Santa Catarina contribuiu com 62,21% dos votos para Bolsonaro (PL) e apenas 29,54% para Lula (PT). No segundo turno se confirmou a vitória petistas, com uma diferença inferior a 2% dos votos válidos na contagem geral, Lula com 50,90% dos votos e Bolsonaro 49,10%. O estado de Santa Catarina teve 69,27% dos votos para Bolsonaro (PL) e 30,73% para o Lula (PT). Apesar de haver uma diminuição nos votos para a extrema-direita em relação às duas últimas eleições, a rejeição da esquerda é significativa.

Para reverter esse quadro, as organizações de políticas devem adotar uma abordagem mais dialógica, que promova a escuta ativa e a participação da população nas decisões políticas. Isso significa criar espaços onde as vozes dos cidadãos sejam ouvidas e consideradas, permitindo que eles contribuam para a formulação de políticas e propostas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo geral compreender o contexto histórico que proporcionou o fortalecimento do nacional-socialista no *black metal* em Santa Catarina (2014 - 2022) e como os progressistas têm reagido diante desse fenômeno.

Em meados dos anos de 1980, a partir do *heavy metal* surge o *black metal* como uma forma de resistência à indústria cultural e ao conservadorismo político e religioso. A partir de 2014 o discurso conservador, flertando com valores nazifascistas, tem aumentado no *underground* mundial. Neste contexto, foi possível documentar que essas manifestações adentraram a cena do Metal catarinense. Do mesmo modo, há um enfrentamento por aqueles que desejam que o *black metal* se mantenha alinhado com a política progressista que lhe deu origem. Assim, uma nova

¹³³ UOL. Eleições 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/analise/presidente-1-turno/os-estados-em-que-cada-candidato-foi-o-mais-votado/?uf=sc>. Acesso: 10/09/2024.

relação social se inicia, e temas políticos como conservadorismo, anticomunismo e direitos humanos, são debatidos na cena musical.

O resultado demonstrou que a crise neoliberal internacional que assolou o Brasil em 2008 somado com os problemas de corrupção na esfera política, atribuídos somente aos partidos de esquerda pelas mídias, contribuiu para que uma parcela da sociedade afetada não conseguisse ter uma perspectiva de melhorias no futuro. E, assim, parte da cena do Metal catarinense aderiu aos discursos mais radicais conservadores. Vale destacar que a herança histórica conservadora catarinense propicia um terreno fértil para a conexão com os valores da extrema-direita atual.

Na primeira parte da pesquisa foi mostrado como se construiu e consolidou historicamente o caráter conservador de Santa Catarina e como isso se manifesta entre os integrantes na cena do Metal. O governo brasileiro, a partir da crença da supremacia branca, respaldado pelas Teorias Raciais do século XIX, entre os séculos XIX e XX, promoveu a vinda de europeus para colonizar e desenvolver economicamente a região de Santa Catarina. Nas entrevistas todos citaram que acreditam ou conhecem pessoas que creem, que a qualidade de vida, ter emprego, escola de qualidade, está intrinsecamente associado à ascendência branca europeia. O próprio movimento separatista O Sul é Meu País, defendido por muitos roqueiros, têm tais crenças como premissas.

No segundo momento, sobre a proximidade com o nazismo, foi diagnosticada a admiração e respeito pelas bandas NS. Durante os anos de 1980 e até o final dos 1990, vários músicos e fãs de rock usaram símbolos nazistas para chamar a atenção. Era uma forma de rebeldia para agir contra normas sociais e políticas daquele momento. Ao serem questionados, negavam qualquer envolvimento com o nazismo e deixaram de usar esses símbolos. Dentro desse período, é crível que bandas como Sepultura e Placenta, realmente estavam falando a verdade. Pois, nunca houve nenhum material produzido que exaltasse características do nazismo. O mesmo não se aplica na cena catarinense atual.

A coleção de camisetas de bandas NS, como Graveland, Absurd, Burzum, Zorzir, Goatpenis, entre outras, bandeiras nazistas, zines, fotos de shows são

exibidas com orgulho durante as entrevistas. Afirmaram que no Vale do Itajaí a concentração e variedade de circulação desses materiais é comum entre as pessoas do meio, principalmente CDs, zines e camisetas. Aqui há um ponto relevante a ser destacado: o universo virtual não está mais em primeiro plano para a divulgação de determinados produtos devido à atuação da política federal. O uso de camisetas de bandas racistas no cotidiano é completamente liberado, além de não ter a suástica estampada, sendo a única coisa que poderia trazer algum tipo de problema, ninguém fora do meio consegue ler o que está escrito nelas. Em relação à simpatia pelo partido nazista, apesar de não terem conhecimento acadêmico a respeito, têm ciência do que o III Reich representou para o mundo. Acreditam na superioridade branca, mas nem por isso devem cometer violência contra pessoas de outras etnias. A descrença no genocídio judeu durante a Segunda Guerra Mundial gera até trocadilho: “Quem conta o ‘holoconto’, aumenta um morto”, do original “Quem conta um conto, aumenta um ponto”. Quando a banda Goatpenis, como foi documentado, por letra de música, fotos e postagens nas redes sociais, tem, sim, o nazifascismo em sua ideologia.

E, por fim, a adesão à extrema-direita se desenhou, segundo as entrevistas e publicações realizadas pelos roqueiros nas redes sociais, principalmente a partir da Operação Lava a Jato, em 2014. A crise neoliberal global de 2008 e a Operação Lava a Jato, que criminalizou o PT, são duas coisas diferentes, mas foi interpretada por parte do *black metal* catarinense como se fosse uma coisa só. Nesse contexto, a simpatia pelo militarismo, pela ditadura, como na década de 1970, agora (re) acende. O cristianismo deixa de ser o principal inimigo, como em sua origem nos anos de 1980, e se une ao passado fascista na luta contra a pluralidade política, contra os direitos progressistas conquistados (casamento entre as pessoas do mesmo sexo, pela democracia, ações afirmativas), e, principalmente, ao combate ao comunismo. Os progressistas resistem. Não participam de eventos com bandas conservadoras e evitam frequentar os mesmos ambientes. Apesar do assédio eleitoral praticado por algumas empresas, não se intimidam. Procuram sempre se manifestar publicamente quanto às suas preferências políticas e se posicionam contra eventuais ações fascistas, seja de algum prefeito ou governador.

As eleições presidenciais de 2014, com a vitória de Dilma Rousseff, e principalmente a eleição de 2018, com a chegada de Jair Bolsonaro ao poder, no Brasil dividiram não apenas a sociedade como também a cena do metal catarinense. Ainda que informalmente, ou seja, não institucionalizado, há disputas ideológicas partidárias (extrema-direita e esquerda) no seu interior. Neste contexto, o *black metal*, que teve seu passado marcado por bandas e roqueiros progressistas, agora divide espaço com a ala ainda mais radical, intolerante e autoritária: os conservadores.

Trata-se de uma pesquisa cultural, qualitativa, de natureza sociocultural, descritiva e exploratória. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, analisadas pela ótica da análise de conteúdo (Cardoso; Ghelli; Oliveira, 2021), com oito agentes da cena do Metal catarinense (progressistas e de extrema-direita) que participam do movimento há pelo menos dez anos, por vivenciarem o aumento da intensidade da discussão política na cena do Metal, devido aos períodos de eleições presidenciais (2014, 2018 e 2022). Para todos os convidados foram enviados o projeto de pesquisa e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Todas as entrevistas foram marcadas no dia, no horário e local, que melhor fosse para a pessoa entrevistada. Foi sinalizado a importância dele (a) para o avanço da historiografia catarinense na esfera cultural e a possibilidade do anonimato. Foi realizada uma revisão bibliográfica sobre *black metal*, história de Santa Catarina e nazifascismo no mundo e no Brasil. Em seguida, procurei postagens públicas de teor político nas plataformas virtuais (redes sociais e sites), referente ao período de 2014-2018. Como método de análise foi usado a pré-iconografia, iconografia e a iconologia, de Erwin Panofsky. A ideia central foi estabelecer diálogo entre as fontes e a bibliografia estudada. A escolha da banda Goatpenis, de Blumenau, se deu pelo fato de ser a mais antiga da cena catarinense. Se originou em 1988 com o nome Suppurated Fetus e em 1991 mudou para o nome atual. É conhecida pelo seu radicalismo, de prestígio nacional e internacionalmente, e sempre documentou nas redes sociais o ódio pelas pessoas e seu posicionamento político de cunho extrema-direita.

Como contribuição social, a pesquisa sobre o nazifascismo no estado de Santa Catarina ajuda a esclarecer o contexto histórico que proporcionou sua

proliferação, bem como suas pautas opressivas, discriminação, antidemocráticas que geram violência na sociedade. O mapeamento dessa vertente política proporciona a preservação da memória e identidade cultural do estado. Ao investigar as consequências do nazifascismo na cena do Metal catarinense, sendo um sintoma da política regional, global, é possível ampliar um diálogo mais aberto e inclusivo sobre questões históricas sensíveis e dar voz às diferentes narrativas silenciadas ou deturpadas por regimes autoritários. Outro benefício social é a promoção da educação e da conscientização da importância da manutenção de um regime democrático e dos valores dos direitos humanos e, conseqüentemente, as pessoas estarão mais críticas politicamente e vigilantes às ameaças à justiça social e à liberdade.

A hipótese inicial de haver um aumento significativo de NS no *black metal* catarinense foi confirmada. Os vestígios encontrados no mundo virtual e através das entrevistas ficou claro o crescente aumento do interesse pelas pautas nazifascistas entre os roqueiros da região. Apesar da derrota de Jair Bolsonaro na eleição presidencial de 2022, para muitos, continua sendo visto como a única alternativa para “salvar o Brasil”.

Acerca das limitações presentes neste trabalho destaca-se a falta de participação de entrevistas que representasse algumas bandas do estado. Por se tratar de um tema sensível, houve insegurança da parte dos integrantes em aceitar o convite. Tal feito vale registrar um desses momentos. Ao trocar informações com uma pessoa que se considera nazista, na expectativa que concedesse uma entrevista, ainda que no anonimato, tive como resposta: “Olha, você é graduado em História pela UDESC, tem especializações pelo IFSC, foi professor substituto lá (IFSC), e agora faz mestrado na UFFS. Quem me garante que, ao término da entrevista, não estará a polícia me esperando na esquina?” Essas palavras refletem que a pessoa tem ciência da gravidade de seus posicionamentos políticos. Certamente tem material nazista em sua residência, conhece quem compartilha os mesmos. A cautela em analisar o perfil do pesquisador nas redes sociais antes de aceitar ou não uma entrevista, indica ser uma pessoa bem informada, com critérios rigorosos com quem se abre para determinados assuntos.

Futuras investigações poderão ampliar a complexidade dessa pesquisa, destacando, por exemplo: o paradoxo das diferentes leis brasileiras que combatem o racismo, como Lei 7.716/89, Lei 9.459/97 e a Lei 14.532/2023, e a Lei 7.716/1989 que criminaliza a apologia ao nazismo, porém não interferem no uso de camisetas de bandas declaradamente racistas; analisar o perfil social dos integrantes do BM, destacando as trajetórias individuais, analisando suas formações educacionais e suas sociabilidades; e compreender e analisar as territorialidades dos grupos (espaços frequentados, economias que movimentam, formas como se auto-organizam).

REFERÊNCIAS

Depoimentos Orais

BARROS, **Karina Duffeck de Oliveira**. Depoimento: [Entrevista concedida] a Leandro Freitas Oliveira. Balneário Camboriú-SC, 17 fev. 2024.

BRAVO, Luciano Alfredo. **Luciano Alfredo Bravo**. Depoimento. [Entrevista concedida] a Leandro Freitas Oliveira. São Miguel do Oeste-SC, 18 ago. 2024.

CRIPPA, Adriano da Rosa. **Adriano da Rosa Crippa**: Depoimento. [Entrevista concedida] a Leandro Freitas Oliveira. Florianópolis-SC, 17 fev. 2024.

MEURER, Larissa. **Larissa Meurer**: Depoimento. [Entrevista concedida] a Leandro Freitas Oliveira. Jaraguá do Sul-SC, 23 jul. 2023.

OLIVEIRA, Márcio. **Márcio Oliveira**: Depoimento. [Entrevista concedida] a Leandro Freitas Oliveira. Mauá-SP, 25 jul. 2023.

PATEL, Douglas. **Douglas Patel**: Depoimento. [Entrevista concedida] a Leandro Freitas Oliveira. Taió-SC, 16 fev. 2023.

TELLES, Adnilson Rafael. **Adnilson Rafael Telles**. Depoimento. [Entrevista concedida] a Leandro Freitas Oliveira. Chapecó-SC, 21 set. 2023.

THIELEN, Guilherme da Rocha. **Guilherme da Rocha Thielen**. Depoimento. [Entrevista concedida] a Leandro Freitas Oliveira. Florianópolis-SC, 24 jul. 2023.

Bibliográficas

ALMEIDA, S.M.F. **HISTÓRIA E DANÇA**: perspectiva de produção historiográfica de com base na manifestação estética do rock ' n' roll nos anos 50. Dia a dia Educação. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1043-4.pdf>

ALMEIDA, A. **Os mitos do Poder Branco Paulista (1988 - 1992)**. São Paulo: Todas as Musas, 2022, 122p.

ANAZ, Silvio. **O que é rock**. Anaz, São Paulo: PooBooks. 2013.

AVRITZER, Leonardo. **Política e antipolítica a crise do governo Bolsonaro**. São Paulo: Todavia, 2020.

AVRITZER, Leonardo. **O PÊNDULO DA DEMOCRACIA NO BRASIL** Uma análise da crise 2013–2018. NOVOS ESTUD. CEBRAP. SÃO PAULO. V37. p. 273-289. 2018.

BAPTISTA, Érica Anita. **Corrupção e opinião pública: O escândalo da Lava Jato no governo Dilma Rousseff**.ese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.2017.

BAPTISTA, H. F. **Identificação de perfis falsos nas redes sociais**. Escola Superior de Tecnologia e Gestão. Leiria, setembro de 2019. Online. Disponível em:https://iconline.ipleiria.pt/bitstream/10400.8/4550/1/Identificacao_de_perfis_falsos_nas_redes_sociais_2170086.pdf. Acesso: 01/01/2024.

BARBOSA, I. L. **Proibição da linguagem neutra em Santa Catarina: a construção do pânico moral da criança, da língua portuguesa e da pessoa com deficiência em ameaça**. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política - Universidade Federal de Santa Catarina. 2023.

BELLO, A. **Origens, causas e consequências da polarização política**. Brasília, DF: Universidade de Brasília.2019.

BENTO, L. V. **Parâmetros internacionais do direito à liberdade de expressão**. Revista de Informação Legislativa (RIL), Brasília, a. 53, n. 210, p 93-115, abr./jun. 2016.

BRASIL, **Código de Processo Penal Brasileiro**: promulgado em 03 de outubro de 1941. Decreto-Lei nº 3.689 de 1941. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/DecretoLei/Del3689.htm . Acesso em 14 de dezembro de 2018.

BRASIL, **Código Penal**: promulgado em 7 de dezembro de 1940. Lei n.º 12.735, de 30 de novembro de 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/DecretoLei/Del2848.htm. Acesso em 15 de dezembro de 2018.

BRASIL. **Comissão Nacional da Verdade**. Relatório Brasília, 2014a. v. 1.

BRASIL. **Comissão Nacional da Verdade**. Relatório Brasília, 2014b. v. 2.

BRASIL. **Comissão Nacional da Verdade**. Relatório Brasília, 2014c. v. 3.

BRASIL. **Lei n. 12.528, de 18 de novembro de 2011**. Cria a Comissão Nacional da Verdade no âmbito da Casa Civil da Presidência da República. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Presidência da República, Brasília, DF, 18 nov. 2011.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília-DF: senado, 1988.

BRITO, I. C. F.; MELO, P. T. **Os "carecas do subúrbio" e o neofascismo na produção musical**. Periódico Científico Projeção, Direito e Sociedade. vol.5 nº 1.

BRAY, M. **Antifa: o manual antifascista**. São Paulo: Autonomia Literária, 2018.

CAMPBELL, K.J. **Joseph Goebbels: Propagandist**. American Intelligence Journal Vol. 30, No. 2 (2012), pp. 125-134. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/26202024>. Acesso: 02/02/2024.

CAMPOY, L. C. **Trevas Sobre a Luz**. O Underground do Heavy Metal Extremo no Brasil. São Paulo: Alameda Editorial, 2010.

CAMPOY, Leonardo Carbonieri. **O caminho da mão esquerda: o mal do Black Metal**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais - Universidade Federal do Rio De Janeiro. 2006.

CARDOSO, Márcia Regina Gonçalves; GHELLI, Kelma Gomes Mendonça; OLIVEIRA, Guilherme Saramago. **ANÁLISE DE CONTEÚDO: UMA METODOLOGIA DE PESQUISA QUALITATIVA**. Cadernos da Fucamp, v.20, n.43, p.98-111/2021.

CAVALCANTE, S. **Classe média e conservadorismo liberal**. In: Cruz, S. V.; Kaysel, A.; Cotas, G. (orgs.). Direita, volver! O retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, p. 177-196, 2015.

CITON, Marlon. **Do assassinato aos filhos de Caim: uma análise da cena Black Metal em Curitiba nos anos 1990**. História e-História, v. 1, p. 1-17, 2013.

CHRISTE, Ian. **Heavy Metal: A História Completa**. ARX, São Paulo, 2010.

CIOCCARI, D; PERSICHETTI, S. **A campanha eleitoral permanente de Jair Bolsonaro**: o deputado, o candidato e o presidente. Lumina, Juiz de Fora, v. 13, n. 3, p. 135-151, 2019

COMIM, A.A.G. **ROCK, ARTE E MERCADORIA**: Uma reflexão sobre a difusão do Rock e a Indústria Cultural. Monografia (graduação em Ciências Sociais). - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria - RS.p.34.2023.

COSTA, E. S; SILVA, R. C. **Crimes Cibernéticos e Investigação Policial**. Revista Eletrônica do Ministério Público do Estado do Piauí Ano 01 - Edição 02 - Jul/Dez 2021.

COUTO, C. G. **2014**: novas eleições críticas? Em Debate, Belo Horizonte, v.6, n.6, p.17-24, out. 2014.

DE LEMOS AZEVEDO, Desirée et al. **Espectros da ditadura**: da Comissão da Verdade ao bolsonarismo. Autonomia Literária, 2020.

DE PAULA, Luciane; LOPES, Ana Carolina Siani. **A eugenia de Bolsonaro**: leitura bakhtiniana de um projeto de holocausto à brasileira . Revista Linguagem, v. 35, n. 1, p. 35-76, 2020.

Deus, Larissa N; LIMA, Thais D. **A crise de 2008 e seus efeitos na economia brasileira**. Revista Cadernos de Economia, Chapecó, v. 17, n. 32, p. 52-65, jan./jun. 2013.

DIAS, A.A.M. OS **ANACRONAUTAS DO TEUTONISMO VIRTUAL**: Uma etnografia do neonazismo na internet. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. 2007.

DIAS, Rodolfo Palazzo; MAYER; Rodrigo. **A incubação da extrema-direita**: a rede de financiamento do PSL nas eleições de 2018. Revista de Sociologia e Política. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsocp/a/7JgtYdw5zrz4qFzVs7PXJMJ/?lang=pt&format=pdf>. Acesso: 08/12/2024.

DIETRICH, Ana M. **Nazismo Tropical?** O Partido Nazista no Brasil. 2007. p.301.Tese (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humana - Departamento de História. Programa de Pós-Graduação em História Social - Núcleo de Estudos em História Oral.USP. 2014.

ECO, U. **Ur-Fascism**. The New York Review, New York, 22 jun. 1995. Disponível em: <https://www.nybooks.com/articles/1995/06/22/ur-fascism/>. Acesso em: 24 jun. 2022.

EVANGELISTA, S.; DE SA, Simone Pereira. **Gêneros musicais, conservadorismo e nacionalismo**: trilhas sonoras da convocação a atos políticos em defesa da presidência brasileira. Intercom - RBCC São Paulo, v. 44, n. 2, p.175-188, maio/ago. 2021.

FANON, Frantz. **Pele Negra**. Máscaras Brancas. Tradução de Renato da Silveira. Rio de Janeiro: EDUFBA, p.199-205. 2008.

_____. **Os condenados da terra**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

FARIA, Daniel. **Anamorfose do dia 08 de maio de 1970 – ou: o mito em posição de alerta**. In: KLEM, Bruna; PEREIRA, Mateus; ARAUJO, Valdei (orgs.). Do fake ao fato: des(atualizando) Bolsonaro. Vitória: Editora Milfontes, 2020. p. 101-112.

FÁVERI, Marlene de. **Memórias de uma (outra) guerra**: cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina, 2ª ed. Itajaí Ed. Univali; Florianópolis: Ed. da UFSC, 2005.

FERNANDES, M. Luiz; BARCELLOS, B. Luíza. **Jornal A Notícia e o discurso nazista em Santa Catarina**.

FOLHA DE S. PAULO. “Em protesto contra 'kit gay', bancada evangélica mira Palocci” [on-line], 24 maio 2011. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/paywall/login.shtml?https://www1.folha.uol.com.br/poder/920455-em-protesto-contr-kit-gay-bancada-evangelica-mira-palocci.shtml>. Acesso: 24/08 2024.

_____. “Mais conservadora, Câmara deve barrar ações liberalizantes” [on-line], 8 out. 2014. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/10/1529052-mais-conservadora-camara-d-eve-barrar-aco-es-liberalizantes.shtml?mobile> . Acesso em: 12 ago. 2024.

_____. “Câmara aprova aumento de isenção tributária a igrejas” [on-line], 6 jun. 2015. Disponível em: <https://m.folha.uol.com.br/poder/2015/06/1638436-camara-aprova-aumento-de-isenc-ao-tributaria-a-igrejas.shtml>. Acesso em: 11 jun. 2024.

_____. “Deputados Evangélicos protestam contra parada gay”. [on-line], 10 jun. 2015. Disponível em: <https://m.folha.uol.com.br/poder/2015/06/1640504-bancada-evangelica-faz-manifesta>

cao-contra-parada-gay-e-reza-pai-nosso-no-plenario-da-camara.shtml . Acesso em: 07 ago. 2024.

GALVÃO, A; TATAGIBA, L. **OPINIÃO PÚBLICA**, Campinas, vol. 25, nº 1, jan.-abr., p. 63-96.2019.

GUIMARÃES, J. **Revisionismos e negacionismos históricos em decisões do Supremo Tribunal Federal [manuscrito]:** a comemoração institucional do golpe civil-militar brasileiro de 1964 como inconstitucionalidade /.Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Direito. 2022.

GONDO, R. M.; OLIVEIRA, L, M. **Crise política, pandêmica e social:** estudo do Governo Bolsonaro no contexto da COVID19 no Brasil. Revista Política, Globalidad y Ciudadanía | Vol. 8, Núm. 16, julio - diciembre 2022.

GROPPO, Luís Antonio. **ROCK: CULTURA, MERCADO E JUVENTUDE.** Disponível em:
<https://www.unifal-mg.edu.br/ocupacoessecundaristas/wp-content/uploads/sites/207/2021/08/2-Rock-cultura-mercado-e-juventude.pdf>. Acesso em: 01/10/2024.

HARAKEMIW, Rafael Antônio; VIEIRA, Tiago Vidal. **Crimes Cibernéticos.** Anais do 2º Simpósio Sustentabilidade e Contemporaneidade nas Ciências Sociais, 2014.

HERMICH. **Elementos políticos na pandemia.** Uma análise de fatos. Londrina: Toth. 2020.

HOBSBAWM, Eric J.; TERENCE, Ranger. **A invenção das tradições.** São Paulo: Paz e Terra, 2012.

JUNIOR, A.; BIANCO, E. **O processo de mitificação de Bolsonaro:** Messias, presidente do Brasil. Revista ECO-Pós, v. 22, n. 2, p. 88-111, 2019.

KALIL, I. **As origens do bolsonarismo.** Época, Rio de Janeiro, 13 dec. 2019. Disponível em:
<https://oglobo.globo.com/epoca/isabela-kalil/as-origens-do-bolsonarismo-1-24134678>
. Acesso: 19/07/2024.

LANDER, Edgardo (org). **A colonialidade do saber:** eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. CLACSO, Buenos Aires, Argentina. 2005.

LEITE, Vanessa. **“Em defesa das crianças e da família”:** Refletindo sobre discursos acionados por atores religiosos “conservadores” em controvérsias públicas

envolvendo gênero e sexualidade. Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos - CLAM, Rio de Janeiro, Brasil. 2019.

LESSA, S. **LUKÁCS**: o “falso socialmente necessário”.R. Katál., Florianópolis, v. 23, n. 3, p. 389-398, set./dez. 2020.

LIMA, S.A.L.; VINHAS. L.L. **O funcionamento da ideologia no discurso separatista**: uma análise de um texto vinculado ao movimento O Sul é o meu país. Caderno de Letras, nº 32, Set-Dez - 2018.

MACEDO, F.; AFFONSO, J. **Juízes repudiam ‘discurso de ódio’ de Bolsonaro**. Estadão, São Paulo, 11 dez. 2014. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/blog-do-fausto-macedo/juizes-repudiam-discurso-de-odio-de-bolsonaro/>. Acesso em: 20 mar. 2024.

MAIA, Bruna Soraia Ribeiro; MELO, Vico Dênis Sousa. **A colonialidade do poder e suas subjetividades**. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - UFJF v. 15 n. 2 Julho. 2020.

MARIANO, R e PIERUCCI, A F O. **Envolvimento dos pentecostais na eleição de Collor**. Novos Estudos Cebrap, v. no 1992, n. 34, p. 92-106, 1992.

MARIANO, R. **Análise sociológica do crescimento pentecostal no Brasil**. 2001. 253 f. Tese de Doutorado. Departamento de Sociologia, FFLCH-USP, São Paulo, 2001.

MARIANO, R. **Expansão pentecostal no Brasil**: o caso da Igreja Universal. São Paulo, 2004.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais**: Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Loyola, 2012.

MARPERO, D; RIBARIC, M. **Wolves among shee** - history and ideology of national socialist black metal. Publisher, Tsunami. 2015.

MENESES, Sônia. **Bolsonarismo**: um problema “de verdade” para a história. In: KLEM, Bruna; PEREIRA, Mateus; ARAUJO, Valdei (orgs.). Do fake ao fato: des(atualizando) Bolsonaro. Vitória: Editora Milfontes, 2020. p. 43-56.

MILMAN, Luis. **Holocausto Verdade e Preconceito**. Revista Espaço Acadêmico. n.43, 2004.

MORAES, Lucas Lopes de. **"Hordas do Metal Negro"**: Guerra e Aliança na Cena Black Metal Paulista. São Paulo, 2014. 218 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós-Graduação do Departamento de Antropologia da

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2014.

MORAES, Luís Edmundo de Souza. **“O Revisionismo Negacionista”** In: SANTOS, Ricardo Pinto dos (org.) Enciclopédias de Guerras e Revoluções do século XX. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

NEUMANN, Ricardo. **Arquivos Pessoais, História Oral, Blogs e Rock Alternativo.** RESGATE - VOL. XXII, N.27 - JAN./JUN. 2014.

OLIVEIRA, L. F. **Diáspora Haitiana em São Miguel do Oeste (2014 - 2021).** In: José Carlos Radin e Isabel Rosa Gritti. (Org.). Eternos migrantes: em busca da terra prometida. 1ed.Passo Fundo - RS: Acervus, 2022, v. 1, p. 123-140.

OLIVEIRA, L. F. **ALVORECER DAS LÂMINAS: O Desenvolvimento do Black Metal Em Santa Catarina (1988-2015).** Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade do Estado de Santa Catarina. 2016.

OLIVEIRA, Pedro Carvalho. **Rock e neofascismos na América Latina.** Revista nuestraAmérica, v. 7, n. 13, p. 126-144, 2019.

OLIVEIRA, Rafaela Coelho; ROCHA, Vanessa Chaves Ferreira, ROCHA. **A INFLUÊNCIA DO CONSERVADORISMO NEOPENTECOSTAL NA POLÍTICA BRASILEIRA.** Monografia. Serviço Social. UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. 2022.

PANOFSKY. E. **Significado nas Artes Visuais.** Trad. M. C. F. Keese e J. Guinsburg 3a. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

PAULA, LF; MODENESI, A.; PIRES, MCC. **A história do contágio de dois crises e respostas políticas no Brasil: um caso de coordenação de políticas (keynesianas).** Jornal da Economia Pós-Keynesiana, v.37, n.3, p.408-35, 2015.

POCHMANN, M. **O trabalho na crise econômica no Brasil: primeiros sinais.** ESTUDOS AVANÇADOS 23 (66), 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/9fsNyxrnbGcRFF9FPGZpFcz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso: 20/05/2024.

PROST, Antoine. **Doze lições sobre a história.** Belo Horizonte: Autêntica Editora , 2008.

RIBEIRO, R.R.HITLER – **DO PROFETA AO ARQUITETO DA “ERA DA CATÁSTROFE”**: A construção da imagem do Führer no filme O Triunfo da Vontade. Revista de humanidades. V. 04. N. 09, fev./mar. de 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/191/178>. Acesso: 30/12/2023.

ROESLER, R. **WEB 2.0**: Interações Sociais e Construção do Conhecimento. VII SIMPED – Simpósio Pedagógico e Pesquisas em Educação - 2012. Disponível em: <https://www.aedb.br/wp-content/uploads/2015/04/45817495.pdf>. Acesso: 02/01/2024.

ROCHEDO, Aline. **Um olhar sobre o livro, Rock and Roll**: Uma História Social. Cadernos do Tempo Presente, São Cristóvão, n. 13, p. 71 – 75, jul./set. 2013.

SILVA, Michel Goulart. **O golpe de 1964 e a atuação política da Campanha da Mulher pela Democracia em Santa Catarina**. Revista espaço acadêmico — agosto de 2014. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/23519/13307>. Acesso: 01/07/2024.

ROSA, Alexandre Moraes da; KHALED JR, Salah. **Resistência Heavy Metal ao Poder Punitivo**, (2014). Disponível em: <http://justificando.cartacapital.com.br/>.

SAID, Edward. Cultura e Política. Emir Sader (Org.). Trad. Luiz Bernardo Pericás. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

SANTOS SILVA, Melina Aparecida; POLIVANOV, Beatriz. **"Mar de camisas pretas"**: camisas de bandas como mediadoras de sentidos e experiências na cena do heavy metal. Logos, v. 22, n. 2, 2015.

SINGER, André. Mudou o rock ou mudaram os roqueiros?. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, v. 2, p. 57-61, 1985.

QUIJANO, Aníbal. **"Colonialidade do poder, eurocetrismo e América Latina"**. LANDER, Edgardo (org). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. CLACSO, Buenos Aires, Argentina. 2005.

SARMENTO, L. **Indústria Cultural**, Cultura de Massa e Contracultura. INTERCOM SUDESTE 2006 – XI Simpósio de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. Ribeirão Preto, SP - 22 a 24 de maio de 2006.

SILVA, M. A. S.; POLIVANOV, B. **"Mar de camisas pretas"**: camisas de bandas como mediadoras de sentidos e experiências na cena do heavy metal. Logos, v. 22, n. 2, 2015.

SILVA, M.G. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**. Ano IV, vol. 12, n. 34, Boa Vista, 2022.

SCHARGEL, S. **Uma breve história das mentiras fascistas**. Revista Hurbinek. Vol.2, N.3, JAN-JUL 2023. PUC-RIO.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930** – São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARCZ, L. M. “**As teorias raciais, uma construção histórica de finais do século XIX**. O contexto brasileiro”. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz; QUEIROZ, Renato da Silva (org.). *Raça e diversidade*. São Paulo: EDUSP, 1996.

SOUSA, I. J. **Bem antes da eleição: uma análise da campanha permanente promovida por Bolsonaro durante a 55ª legislatura (2015-2018)**. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM COMUNICAÇÃO E POLÍTICA (COMPOLÍTICA), 8., 2019, Brasília, DF. Anais [...]. Brasília, DF: UnB, 2019.

STEINMACHER, Gustavo. **We know you won't like it, but who cares?: impressões da cena de rock underground na Grande Florianópolis (1992-1999)**. Revista Santa Catarina em História – Florianópolis – UFSC – Brasil ISSN 1984-3968, v.12, n.1-2, 2018.

VALLE, M.R. **1968: O diálogo é a violência - movimento estudantil e ditadura militar no Brasil**. 2º ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008.

TATAGIBA, Luciana; GALVÃO, Andreia. **Os protestos no Brasil em tempos de crise (2011-2016)**. Opinião Pública, v. 25, n. 1, p. 63-96, 2019.

TELES, Kalo; SILVA, Brenda. CNN. Eleições 2022. **Campanha de Bolsonaro ainda tem R\$ 55 milhões para gastar e a de Lula, R\$ 38 milhões**. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/campanha-de-bolsonaro-ainda-tem-r-55-milhoes-para-gastar-e-a-de-lula-r-38-milhoes/>. Acesso: 06/12/2024.

VANZELA, Alexsander. **EXPLORANDO AS ESCALAS PENTATÔNICAS NA GUITARRA ELÉTRICA**. Revista da Universidade Vale do Rio Verde, Três Corações, v. 12, n. 2, p. 51-58, ago./dez. 2014.

ZANELATTO, J. H. **O Nazismo e o Integralismo em Santa Catarina**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011.

ZANELATTO, J.H. **INTEGRALISMO: o fascismo brasileiro em Santa Catarina**. Revista História em Reflexão: Vol. 5 n. 9 – UFGD - Dourado. 2011.

Sites pesquisados

<https://www.geledes.org.br>

<https://www.kerrang.com/satanic-terrorism-grips-britain>

<https://www.ihu.unisinos.br>

<https://inacreditavel.com.br>

<https://www.metal-archives.com>

<https://aventurasnahistoria.uol.com.br>

<http://rockdissidente.blogspot.com/2013/10/>

<https://combaterock.blogosfera.uol.com.br>

https://www.burzum.org/eng/library/2010_interview_metalscript.shtml

<https://www.metal-archives.com>

<https://www.planalto.gov.br>

<https://www.rockdigital.com.br/mayhem>

<https://www.adl.org/resources/hate-symbol/blood-honour>